

VOLUME I

Romero Nepomuceno

organizadores

Marcos da Silva Sales

Helciclever Barros da Silva Sales

André Luís Gomes

Teatro de Romero Nepomuceno

VOLUME **I**

Romero Nepomuceno

organizadores

Marcos da Silva Sales

Helciclever Barros da Silva Sales

André Luís Gomes

Teatro de Romero Nepomuceno

| São Paulo | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

N441t

Nepomuceno, Romero - Teatro de Romero Nepomuceno / Romero Nepomuceno; organização Marcos da Silva Sales, Helciclever Barros da Silva Sales, André Luís Gomes. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

v. 1

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-845-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.98454

1. Teatro brasileiro. 2. Dramaturgia. 3. Romero Neponucemo. 4. Arte. I. Nepomuceno, Romero. II. Sales, Marcos da Silva (Org.). III. Sales, Helciclever Barros da Silva (Org.). IV. Gomes, André Luís (Org.). V. Título.

CDD: 792.0981

Índice para catálogo sistemático

I. Arte – Teatro brasileiro

Simone Sales – Bibliotecária – CRB: ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 o autor.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

| | |
|------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| Direção editorial | Patrícia Biegging Raul Inácio Busarello |
| Editora executiva | Patrícia Biegging |
| Coordenadora editorial | Landressa Rita Schiefelbein |
| Assistente editorial | Bianca Biegging |
| Diretor de criação | Raul Inácio Busarello |
| Assistente de arte | Naiara Von Groll |
| Editoração eletrônica | Andressa Karina Voltolini Potira Manoela de Moraes |
| Imagens da capa | Antônio Alberto Nepomuceno |
| Tipografias | Acumin, Abril, Sofia Pro |
| Revisão | Tascieli Fentrin |
| Organizadores | Marcos da Silva Sales Helciclever Barros da Silva Sales André Luís Gomes |

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski

Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva

Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand

Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah

Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes

Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos

Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa de Amaral Caffagni

Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins

Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein

Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues

Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva

Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidade Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patrícia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomuceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil



PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Teatro
de Romero
Nepomuceno



DEDICATÓRIA

*Para Sonia, minha
companheira de muitas lutas!*

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------|-----|
| Prefácio | 10 |
| A Fábrica | 17 |
| O Homem sem cabeça..... | 59 |
| O Príncipe de Quok..... | 96 |
| Nós, os Humanos | 128 |
| O Corpo | 154 |
| Posfácio..... | 179 |
| Sobre os organizadores | 182 |
| Biografia do Autor | 184 |



PREFÁCIO

A peça *A Fábrica* narra a história de uma empresa especializada em construir “bolhas” que são comercializadas em todo país. A trama tem como enredo principal a crise de matérias primas das caldeiras onde são produzidas as “bolhas”. Com a escassez de madeira para manter as caldeiras em funcionamento, a direção da empresa decide queimar os corpos dos trabalhadores idosos voluntários, como combustível. O texto não é contado de maneira linear, mas em fragmentos que vão se encaixando no final da trama. Assim, as cenas são construídas em blocos únicos, não tendo ligação com a anterior ou posterior. Cada qual pode ser encenada separadamente, a ordem das cenas pode ser alterada sem comprometer a compreensão do texto.

Nessa obra é possível perceber grande influência de Albert Camus, assim como percebe-se como o autor dramatiza importantes reflexões sobre a condição humana e a exploração do homem. Semelhanças com textos de Samuel Beckett, tendo em vista a concepção de personagens absurdos e nada realistas. Como foi dito, as personagens não têm nome, o que pode ser entendido como uma forte influência de Bertolt Brecht, que adota o mesmo recurso em várias peças, entre elas: *O casamento do Pequeno Burguês* (1921), *O Mendigo e o Cão Morto* (1920); *A Exceção e a Regra* (1930), uma vez que as personagens representam instituições sociais e não indivíduos. Além disso, Nepomuceno não marca tempo nem espaço dos acontecimentos, sem regionalismo ou sugestão de data ou ano, pois o autor propõe uma reflexão crítica sobre o ser humano. Segundo o autor em entrevista concedida aos organizadores, refletir sobre o próprio homem e sua existência é o sentido principal de sua obra.

SUMÁRIO



SUMÁRIO

N'A *Fábrica*, percebe-se que as relações de poder traçadas entre uma elite econômica e política para manter seu lucro a qualquer custo. No decorrer da peça, o dramaturgo propõe discutir quatro temas centrais, que segundo ele, são responsáveis em manter a escravização de grande parte da população: o racismo estrutural, as instituições religiosas, o protestantismo, o catolicismo e a cultura da família machista patriarcal. Neste sentido, a peça reproduz um sistema macroeconômico em que seus operadores pretendem lucrar a qualquer custo, levando à escravização e à subjugação do ser humano, sem levar em consideração a necessidade de fazer o país crescer de maneira independente, ou seja, o lucro é mais importante do que qualquer proposta de desenvolvimento do país. Temas como esses são também retratados no texto *A Exceção e a Regra* (1930), de Brecht, que trata do julgamento de um comerciante rico, que durante uma viagem de negócios pelo deserto, matou o homem que lhe servia de carregador e guia. Entre os vários temas presentes na peça, ficam evidentes as relações econômicas das instituições com o estado, as relações de poder entre os indivíduos e a lógica do mercado financeiro.

Em *O Homem sem cabeça*, nota-se que, apesar dos avanços tecnológicos e científicos alcançados pelo homem, principalmente no último século, a quais proporcionou acesso à saúde, à educação, aos bens e serviços e ao tempo para lazer surgiu uma exigência complexa: o homem contemporâneo precisa buscar o sucesso e as considerações de seus pares!

Perseguir a conquista financeira e buscar ser melhor em todos os campos da vida intelectual; nas relações interior pessoais, é uma busca frenética da construção de competência infundável. Isso seria um suposto caminho da felicidade!

Preso a convenções sociais e a obrigações familiares, mas cansado do modo de vida que leva, a personagem toma uma decisão aparentemente simples, mas que irá mudar toda sua existência. Ela decide cortar a própria cabeça.



SUMÁRIO

Em um suposto encontro que ocorre em seu quarto, ele tem a oportunidade de conversar com suas várias personalidades que foram construídas ao longo de sua existência: o jovem, o sonhador seu presente e passado. Nessa conversa, passa a refletir sobre as escolhas tomadas ao longo da vida. Quais são suas reais necessidades, sonhos e desejos que foram deixadas para trás ao longo dos anos. Após longa conversa com seus vários eus o personagem decide tomar de decepar sua própria cabeça!

Para isso utiliza uma pequena cerra que se encontrava dentro de seu guarda-roupa. O que poderia ser a descrição de uma cena violenta e absurda é narrado pelo próprio personagem como um ato de leveza e satisfação. Com o fim de sua cabeça, a personagem torna-se leve e descontraída, pois coloca fim às suas obrigações e às suas convenções sociais. Passa a viver de modo livre, sem amarras ou convecções sociais.

No entanto essa liberdade autêntica de fazer o que lhe der vontade, sem dar explicações a ninguém, custa para o homem sem cabeça o preço do estranhamento dos colegas de trabalho, a indiferença dos vizinhos e amigos e o abandono de sua companheira, que não consegue conviver com aquele homem sem cabeça. Com esses acontecimentos colhendo a reação de amigos e familiares, o homem sem cabeça percebe que a liberdade total não é suportada na sociedade da qual ele é membro. Assim, ao voltar à latrina para buscar a sua cabeça, ele entra em desespero e tenta resgatá-la nas profundezas do esgoto, mas isso não é possível, restando a ele apenas viver com suas verdades e em companhia da solidão.

A peça *O Príncipe de Quok* pode ser lida como uma irreverente alegoria da história política e econômica brasileira, sobretudo em relação ao uso patrimonialista e expropriatório dos cofres públicos.

Desde o império, o Brasil impõe elevada carga tributária à população, imolando principalmente os mais pobres. Ao morrer, o rei

de Quok legou a seu filho e a seu reino apenas a sua prodigalidade, o que deixou os conselheiros da terra de Quok extremamente alarmados com a possibilidade de perderem os seus privilégios e vida regalada, à custa do povo quokiano, o que traz à cena o fantasma da necessidade de trabalhar, algo que eles nunca precisaram fazer.

Toda a peça, sob a roupagem do gênero conto de fadas, versa sobre os “dilemas” dos aristocratas, de modo que o povo somente é mencionado pelo Conselheiro-Chefe justamente para informar ao príncipe de Quok sobre a impossibilidade de tributar mais os súditos, pois esses não têm mais como serem dilapidados via impostos. Assim, a discussão sobre a situação econômica do reino de Quok não inclui nada além das preocupações dos nobres quanto ao retorno de seus status quo. A saída para “salvar” o reino é casar o príncipe de dez anos com uma velha, em troca de dote.

Dessa forma, o estado põe-se à venda na figura de seu representante maior, situação costumeira em todos as monarquias europeias ao longo da história, inclusive a monarquia portuguesa que se refugiou no Brasil, que, nessa perspectiva, o País pode ser entendido como o povo pobre de Quok e a coroa lusitana, a nobreza quokiana.

Para além de uma leitura histórica do império brasileiro, a peça de Romero Nepomuceno tem índices interpretativos próprios do Brasil moderno e contemporâneo, visto que o Estado brasileiro continua sendo disputado por grupos e elites atrasadas, interessadas somente na manutenção de poderes e privilégios. Nepomuceno não oferece alternativa ou solução para uma necessária reforma estatal entre nós.

A peça conclui-se nos moldes do *happy end* típico dos contos de fadas, pois o príncipe, já adulto, finalmente se casa com sua amada Nyana, contudo, apenas são restaurados o estado das coisas e os respectivos privilégios da nobreza, ainda que haja algum contágio interclasses sociais, dado que Nyana, filha do armeiro,



SUMÁRIO

Z plebeia, e ainda que o Conselheiro-Chefe e a velha que desposaria o príncipe tenham sido condenados por toda a eternidade a uma prisão monetária, "casando-se" para sempre com o que mais apreciavam: o vil metal.

Já *Nós, os Humanos*, flerta com o teatro beckettiano e com a filosofia literária camusiana, brincando de maneira séria com a necessidade humana de impor ordem ao caos. Assim, é a necessidade humana de ler cosmeticamente a realidade.

Peça de fôlego e com alta densidade sígnica, nesta a pensão de dona Irene é palco das angústias de Fontinelli e Marília, que, paradoxalmente, ocupam quartos diferentes, mas exatamente iguais em termos de organização de móveis e composição geral. No entanto, cada um vê ou diz que vê as incríveis mudanças ou a ilusão de mudanças nas paredes dos respectivos quartos ao seu modo.

Fontinelli passa noites inteiras tentando reorganizar seu quarto, diante de uma aparição de algo ou de alguém não revelado para o leitor, o que contribui para amplificar a necessidade do próprio leitor de colocar sua própria compreensão da peça em ordem. Dessa maneira, transfere-se ao leitor e ao potencial espectador da peça montada o caos das ideias e as angústias das personagens.

Desesperado, Fontinelli recorre à polícia e logo desiste dessa possibilidade de ajuda. Depois, aciona o corpo de bombeiros, que analisa a cena tida por caótica e retira amostras, concluindo ao cabo pela regularidade de tudo, sob o jugo e o império do dado estatístico que ordena e predita a realidade.

Não se pode deixar de notar o inusitado de o corpo de bombeiros realizar tal trabalho e considerações, mas como não se sabe ao certo do que trata o problema, isso impede o leitor de realizar uma avaliação de pertinência mais consistente.



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Portas e janelas estão dispostas em paredes imaginárias. A única referência de organização é temporal, visto que há um relógio de pêndulo na sala de jantar, espaço de uso comum da pensão. Há também um jardim compondo a cena. Dona Irene encontra-se com um dos bombeiros na rua e eles travam longa conversa sobre uma aparição ou desapareção de um homem. Ao cabo, a dona da pensão revela aos hóspedes Marília e Fontinelli que seu quarto ostenta as mesmas transformações dos deles. Assim, todos podem tranquilizar-se pelo retorno do cosmos, posto que o que parecia ser algo estranho, fantástico ou invulgar, assola a todos da cidade. Ao aceitarmos o imponderável como algo comum e logicamente ordenado e coordenado, aceitamos nossa caótica humanidade.

Tal como Antígona deseja dar a seu irmão o devido cortejo fúnebre, o velho e o jovem, na peça *O Corpo*, almejam dar destino funerário ao enforcado, que não sabemos que é, como morreu, se assassinado ou se morto pelas próprias mãos. De algum modo, todos na peça se conhecem, ao mesmo tempo em que nada ou pouco sabem ou conhecem entre si.

Para o velho, o que importa é que o corpo já não tem vida. Para o errante, o cavalo personificado, o que importa é a vida que o corpo teve. Ao cabo, o que realmente importa parece ser o fato de que todos somos grãos de areia, e areia é areia tão-somente, pois todos somos iguais e, no fim de tudo, voltamos a integrar o deserto do nada, do pó, da areia.

Se quisermos ser lembrados, que não seja pela poda da imaginação dos outros, que empinam suas pipas, seus sonhos e desejos. Ao ler a peça de Romero, a questão que nos fica é refletir e indagar sobre o que seria dito sobre nós se tivéssemos na condição de um corpo que faleceu pelo pêndulo da força e pela força do esquecimento.

O que falaríamos sobre nós, se quem nos achasse nada soubesse de nós? Qual seria a destinação do nosso corpo em situação

de indignância e anonimato completo? Na peça o senhor que demandou os “serviços funerários” do jovem e do velho não se dignou a dar informações suficientemente claras a esses dois. O problema não é o que se faz quanto ao enterro do corpo, pois esse aglutina-se em qualquer parte da terra ou da areia, como fora representado na peça.

A verdadeira questão problemática é quando nos deparamos com o enterro da memória do sujeito, da história de vida e da importância existencial do que doravante passa a ser apenas um corpo, que deixa eternamente de ser sujeito para confundir-se com o nada.

A referência aos enterros ou cortejos fúnebres clássicos da literatura grega nos informa que o crucial da história humana é ter sua memória eternizada, por meio da rememoração dos atos e ações realizados durante a vida, pois, para os gregos, a vida pública é uma conquista da civilização, e o homem para tanto deve ter vida pública, pois somente assim será lembrado pelos seus feitos nas artes, na política e na guerra. Um corpo sem essas referências converte-se em algo que nunca existiu. Assim, estar vivo e não ter história e memória é já estar morto e enterrado, uma vertente mnemônica da catalepsia, que sempre nos assombrou ao longo dos tempos.

Brasília, inverno de 2023.

Marcos da Silva Sales

Helciclever Barros da Silva Sales

André Luís Gomes



SUMÁRIO



A FÁBRICA

*O LABOR SALVA O CORPO
PARA CORROMPER A ALMA,
(DO LIVRO DOS DEUSES)*

CENA I

(A admissão)

PERSONAGENS:

- *Entrevistador (Possui diversos tiques nervosos e um comportamento que denota algum distúrbio mental);*
- *Secretária;*
- *Empregado.*

CENÁRIO:

Ambiente de escritório. Uma mesa para a Secretária e outra para o Entrevistador, com microcomputadores e telefones. Dependurada na parede uma foto da fábrica e a logomarca da empresa. Na sala do Entrevistador uma máquina fotográfica apoiada em um tripé.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão “A admissão”).

Empregado: *(Luzes. Entra o Empregado segurando um jornal)*
Boa tarde!

Secretária: *(Digitando)* Boa tarde. *(Continua digitando)* Pois não?

Empregado: É sobre o anúncio do jornal.

Secretária: O senhor marcou entrevista?

Empregado: Sim, para as dezessete horas.

SUMÁRIO

Secretária: *(Consultando a agenda eletrônica)* Deixe-me ver aqui na agenda. Ah! O senhor é o especialista!? Ele está lhe aguardando. Vou avisá-lo que você chegou. *(Ao telefone)* Alô? Doutor, o especialista chegou. O senhor pode recebê-lo agora?

Entrevistador: Chegou?! Claro, claro!

Secretária: *(Dirigindo-se ao empregado)*. Por favor, entre. O Doutor está esperando. *(Ela abre a porta da sala do Entrevistador. O telefone toca)*.

Entrevistador: *(Atendendo ao telefone)*. Alô?

Empregado: *(Entra na sala do Entrevistador)*.

Entrevistador: *(Acenando para o Empregado se sentar)* Alô? Alô? Fale mais alto. Não estou ouvindo. Ah! Assim está melhor. Como? Claro, claro, estamos trabalhando para isso. Acredito que até o final da semana esteja tudo resolvido. Profissionais desse porte são difíceis de encontrar. Se tivermos sorte, acredito que até o final da semana poderemos efetuar a contratação. Isso... Isso... Isso. Vamos aguardar. Até mais logo. Tchau, tchau.

Empregado: *(Observa atentamente a foto na parede)*.

Entrevistador: Gostou!? Esta é a foto da Fábrica. Foi tirada há muito tempo, quando estávamos iniciando o projeto. Veja como a distribuição arquitetônica é magnífica! Lembra meus tempos de criança, na época em que eu brincava de dominó.

Empregado: É, de fato parece um jogo de dominó! Será que não é?!?

Entrevistador: Observe! São sete prédios de um lado e nove do outro. Cada prédio destes possui uma função específica. Nestes dois espigões, ao centro, trabalha toda a diretoria. É aqui que as decisões políticas são tomadas.

SUMÁRIO



SUMÁRIO

Empregado: E este prédio?

Entrevistador: Este espaço é consagrado aos cultos. Aqui residem as autoridades do clero. São homens importantíssimos no processo de consumo.

Empregado: E este outro prédio aqui?

Entrevistador: Ah! Neste fica a fábrica propriamente dita. Os demais são acessórios. Na verdade, todo o processo de construção ocorre aqui. Não que os demais sejam desnecessários, não, não. Ao contrário, são de suma importância para a consecução de nossos objetivos. Mas a produção propriamente dita, essa ocorre aqui.

Empregado: E o que vocês constroem?

Entrevistador: O senhor ainda não foi informado!? Que imperdoável! Construimos bolhas. As melhores do mercado!! Nossa empresa tem um futuro brilhante e está em alta no mercado! Já conquistamos diversos prêmios de qualidade e nossos colaboradores se preparam para atingir metas inalcançáveis, impensáveis!! Somos uma família que trabalha duro em nome do progresso. Não é magnânimo!?

Empregado: (*Admirado*) Bolhas!?

Entrevistador: Sim. Bolhas de sabão.

Empregado: Que coisa incrível! Vejo que vim ao lugar certo.

Entrevistador: Já atingimos a marca de dois milhões de bolhas diárias. Um fato histórico. Inédito no nosso meio de produção. Temos muito orgulho dessa marca.

Empregado: De fato é motivo de orgulho. Poucas empresas conseguiram a marca de dois milhões de bolhas diárias.



SUMÁRIO

Entrevistador: *(Apontando para o retrato da parede)* Está vendo esta cúpula aqui?

Empregado: Sim, vejo.

Entrevistador: Este é o motivo do nosso sucesso. Depois que a diretoria incrementou a produção tivemos alguns problemas com a estocagem. Então, nosso Departamento de Dificuldades sugeriu à diretoria erguer esta redoma de vidro em volta de toda a fábrica visando à utilização dos espaços vazios entre os prédios e a redoma, como galpão de estocagem. É bonito de se ver, ali da praça, aquelas bolhas transparentes subindo e descendo ao sabor dos ventos.

Empregado: E são de que tamanho?

Entrevistador: Produzimos as melhores do mercado. São de vinte centímetros de diâmetro. Do tamanho de uma cabeça humana.

Empregado: Realmente... São de grande valor! Percebo que vim procurar emprego no lugar certo.

Entrevistador: Você não é um especialista?

Empregado: Sim, sou.

Entrevistador: *(Como quem lembra de súbito)* Ah! Sim, eu estava me esquecendo. O senhor veio para a entrevista. Tenho que entrevistá-lo. *(Procurando nas gavetas da mesa)* Onde deixei meu manual de entrevista? Aguarde só um momento. Bem, aqui está ele. O senhor já está pronto para a entrevista?

Empregado: Acho que sim.



SUMÁRIO

Entrevistador: Não é necessário ficar ansioso, pode relaxar. O processo é simples: farei algumas perguntas que constam do manual; o senhor responde; minha secretária anota; e pronto. São coisas simples, nada assustadoras. *(Ele chama sua secretária, que toma seu assento à mesa com a finalidade de digitar toda a conversa. Doravante tudo que disserem será anotado pela Secretária, até o final desta cena).* Pronto? Podemos começar?

Empregado: *(Ajustando o corpo na cadeira).* Pronto.

Entrevistador: *(Folheando o manual)* Bem... Bem... Esta pergunta não é necessária, o senhor é um especialista. Não é conveniente perguntar isso a um especialista. Bem, esta aqui também não. Nem esta. Esta também não. O que posso perguntá-lo, então?! Talvez esta. Bem, vejamos. Esta aqui. *(Lendo no manual)* Qual a sua pretensão salarial?

Empregado: *(Depois de muito pensar).* Eu gostaria de um grande salário. O suficiente para minhas despesas familiares, com uma pequena folga para os excessos, algumas inutilidades. Passar o tempo ocioso.

Entrevistador: Bela resposta. *(Verificando o manual)* Este quesito... Acho que não devo ser tão indiscreto. Ah! Vamos ver este... *(Lendo no manual)* Atualmente o senhor está empregado?

Empregado: Não.

Entrevistador: Que ótimo! Então o senhor está disponível no momento. *(Lendo o manual)* Qual a empresa que o senhor trabalhava anteriormente?

Empregado: Numa grande empresa... Estatal.



SUMÁRIO

Entrevistador: (*Admirado*) Que bom! Magnífico! (*Depois de examinar o manual*). O manual orienta que devo fazer esta pergunta caso o entrevistado seja da iniciativa pública. Bem, a pergunta é a seguinte: O senhor acha que adaptaria suas atividades aos serviços privados?

Empregado: Não entendi a pergunta muito bem.

Entrevistador: Também não. Mas o senhor pode responder da melhor maneira que lhe aprouver.

Empregado: Mas ela está anotando tudo.

Entrevistador: Essa é a função dela: anotar o que falamos. A minha é entrevistar. A sua é responder às perguntas. Não se preocupe, quando terminarmos a entrevista, todas as anotações serão jogadas no lixo. Este documento não sairá daqui desta sala. Portanto, você pode responder da maneira que lhe convier.

Empregado: Qual é mesmo a pergunta?

Entrevistador: (*Lendo o manual*) O senhor acha que adaptaria suas atividades aos serviços privados?

Empregado: Meus esforços sempre se convergiram para a construção de bolhas. Não percebo diferença entre a construção de bolhas na iniciativa privada ou pública. Serei contratado para construir bolhas. Isso é o que farei, aqui ou em qualquer outro lugar, essa é a minha especialidade.

Entrevistador: Magnânimo!!! (*Dirigindo-se à Secretária*) Por favor, não deixe de anotar isso. Essa resposta foi simplesmente magnânima. Isso é que é grandeza d'alma! Vejamos outra pergunta. (*Lendo no manual*) O candidato possui família?



SUMÁRIO

Empregado: Sim. Eu, minha mulher, meu filho e meu pai com mais de setenta anos.

Entrevistador: *(Mostrando grande interesse)* O seu pai!? Ele tem mais de setenta anos?! Se ele desejar, poderemos arrumar uma colocação para ele aqui na fábrica.

Empregado: Se for do seu interesse, posso falar com ele.

Entrevistador: *(Interrompendo)* Quanto à moradia, o senhor não tem com que se preocupar. A sua família é numerosa, um pouco fora dos padrões, mas acho que podemos conseguir acomodações, aqui mesmo nas dependências da fábrica.

Empregado: Terei que pagar quanto por isso?

Entrevistador: Nada. Está incluso no salário indireto.

Empregado: Então estou contratado!?

Entrevistador: Ainda não. Preciso perguntar mais algumas coisas. Só formalidade. *(Consultando o manual)* Qual a cor dos seus olhos?

Empregado: Castanho-escuro.

Entrevistador: *(Com toda naturalidade e sem evidenciar apoio ou não às teorias das diferenças, que rechaçam a mestiçagem)* Castanho-escuro!!! Desculpe-me por perguntar, é que este quesito está aqui no manual e eu tenho que anotar isso, mas, ocorre que sou daltônico. Na verdade, sou mal-educado para as cores. Não as vejo muito bem. E a sua pele... Qual a cor?

Empregado: Branca!



SUMÁRIO

Entrevistador: Bom, muito bom. Você terá um futuro brilhante aqui na fábrica. Quem diria um homem branco e, ainda por cima, um especialista! Ah, sim... Os dentes... Deixe-me ver os seus dentes. *(Ele mostra os dentes e o Entrevistador examina atentamente)*. Excepcional! Não falta nenhum deles. Apenas uma pequena mancha aqui no molar inferior, nada que o nosso dentista não resolva. A canela... Mostre-me sua canela. *(Ele levanta a calça)*. Humm!!! Pernas longas e finas!!! Você tem uma perna de maçarico. São as melhores. Geralmente as pessoas que possuem canelas finas são bem mais dispostas. Esta é a razão de constar este quesito aqui no manual. Quem diria!? Um canela fina! *(O Entrevistador aproxima-se da Secretária e cochicha alguma coisa que ela anota com grande disposição)*. O crânio... deixe-me medir o seu diâmetro. *(Conferindo a medida)*. Bom, muito bom. Vamos ver agora o bíceps. Muito bom também. Excelente!!! Os exames... Trouxe os exames médicos? Deixe-me ver. Bom... bom... muito bom! Semana passada, dispensamos um candidato por possuir nariz de rapina, testa alongada e pele amorenada. Não parece ser o seu caso.

Empregado: Então, qual o veredicto?

Entrevistador: Acho que podemos contratá-lo. Vamos proceder ao seu credenciamento na empresa. Sente-se aqui. *(O Empregado senta-se na cadeira defronte à máquina fotográfica)*.

Empregado: *(Meio tímido e um pouco e com a cabeça baixa)* O senhor esqueceu-se de perguntar o meu nome.

Entrevistador: *(Preocupado, olhando assustado para cientificar-se de que a Secretária não ouvira.)*. Não faça perguntas tolas ou o senhor vai acabar atrapalhando sua contratação! Não se preocupe com isso. Esta pergunta não está no manual. Certamente não é importante. Por favor, Secretária não anote esta observação do candidato. *(Depois de vários ajustes de poses, o Entrevistador aciona a máquina)*.

(Retirando a foto da máquina) Pronto. Prontíssimo!!! O senhor agora é um novo membro da nossa comunidade. Pronto para o trabalho?

Empregado: Sim claro!!

Entrevistador: Meus parabéns, você foi admitido. Agora que é um dos nossos, permita-me fazer mais uma pergunta?

Empregado: Pois não. Fique à vontade.

Entrevistador: *(Falando baixo para a Secretária não ouvir)* Por que construímos bolhas?

Empregado: *(Com cuidado para a Secretária não ouvir)* Na verdade, eu nunca soube a verdadeira razão para a construção dessas bolhas. Aqui, como em qualquer outra fábrica, as ordens vêm da diretoria e, como bom empregado, eu sempre as acato.

Entrevistador: *(Orgulhoso)* O senhor é realmente magnânimo!!! Suas explicações são magnânimas!!!!

Secretária: Aqui está senhor: o relatório da nossa reunião.

Entrevistador: *(Lê atentamente)* Perfeito. Veja! Isto é que é um trabalho de profissional! Perfeito. Nem um erro sequer. Muito obrigado. *(Rasga o relatório com toda a naturalidade e joga no lixo, bem como a fotografia. Blecaute).*



SUMÁRIO

CENA II

(A família)

PERSONAGENS:

- *Empregado;*
- *A mãe;*
- *O filho;*
- *O avô;*
- *Membros do Clero.*

CENÁRIO:

Sala de jantar com um aparelho de televisão.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão: “A família”. Luzes. Estão em cena o Empregado, A mãe, O filho e O Avô como num quadro vivo familiar. Blecaute. Luzes. Estão todos sentados à mesa. Da televisão ouve-se a propaganda dos produtos da empresa).

A mãe: E então?! Quando será?

Empregado: Hoje.

O filho: *(Lendo um livro)* Mamãe, passa manteiga no pão pra mim.

A mãe: Hoje!!! Mas e os preparativos?!

O avô: Por favor, o leite.

Empregado: Melhor tratar a coisa com naturalidade. Afinal, é algo corriqueiro, todas as crianças passam por isso.

SUMÁRIO



SUMÁRIO

O filho: Vovô, passa o leite para mim também?

O avô: Como foi no novo trabalho?

Empregado: Bem. O Diretor do Departamento de Avaliação de Pessoas perguntou novamente pelo senhor. Ele quer saber se está interessado na proposta de emprego.

A mãe: Ah, não!!! Com o meu filho não. Quero preparar tudo como manda o figurino.

O avô: Alguém pode diminuir o som da televisão?!

A mãe: Eu quero ver a novela!!!

Empregado: Não há mais tempo. O pessoal do Departamento de Doutrinação chegará daqui a pouco.

A mãe: Mas não pode ser! Preciso preparar alguma coisa.

O filho: Eu não quero ir para a escola de doutrinação.

A mãe: Que isso meu filho!!!?

O avô: Alguém pode baixar o som desta porcaria de televisão? Eu não aguento mais este inferno na minha cabeça.

O filho: Baixa logo... eu não consigo ler com essa barulhada.

A mãe: Já vou baixar!

A mãe: Mais educação meu filho, ou te dou umas palmadas.

O filho: Só quero ler

O avô: E o que você respondeu?



SUMÁRIO

Empregado: Sobre o quê?

O avô: Sobre o emprego, ora essa!

Empregado: Nada, apenas disse que falaria com o senhor.

O avô: Pagam bem?

Empregado: Depende do departamento em que o senhor for contratado.

O avô: Você sabe onde há vagas?

Empregado: Ouvi dizer que no departamento de usinagem.

O avô: De usinagem!??

Empregado: Sim, onde fabricam as bolhas.

O avô: Hum! Uma área nobre.

Empregado: É... E há sempre a chance de ser requisitado para trabalhos extras. Muita gente na sua idade foi requisitada para trabalhar na caldeira principal.

A mãe: Eu não admito! O meu filho vai ser doutrinado e não haverá nenhuma comemoração ou cerimônia.

O avô: Pare com esta bobagem. Você sabe muito bem que a esta altura a classe clerical já providenciou tudo.

A mãe: Eu sei, mas eu gostaria de uma cerimônia especial. Uma despedida, uma lembrança.

O filho: Eu já disse que não quero ir para a doutrinação.



SUMÁRIO

Empregado: Que isso meu filho! É o sonho de todo mundo. Todos querem participar dos encontros de doutrinação. Poucos têm esta oportunidade.

O filho: Prefiro ficar em casa, lendo meus livros.

A mãe: Haverá um doutrinador só para cuidar de você.

O filho: Não quero papai.

A mãe: Ele vai te ensinar a explodir bolhas grandonas.

Empregado: Você lembra lá da fábrica do papai? Lembra daquele prédio bonito, redondo, todo cheio de semicírculos!? Pois então. É lá que você será doutrinado. Não verá mais o papai e a mamãe, por uns tempos, é verdade!! Mas, em compensação, aprenderá a estourar bolhas grandonas. Bolhas de todos os tamanhos e cores.

A mãe: E se você for um menino inteligente, quando crescer, poderá trabalhar no Departamento de Tecnologia de Consumo, aprendendo a desenvolver objetos que estouram várias bolhas ao mesmo tempo.

O filho: *(Respira fundo em sinal de negação.)*

Avô: *(Se referindo ao diálogo com o Empregado)* Já pensou...?! Trabalho no Departamento de Usinagem!!!

Empregado: O senhor tem razão, é um local nobre pra se trabalhar.

A mãe: *(Dirigindo-se ao Empregado)* Você sabe qual o método de doutrinação utilizado na Fábrica?

Empregado: Que preocupação mais tola! Deixa de bobagem! Os métodos utilizados, hoje em dia, são bem diferentes daqueles de nossa época. São praticamente indolores. Não usam mais aqueles métodos rústicos, arcaicos. Choques elétricos e as agulhas são coisas do passado!!! Agora eles possuem técnicas avançadas de convencimento.



SUMÁRIO

O filho: Ninguém está me ouvindo????!!! (*Incisivo*) Não quero ir para a escola de doutrinação.

Empregado: Calma, o papai vai explicar tudo, meu filho. No começo, você apenas aprenderá a arrepender dos modos de vida atual, depois é que você será doutrinado.

O filho: (*Choroso*) Papai...

Empregado: Mas por que você está chorando!! Isso não dói!!! É só você se comportar direitinho, ser um menino bonzinho, aprender tudo que o doutrinador lhe ensinar e pronto.

O filho: (*Choroso*) Eu não quero ser doutrinado papai.

Empregado: (*Num tom professoral*) É uma reconciliação meu filho, o arrependimento pelas faltas cometidas. Os homens carregam consigo um falso humanismo. Então, meu filho, é necessária sua conversão para que você tenha início a um novo modo de vida. É isso o que você vai aprender: ter uma vida despojada de falso humanismo. E quando você tiver aprendido tudo isso, você irá construir bolhas grandonas e explodi-las também.

O filho: Mamãe, por favor, não deixe que eles me levem!!!

A mãe: Mas, meu filho, todo mundo quer ser doutrinado!

O filho: Eu não, mamãe.

A mãe: (*Ainda no tom professoral*) Olhe, preste atenção. É uma penitência e, como numa penitência, você passará por várias fases de treinamento. A primeira é a contrição, que significa a dor da alma, a detestação do modo de vida passado. O novo modo de vida anunciado só se pode alcançar mediante a transformação do seu pensamento, do seu caráter, do seu modo de pensar, julgar e dispor a vida. Você será chamado das trevas à luz admirável.



SUMÁRIO

Empregado: A segunda é a confissão. Confessar suas culpas pelo modo de vida anterior. Você e mais ninguém é culpado pelo seu modo de vida. Este exame de consciência deverá ser levado ao seu misericordioso doutrinador que lhe concederá o perdão, ingressando-o na nova vida.

A mãe: E aí então, meu filho, virá a satisfação. A verdadeira conversão se completa pelo pagamento das culpas, pela mudança de vida e pela reparação ao dano causado a si e aos outros.

Empregado: *(Com alegria e orgulho)* Terminado o ciclo de doutrinação, você estará pronto para construir bolhas e consumi-las. Como o papai, a mamãe e o vovô.

O filho: Eu não gosto de explodir bolhas.

Empregado: Ai meu Deus, vejo que eduquei muito mal este menino!

A mãe: Mas, filho!!! Vivemos para construir bolhas e explodi-las.

O filho: Eu não gosto.

O avô: Os eclesiásticos chegaram...

(Entram os membros do clero. Estão com velas e uma espécie de murça usada em solenidades eclesiásticas. A cena possui todo um ritual sacro. Pegam "O filho" pela cintura e o carregam por debaixo do braço, como se fosse um objeto. Ele, chorando e se debatendo, procura, em vão, não acompanhar os membros do clero. Os pais assistem pacificamente a tudo com ar de gratidão e orgulho).

O Avô: *(Depois da saída do Clero)* Acho que vou aceitar aquela proposta de emprego.

(Blecaute).

CENA III

(A diretoria)

PERSONAGENS:

- *Diretor*
- *Membro do Clero*
- *O Homem que come dinheiro (Homem unguilado, maciço, pesado, boca grande e lábios afilados, cabeça alongada, com dois ou três chifres em sua extremidade).*
- *O Homem resignado (homem de sobrancelhas altas e carnudas, pernas e braços longos e afilados, pele rugosa com verrugas e pequenos tubérculos).*

CENÁRIO:

Sala da diretoria. Um púlpito para cada membro. Os mais altos deles para o Diretor, os demais, são posicionados observando a hierarquia de cada personagem.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão: “A Diretoria”. Luzes. Estão em cena: o Diretor, o Membro do Clero, o Homem que come dinheiro e o Homem resignado. Discutem com entusiasmo entre eles, porém o assunto, apesar de audível, é incompreensível à plateia. Até que...).

Diretor: Afinal, o que podemos fazer? Você foi contratado para manter o equilíbrio monetário da Fábrica!

O Homem que come dinheiro: Nós, os Homens que comem dinheiro, estamos sempre aos seus serviços. Contudo, não é tarefa simples restabelecer o equilíbrio monetário. Há uma grande oferta de bolhas.

Diretor: Sim, eu sei, mas o que você sugere?

O Homem que come dinheiro: Senhor diretor... O equilíbrio monetário da fábrica está vinculado à demanda de papel-moeda que tem sido objeto de muitas controvérsias, mas suas teorias explicativas têm se mantido estáveis. As teorias existentes não somente divergem quanto à natureza e função primordial do papel-moeda, mas especialmente quanto ao seu impacto sobre o nível da atividade econômica. Até onde sabemos, tudo funciona como a lei da oferta e procura. Se tivermos uma grande oferta de bolhas, os preços tendem a cair.

Diretor: Então.... Se compreendo bem, você está sugerindo diminuir o nível de produção.

O Homem que come dinheiro: Ou aumentar o papel-moeda circulante na fábrica.

Diretor: De que maneira?

O Homem que come dinheiro: Distribuindo dinheiro aos empregados. Migalhas, não mais do que migalhas!

Diretor: Impossível!!! Descapitalizarmos?!!! Jamais!!!

O Homem que come dinheiro: Sim, provavelmente faltará, ao meu pessoal, o alimento precioso: o papel-moeda. Eu também não gostaria de proceder desta forma. Mas, se isso poderá resolver o problema, não vejo muita dificuldade. Um pequeno sacrifício em prol da coletividade. Migalhas! Só migalhas!



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Diretor: Não! Não! E não! Isto terá um custo muito alto! Não, não e não. Prefiro manter nossos homens comendo papel-moeda e defecando 'moedinhas' para serem distribuídas aos empregados. Esta distribuição mantém a autoestima dos nossos colaboradores, incentiva à produtividade. Eles não estão acostumados a farturas. Definitivamente não podemos injetar dinheiro na fábrica.

O Homem que come dinheiro: Mas é um modo eficaz de restabelecer o equilíbrio monetário.

Diretor: Aliás, a um custo muito alto. De mais a mais, estou acostumado a ver nossos homens mastigando notas e passando horas a fio ruminando no pátio central. Eles são a nossa elite, são homens preparados para esse ofício. Como posso, dum momento para outro, incitá-los a comer menos dinheiro? É ultrajante! Nossa elite privada de comer dinheiro! Não gosto da ideia!!

O Homem que come dinheiro: É, parece que temos um pequeno problema!

Diretor: A não ser que incentivemos, ainda mais, o consumo de bolhas. (*Dirigindo-se ao Homem do Clero*) O que você acha, representante do Clero?

Homem do Clero: É sabido por todos nós que os homens não gostam de consumir bolhas. Eles as consomem porque foram doutrinados para isso. As crianças também não gostam de explodir bolhas, mas, uma vez doutrinadas, são capazes de estourarem milhares e milhares de bolhas num único dia, mais até que os próprios adultos. Nós, da classe de doutrinadores, temos investido todos os nossos esforços para que a doutrinação seja eficaz e eficiente. Podemos incrementar nosso processo de doutrinação, principalmente com as crianças, mas isso demandará algum tempo para que possamos sentir os resultados esperados.



SUMÁRIO

Diretor: E você, Homem resignado, o que sugere?

Homem resignado: Senhor diretor, nós os resignados, sempre fomos conformados com o nosso ofício e pacientes aos sofrimentos da vida. Basta que o senhor nos encaminhe as dificuldades e estaremos prontos para engoli-las. Toda e qualquer dificuldade nesta Fábrica, nós as engoliremos. Estamos aqui para servi-lo. Contudo, se me permiti uma sugestão, antes mesmo de engolir as dificuldades, talvez fosse interessante ouvir a Diretoria de Tecnologia. Quem sabe, eles têm alguma sugestão?

Diretor: Você está sugerindo implementar novas tecnologias de explosão de bolhas?

Homem resignado: É surpreendente a capacidade humana para criação dessas novas tecnologias. Ouvi dizer que o departamento de Tecnologia vem empreendendo esforços no desenvolvimento de aparelhos ultra possantes, capazes de explodir várias bolhas ao mesmo tempo.

Diretor: Tenho notícias disso também. Todavia, estes projetos são para o futuro. Ainda não estão prontos para implementação.

Homem resignado: Não poderíamos apressá-los um pouco? Talvez, eles pudessem consumir o excedente de produção.

Diretor: Não. Melhor não. Estes aparelhos, quando concluídos, ensejarão uma remodelagem em todo o nosso processo de fabricação, pois haverá uma enorme demanda a qual não estamos preparados para atender.

O Homem que come dinheiro: Há uma hipótese que ainda não foi discutida.

Diretor: E qual seria?

O Homem que come dinheiro: Poderíamos restabelecer o equilíbrio monetário diminuindo o volume de nossa produção.

Diretor: Provocando a escassez?!!! Não é uma hipótese descartável.

O Homem que come dinheiro: Poderíamos inclusive diminuir nossos custos com a demissão de parte do nosso quadro de pessoal.

O Homem resignado: E, quem sabe, diminuir nosso volume de produção de maneira a aumentar os preços. Nessa hipótese restabeleceríamos o equilíbrio monetário a um preço bem superior aos praticados atualmente, o que é mais vantajoso.

Homem do Clero: Todas estas hipóteses são plausíveis, contudo, existe uma alternativa que me parece mais interessante no momento e que gostaria de submeter aos senhores.

Diretor: O que o senhor sugere?

Homem do Clero: O mundo agora está globalizado. Temos que considerar essa condição em nossas decisões. Há outra fábrica, situada na Europa, interessada em comprar nosso excesso de produção, mediante é claro, uma pequena comissão para os membros da diretoria. Eles concordam com uma pequena elevação dos preços, digo, concordam com um pequeno superfaturamento.

Diretor: E de quanto é a comissão?

Homem do Clero: Modesta. Apenas vinte por cento.

Diretor: E não haveria possibilidade de ajustá-la para vinte e cinco ou quem sabe, trinta por cento?

Homem do Clero: Acredito que sim, é uma questão de negociar.



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Diretor: Pois então elegeremos esta como a alternativa mais viável para o restabelecimento do equilíbrio monetário. Desde que seja renegociada comissão em valores mais generosos. O que acham senhores? Podemos proceder à votação? Quem concorda em restabelecer o equilíbrio monetário mediante a venda do excedente de produção a outras fábricas, que levante a mão? Aprovado. Vamos ao próximo item de nossa agenda.

Homem do Clero: *(Folheando alguns papéis à procura de novo tema para a reunião)* Temos alguns informes vindos da Divisão de Carvoaria a respeito de obstáculos na produção de carvão.

Diretor: O que se passa?

Homem do Clero: Houve uma pequena interrupção no fornecimento de madeira...

Diretor: Sim, prossiga.

Homem do Clero: Como é de vosso conhecimento, a Divisão de Carvoaria transforma a madeira em carvão, que alimenta as caldeiras de fabricação de sabão, que por sua vez são encaminhados ao Departamento de Usinagem para o fabrico das bolhas.

Diretor: Sim.... Sim, eu sei. Sei de tudo isso. Seja objetivo.

Homem do Clero: Estamos com problema com a manipulação do carvão.

Diretor: De que tipo?

Homem do Clero: Como eu disse, houve uma pequena interrupção no fornecimento de madeira e, como consequência, falta carvão para alimentação das caldeiras de fabrico de sabão e bolhas.

Diretor: Qual o motivo para a interrupção no fornecimento de madeira?



SUMÁRIO

Homem do Clero: Como sabemos os nossos fornecedores são internacionais e eles desejam uniformizar o consumo em todo o mundo. Ou seja, estão relançando um novo tipo de madeira, à qual denominam de madeira universal.

Diretor: E o que possui de especial essa madeira universal?

Homem do Clero: Nada. Absolutamente nada. Inclusive, seu poder de combustão é um pouco inferior ao tradicional. O que eles desejam na realidade é a padronização do consumo.

Diretor: Certamente essa nova madeira será oferecida a um custo bem menor?

Homem do Clero: Não, senhor diretor. Ao contrário, seus custos serão superiores aos atuais. Alegam os fornecedores que precisam minimizar os custos de padronização.

Diretor: Ora, não vejo razões para mantermos esses contratos de fornecimento!

O Homem que come dinheiro: Senhor diretor, há certa dificuldade para a rescisão desses contratos. Só existem dois fornecedores em todo mundo.

Diretor: O que pretendem, afinal?

Homem do Clero: Desejam uma revisão contratual de maneira a substituir o fornecimento da madeira antiga pela Universal. Ou aceitamos as condições, ou ficamos sem madeira.

Diretor: Que situação constrangedora!

O Homem que come dinheiro: É o oligopólio, senhor!!! Não há como escapar disso.



SUMÁRIO

Diretor: E de quanto tempo precisaremos para rever as novas bases destes contratos?

Homem do Clero: Talvez uns quatro ou cinco dias úteis.

Diretor: E até lá interrompemos a fabricação de bolhas?! Impossível!!! Pretendemos negociar o excesso de produção com os europeus. Dessa maneira não teremos excesso de produção. O que sugere, Homem resignado?

Homem resignado: A situação, de fato, é um pouco constrangedora, mas acredito que não devemos medir esforços para a solução do problema, antes que a situação cause maiores prejuízos à nossa fábrica. A construção de bolhas não pode parar nunca.

Diretor: Nisso estamos de acordo. E o que você sugere?

Homem resignado: No verão passado, tivemos também problemas com a manipulação de carvão. Não foi tão danoso como este de agora: o fornecimento de madeira. A solução encontrada foi solicitar aos empregados, os mais idosos, que fossem à caldeira exercerem as funções de carvão. Os corpos humanos alimentavam as caldeiras enquanto o problema de manipulação de carvão era solucionado. Provavelmente a mesma medida poderíamos implementar agora. Enquanto renegociamos os contratos de fornecimento, os corpos dos nossos colaboradores poderiam alimentar as caldeiras. E não demorará muito, serão apenas três ou quatro dias.

Homem do Clero: Ainda me lembro dos velhos nas filas da fornalha, esperando a sua vez de entrar. Eram todos muito pacíficos. Não havia pânico, medo ou qualquer infortúnio.

Homem resignado: O simples fato de saberem que estavam contribuindo com o fabrico de bolhas, era motivo de orgulho, uma atitude soberba.

Diretor: E teríamos idosos suficientes para alimentar as caldeiras durante quatro dias?

Homem do clero: Sim, sem dúvida. O Departamento de Avaliação de Pessoas cuidará disso.

Diretor: Alguém tem alguma consideração a fazer? Não?! Ninguém?! Pois que as caldeiras sejam alimentadas com os corpos de nossos empregados idosos. Vamos à próxima pauta de nossa agenda.

(Blecaute. Um foco no canto esquerdo do palco mostra as filas dos idosos, diante da fornalha em chamas, aguardando sua vez de entrar. Entre eles podemos ver o Avô. As pessoas calmamente entram na fornalha e os corpos são queimados. Não há grito ou pânico. Tudo acontece naturalmente).



SUMÁRIO

SUMÁRIO

CENA IV

(A Doutrinação)

PERSONAGENS:

- *A professora; (Mulher gorda e de traços grosseiros).*
- *Assistente de professora;*
- *O filho.*

CENÁRIO:

Sala de doutrinação com diversos aparelhos de torturas espalhados pelos cantos. Uma mesa de professor com cadeira e, defronte, uma cadeira de estudante.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão: “A Doutrinação – Salas dos alunos com dificuldades no aprendizado”. Luz. O Filho está sentado na cadeira de estudante e sobre ele uma luminária, no formato de prato, ilumina a cena. A Assistente de Professora, de pé, titila o lápis sobre a mesa).



SUMÁRIO

Assistente de Professora: E então, rapaz, vai ou não vai colaborar? Você acha que com esse silêncio conseguirá escapar à punição? Não vai não!!! Você está, cada vez mais, complicando a sua situação. Será que você não percebe?!!! O que você quer, afinal? Destruir a fábrica?! Levar todos à falência? Será esse o seu desejo?! Você só pode estar demente! Perceba de uma vez por todas que se não estourarmos bolhas, nós não teremos mais emprego. Nossas vidas perderão o sentido. Vamos menino, colabore! É só você estourar uma bolha e tudo estará resolvido. *(Pegando uma agulha sobre a mesa e uma bolha)* Uma dessas aqui pequenininha já está bom. Quando você estourar eu libero você para o recreio. Vamos, experimenta; é fácil. Basta espetar o alfinete e pronto: a bolha se acaba e você vai para o recreio. Assim...Veja como é fácil. *(Ela explode a bolha e sente uma sensação agradabilíssima, quase que um orgasmo. Estoura uma segunda)* Viu como é fácil? Viu como o estalido provoca uma sensação agradabilíssima?! É prazeroso explodir bolhas. *(Pegando sobre a mesa outra bolha)* Vamos, agora é sua vez.

O filho: Não quero estourar bolha.

Professora: *(Entra).*

Assistente de Professora: Mas que pirralho teimoso. Estou com vontade de lhe dar umas boas palmadas. Vamos, seu imprestável. Estoura de uma vez esta bolha.

Professora: Assim não vai adiantar.

Assistente de Professora: Mas eu só estou querendo ajudar este moleque!!

Professora: Já estive com ele na sala dos alunos comuns. Tentei de toda maneira convencê-lo. Mas parece resoluto.



SUMÁRIO

Assistente de Professora: Poderíamos utilizar a técnica da persuasão. Às vezes seu colega mais velho o convence.

Professora: Já experimentamos isso. Não obtivemos resultados.

Assistente de Professora: Quantos bolhas ele explodiu na sala dos comuns.

Professora: Nenhuma.

Assistente de Professora: Nenhuma!! Como isso é possível?!!! E com você?

Professora: Nenhuma também. Fica sempre sentado, silencioso olhando o tempo. Certamente pensa escapar da punição. Não haverá outro meio, teremos que castigá-lo; caso contrário, não aprenderá nunca.

Assistente de Professora: Mas coitado, é uma criança ainda!!!

Professora: Ele poderia dar o braço a torcer, não custa nada estourar umas bolhas!

Assistente de Professora: É uma criança mimada.

Professora: Mimada!!! Ele é muito teimoso!

Assistente de Professora: Será que ele não compreende que todos aqui na fábrica estouram bolhas?! Ou quem sabe ele possui alguma incapacidade que não o permite aprender gestos tão simples?

Professora: Acho que não temos outra maneira, a não ser usar os métodos convencionais.

Assistente de Professora: E pensar que nosso trabalho é alcançar a transformação do caráter dessa criança!!! Será isso possível?!!!



SUMÁRIO

Professora: Recebemos nossa cota de bolhas para executar esses serviços. E nobre, muito nobre por sinal. Nossa organização, nesse momento, depende de nossos trabalhos, depende da nossa capacidade de doutrinação. Não percamos mais tempo. Vamos começar. Pegue logo as pranchetas de palavras.

Assistente de Professora: *(Pega sobre a mesa várias pranchetas de palavras)*

Professora: *(Dirigindo ao Filho e mostrando a palavra "eu" escrita na prancheta)* Por favor, garoto, leia o que está escrito nesta prancheta.

O filho: *(Permanece mudo)*

Professora: *(Com certa irritação)* Leia pirralho.

O filho: *(Continua mudo)*

Professora: *(Dando uma pequena tapa na cabeça do Filho)* Vai ler ou não?

O filho: *(Demonstrando medo)* Eu...

Professora: *(Mostrando outra prancheta com a palavra "gosto")* Agora leia esta.

O filho: *(Ele hesita em responder).*

Professora: *(Dá outro tapa na cabeça do menino)* Leia.

O filho: ...Gosto...

Professora: *(Mostrando outra prancheta com as palavras "de explodir")* Agora esta.

O filho: *(Um pouco choroso)*... De explodir...



SUMÁRIO

Professora: *(Mostrando a palavra "bolha")* Finalmente esta.

O filho: ...bolha.

Professora: Viu como é fácil. "Eu gosto de explodir bolha". Agora repita tudo junto. Vamos leia.

O filho: Eu não quero explodir bolha.

Professora: Ah! Pirralho. Espera, que eu lhe ensino. *(Para a assistente)* Pegue o chicote.

O filho: Eu não quero ser doutrinado. Não quero explodir bolha.

Professora: Leia as pranchetas da maneira que eu lhe mandei.

O filho: Não, não leio.

Professora: *(Chicoteando o Filho)*. Leia ou eu acabo com você.

O filho: Não.

Professora: *(chicoteando)* Leia.

O filho: Não. Não leio. Eu não quero ser doutrinado.

Assistente de Professora: Calma! Calma! Vamos com calma. Assim não conseguiremos nada.

Professora: Não careço de calma, e sim de autoridade.

Assistente de Professora: Você está perdendo a cabeça.

Professora: Quem pode manter a cabeça e a calma diante daquele que nos afronta.



SUMÁRIO

Assistente de Professora: Mas, afinal, qual o problema se ele aprender ou não a explodir bolha?!

Professora: Cuidado com as palavras ou serei obrigada a encaminhá-la ao Departamento de Correição. Você sabe muito bem que as ordens de doutrinação emanam da diretoria. São as regras, não são?! Todos nesta fábrica são capazes de explodir bolha. Ele também vai aprender, por bem ou por mal. Amarre esse pivete na cadeira. Depressa, não quero perder tempo.

Assistente de Professora: *(Pega algumas cordas e o amarra na cadeira)* Está pronto.

Professora: Traga-me as agulhas.

Assistente de Professora: Mas...

Professora: Traga-me as agulhas, já disse.

Assistente de Professora: *(Retira do bolso de seu roupão e entrega à Professora)*

Professora: Segure estas pranchetas de forma que este pirralho possa ler todas as palavras. *(Segurando as agulhas)* Agora, seu destruidor de fábricas, seu imprestável, preste atenção: leia aquelas palavras e leia de forma correta, senão estas agulhas perfuraram sua carne, por debaixo de suas unhas. Uma a uma, até você ler a frase corretamente. Vamos lá, agora leia.

O filho: *(Permanece mudo)*

Professora: *(Enfiando a agulha)* Leia, seu desgraçado! Leia, senão arranco suas unhas!

O filho: *(Grita de dor)*



SUMÁRIO

Professora: Não quer falar. Continua calado. Pois então, aguarde e verá aonde chegará o seu castigo. Traga o aparelho de pressionar cabeças.

Assistente de Professora: *(Coloca na cabeça do Filho um objeto que possui uma fivela de aço que é pressionada à medida que se vai tocando uma manivela).*

Professora: Agora leia.

Assistente de Professora: *(toca a manivela e o Filho grita de dor).*

Professora: Leia. Leia, seu desgraçado. Leia, ou arrebento sua cabeça.

O filho: Por que vocês estouraram exploda bolhas??? Por quê???

(Assistente de Professora e Professora entreolham-se sem compreender a pergunta).

Assistente de Professora: *(À professora).* Por favor, agora chega. Não vamos conseguir tudo num único dia. Amanhã recomeçaremos.

Professora: *(Sem nenhuma ira e demonstrando tranquilidade)* Está bem, amanhã recomeçaremos tudo. *(Retira todos os apetrechos de tortura, desamarra O Filho, sentando-se na sua cadeira; coloca-o no colo acariciando demoradamente e, em seguida canta uma canção de ninar).*

"Boi, boi, boi,

Boi da cara preta,

Pega esse menino,

Que tem medo de careta.

Boi, boi, boi..."

(Blecaute)

CENA V

(A Usina de Bolhas)

PERSONAGENS:

- *Empregado;*
- *Operário 1;*
- *Operário 2.*

CENÁRIO:

Sala de inspeção de qualidade. Vários operários estão absortos em suas atividades. Veem-se bolhas por todos os lados. De uma grande janela de vidro vê-se parte do pátio central da fábrica.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão: “A Usina de Bolhas”. Luzes).

Empregado: Não se preocupe, você é novato. Com o tempo aprenderá tudo.

Operário 1: Tenho muita dificuldade em perceber os defeitos de fabricação.

Empregado: É simples. Veja: as bolhas que possuem superfície saliente, você refuga, joga fora. Somente encaixote aquelas com superfície lisa e brilhante. Como esta aqui. As outras estouram rápido demais.

Operário 1: E o que devo fazer com as bolhas refugadas?



SUMÁRIO

Empregado: Pode jogar no lixo. Depois o pessoal da limpeza cuida disso. Eles possuem equipamentos especiais, em questão de minutos estouram todas as bolhas e aspiram toda sujeira.

Operário I: *(Inicia com dúvidas o processo de embalagem de bolhas. Mas logo pega desenvoltura.)*

Empregado: O clero já indicou sua próxima etapa na escola de doutrinação?

Operariol: Não, ainda não. Amanhã vou passar no Departamento de Avaliação de Pessoas para obter informações.

Empregado: *(Admirado)* Como pode?! Às vezes essa diretoria me surpreende! Você ainda não sabe em qual etapa eles te colocaram! Bem, ao menos você já foi doutrinado, né!!!

Operário I: Sim, mas mesmo assim, preciso saber em qual etapa devo frequentar.

Empregado: Claro, claro. É por meio dos treinamentos intensivos e reciclagens constantes que atendemos ao regulamento de submissão e ordem para o consumo das bolhas. Nossa organização não seria nada sem nossas escolas doutrinadoras. Esta é a nossa missão: consumir e consumir bolhas para a organização produzir mais e mais bolhas. Eis o ciclo renovador da vida!

Operariol: E temos sorte, pois existem várias pessoas que gostariam de explodir bolhas e não podem.

Empregado: São os excluídos!

Oparariol: Eu gostaria de aumentar a minha quota de consumo de bolhas. Sei que sou novato aqui na fábrica, esse é meu segundo mês, mas, mesmo assim, gostaria de aumentar minha quota. Não é para mim, é para meus filhos.

Empregado: Qual a quota que determinaram para você?

Operário: 2.500 bolhas por mês.

Empregado: 2.500 bolhas por mês?! Realmente, é muito pouco.

Operariol: O que devo fazer?

Empregado: *(Olhando pela janela)* Você já falou com os Homens que Comem Dinheiro?

OperárioI: Dizem que é muito difícil.

Empregado: Só eles podem aumentar sua quota de bolhas. Olha, veja lá no pátio central. Aquele é um Homem que come Dinheiro.

Operário I: Qual?

Empregado: Aquele unglado, com chifres na extremidade da cabeça.

Operário I: Chifres na extremidade da cabeça?!!

Empregado: Sim, aquele corpulento, boca grande e lábios afilados. Você não está vendo?!

Operário I: Ah! Sim, agora vejo.

Empregado: A função específica desses homens aqui na fábrica é manter o equilíbrio monetário. Todas as vezes que há uma grande quantidade de dinheiro, eles mastigam as notas e passam horas ruminando no pátio central. Depois defecam um grande número de moedas, de vários valores, para serem distribuídas aos empregados.

Operário I: Ouvi dizer que são os Homens Pernósticos que distribuem as moedas!



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Empregado: Então você já ouviu falar deles!!

Operário I: Foi o que ouvi dizer. A distribuição de moedas é efetuada pelos Homens Pernósticos.

Empregado: É verdade. Mas os Homens que Comem Dinheiro exercem uma grande influência sobre os Homens Pernósticos. Se eles indicarem o seu nome, seguramente você receberá mais moedas e conseqüentemente poderá aumentar sua quota de bolhas.

Operário I: E como são os Homens Pernósticos.

Empregado: São homens que gostam de empregar termos difíceis, os quais nem eles mesmos entendem.

Operário I: E por que fazem isso?

Empregado: Para dificultar o entendimento.

Operário I: Para dificultar o entendimento...?!!

Empregado: Talvez você ainda não saiba, mas existem critérios de avaliação dos empregados para a distribuição das moedas. Esses critérios são elaborados pelos Homens Pernósticos. Como eles são pernósticos, quase ninguém entende os critérios de avaliação. Mas não há com que se preocupar, eles são homens justos. Nunca tive notícias de alguém insatisfeito com a distribuição de moedas.

Operário I: Você alguma vez pediu para aumentar suas moedas?

Empregado: Ah, sim! Apenas uma vez.

Operário I: E você falou com quem? Com os Homens que Comem Dinheiro ou com os Pernósticos?

Empregado: Com os que Comem Dinheiro.



SUMÁRIO

Operário I: Mas não seria melhor falar com os Homens Pernósticos uma vez que eles conhecem os critérios de distribuição de moedas?

Empregado: No princípio eu pensava como você. Mas não é bem assim. Os Homens Pernósticos são invisíveis.

Operário I: Invisíveis!!!

Empregado: Não conheço ninguém que teve contato pessoal com eles.

Operário I: Então você também não conseguiu falar com eles?!

Empregado: Só por meio eletrônico. A voz deles é um pouco rouca e eu não consegui compreender muito bem o que eles diziam.

Operário I: Eles aumentaram sua quota?

Empregado: Não. Claro que não. Eles me convenceram que, de acordo com os critérios, eu não tinha direito ao pretendido aumento de quota.

Operário I: Por quê?

Empregado: As quotas são distribuídas, inversamente proporcional à capacidade de cada empregado de desprender energia.

Operário I: Como funciona isso?

Empregado: Quanto maior o seu esforço físico, menor será a sua quota de moedas.

Operário I: Mas você é um especialista!!! O seu esforço físico não é tão grande assim. Com toda certeza suas quotas deveriam sofrer um reajuste.



SUMÁRIO

Empregado: Não, não. Eles me convenceram do contrário. E eu acho que eles têm razão. A quantidade de moedas que recebo está inversamente proporcional ao meu esforço físico. A quantidade de moedas que recebo é justa.

Operário I: Puxa!!! Se as suas são justas, eu não tenho direito a reclamações!

Empregado: Não se desespere. Você conseguirá seu reajuste de quotas.

Operário I: Mas como?!!

Empregado: Não sei, talvez mudando de função, procurando ficar um pouco ocioso, trabalhando menos, desprendendo um pouco menos de energia.

Operário I: Eu sou novato, tenho que mostrar serviço, senão vão me jogar no olho da rua e, aí então, vão me incluir no grupo dos excluídos.

Empregado: Se isso acontecer, nem as 2.500 bolhas você poderá explodir.

Operário I: O que devo fazer?

(Ouve-se a sirene do alarme de incêndio).

Operário I: Que barulho é esse?

Empregado: É a sirene do alarme de incêndio. Está pegando fogo em algum lugar.

Operário I: Então vamos descer.

Empregado: *(Olhando pela janela)* Não vai ser necessário.

Operário I: Por quê?



SUMÁRIO

Empregado: O fogo é no Departamento de Saboaria. Veja lá, o prédio está em chamas.

Operário 2: (*Entrando*) Eu gostaria de falar com o especialista.

Empregado: Pode falar. Eu sou o especialista.

Operário 2: É da parte da diretoria.

Empregado: O que se passa?

Operário 2: O senhor diretor-geral deseja falar-lhe. É urgente.

Empregado: Ele adiantou o assunto?

Operário 2: Sim, pediu que lhe informasse sobre o fogo no Departamento de Saboaria.

Empregado: Eu já sei. Qual a causa do incêndio?

Operário 2: Houve um superaquecimento na caldeira de sabão. Ela explodiu e espalhou fogo por todo o prédio.

Empregado: Certamente jogaram carvão demais na fornalha!!

Operário 2: Não foi bem isso, senhor.

Empregado: O que foi então?

Operário 2: Como o senhor sabe, estamos com falta de carvão. Há dois dias que os empregados idosos vêm servindo seus corpos como carvão. Houve algum desentendimento e vários idosos entraram na fornalha ao mesmo tempo.

Empregado: Como isso foi possível?! Deixei recomendações expresas para entrar um de cada vez. Vamos ver o que está acontecendo.

(Blecaute)

CENA VI

(A redoma de vidro e os bombeiros)

PERSONAGENS:

- *Bombeiro-mestre;*
- *Bombeiro-capitão;*
- *Outros bombeiros;*
- *O filho.*

CENÁRIO:

A redoma de vidro que envolve a fábrica.

(Blecaute. Projeta-se numa tela a expressão: “A redoma de vidro e os bombeiros”. Luzes. Surge uma carruagem-pipa puxada por dois homens cornudos, transportando os bombeiros. No comando da carruagem o Bombeiro-capitão controla as rédeas e tem em mãos um chicote, que utiliza para estalar ao vento e surrar os homens puxadores. À frente um terceiro homem com uma sirene de manivela marca o ritmo do andar dos homens puxadores. A carruagem-pipa dá uma volta pela redoma de vidro).

Bombeiro-capitão: *(Puxando as rédeas) Ôôôôaaa!!! Parados!*

Bombeiro-mestre: *Você aí, leve os outros bombeiros até a porta principal. Não demore com isso, vá logo. Leve-os daqui, seu palerma. Depressa!!! Estão necessitando de ajuda no portão principal.*

Bombeiro-capitão: *Tragam as mangueiras. Rápido, rápido!!!*



SUMÁRIO

Bombeiro-mestre: *(Ao bombeiro-mestre)* Como estão os trabalhos no portão principal?

Bombeiro-capitão: Ainda não conseguiram abrir os portões.

Bombeiro-mestre: Foi o que eu imaginei.

Bombeiro-capitão: Emperraram, não há quem consiga abri-los.

Bombeiro-mestre: Parece providência divina! Construíram uma redoma de vidro para protegê-los e agora a própria redoma parece ser sua ruína!

Bombeiro-capitão: Precisavam do espaço para servir como galpão de estocagem!

Bombeiro-mestre: ...Ou para o suplício. A mim me parece que construíram a capital do inferno.

Bombeiro-capitão: Bombeiro-mestre, afinal, o que há com estes portões? Por que ninguém consegue abri-los?

Bombeiro-mestre: Parece que os demônios fecharam todos os portões da fábrica!

Bombeiro-capitão: Demônios?! Que demônios?!

Bombeiro-mestre: Maneira de dizer. Também não sei por que razão os portões não querem abrir. Emperraram, é tudo que sei.

Bombeiro-capitão: Mestre, o que faremos para ajudar aquela gente?

Bombeiro-mestre: Não vejo outra maneira a não ser subir pela redoma até o cume. Lá, há uma grande depressão, por onde poderemos passar nossas mangueiras de água.



SUMÁRIO

Bombeiro-capitão: Sim, o buraco, o fosso. É o único caminho para levar água até o fogo.

Bombeiro-capitão: Temo não chegarmos a tempo, mestre. Por que não quebramos os vidros e levamos nossas mangueiras até ao local do incêndio?

Bombeiro-mestre: Observe bem estes vidros, não se pode quebrá-los!! E são à prova de choque. Nenhum, absolutamente nenhum, dos equipamentos que possuímos é capaz de quebrar este vidro.

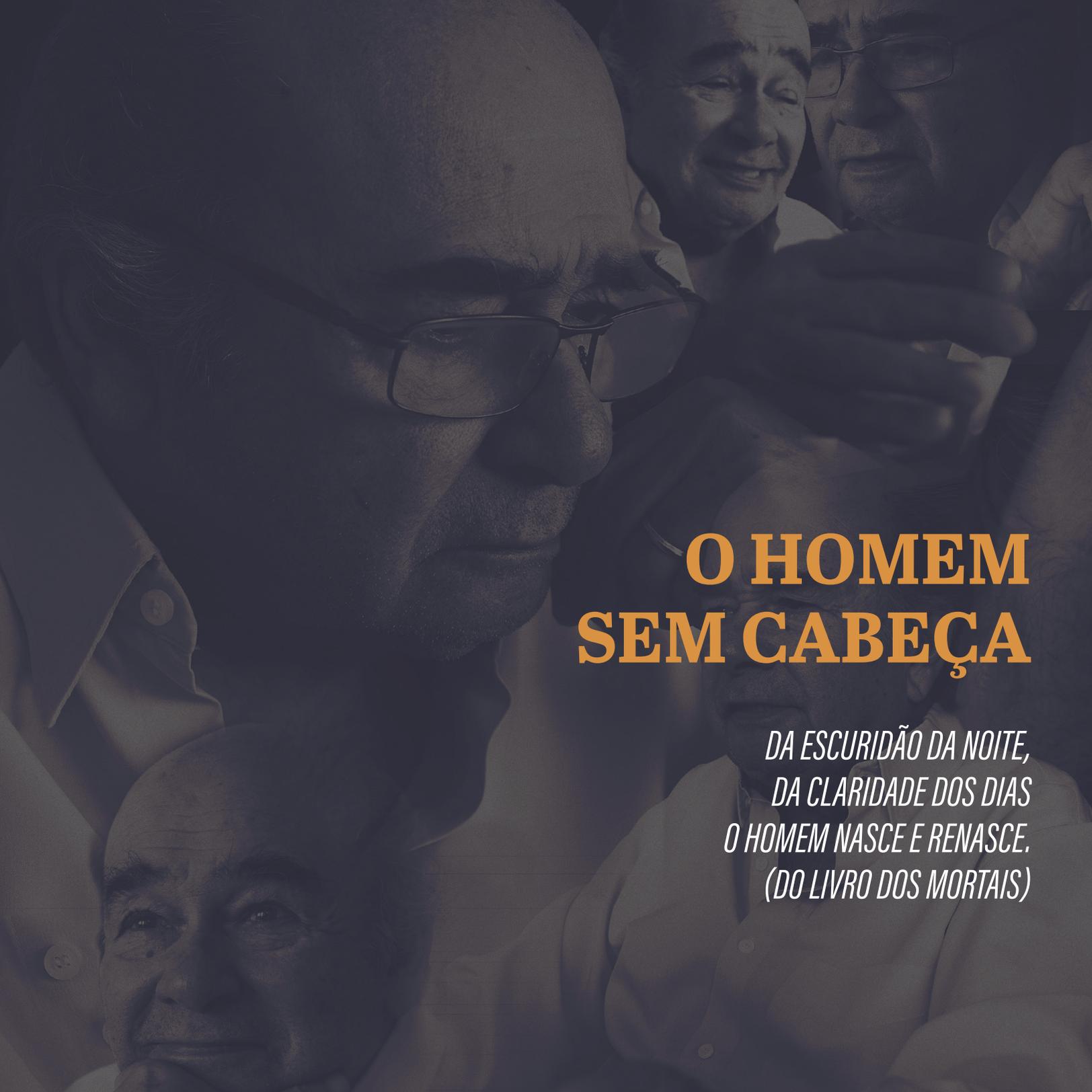
Bombeiro-capitão: Que estranho!!! Por que nenhum dos homens, lá em baixo, liga os hidrantes?!

Bombeiro-mestre: Aqueles homens não foram treinados para este ofício. São incapazes de ajudarem a si mesmos. Não farão nada, por mais simples que seja. Apagar o fogo é um ato impensável para eles. Se quisermos ajudá-los, o melhor a fazer é subir ao cume da redoma.

Bombeiro-capitão: Como compreender as coisas!? É tudo tão estranho.

(Música) (Não há pânico, ou medo. Os trabalhadores da fábrica caminham de um lado para o outro e nada fazem para debelar o fogo. Uma nuvem de fumaça encobre a fábrica, e por entre ela surgiu O filho, fora da redoma).

(Blecaute. Projeta-se na tela a expressão: FIM).



O HOMEM SEM CABEÇA

*DA ESCURIDÃO DA NOITE,
DA CLARIDADE DOS DIAS
O HOMEM NASCE E RENASCE.
(DO LIVRO DOS MORTAIS)*



SUMÁRIO

PERSONAGENS:

- *Homem*
- *Mulher*
- *Joanas*
- *Joana (Esposa de Alfredo)*
- *Espelho 1*
- *Espelho 2*
- *Espelho 3*
- *Outros Espelhos*

Quando da entrada dos espectadores, encontra-se no proscênio o Homem, nu e iluminado por um foco de luz, formando um “quadro vivo” na posição de “O Pensador” de Rodin. Após a acomodação de toda a plateia, descem à cena uma cama de casal com dois abajures, um armário, uma janela, uma pia de asseio matinal, um vaso sanitário e um espelho de suíte.



SUMÁRIO

Homem: *(Depois de se vestir, abre a janela e ouve música vinda de algum lugar, fecha-a, o som é abafado)* Este meu vizinho é mesmo impertinente. Não aprende nunca a respeitar o outro! Precisa ouvir música nessa altura?! Tenho que manter minha janela sempre fechada, se não, sou obrigado a ouvir o que não quero; o que não gosto. E que inferno estas músicas modernas! Oh Deus! Dê-me força para suportar isso! *(Vai até a pia e lava o rosto. A água está fria. Ao lavar o rosto vê sua imagem refletida no espelho.)* Engraçado!!! Este sujeito que vejo no espelho, não se parece comigo. Mas que bobagem...claro que sou eu. Estão aqui as minhas velhas rugas; esse traço que rasga meu rosto e o torna disforme, distante. *(Senta-se na cama)* Manhãzinha fria e preguiçosa, daquelas de sol cinzento. Para quem trabalhou a semana inteira, um domingo assim até pode ser útil. *(Desce um espelho no quarto de dormir, do lado oposto a suíte.)* Está um pouco chuvoso... Mas sabe... gosto de dias assim. Fico mais à vontade para saborear minha preguiça. Um domingo chuvoso, para mim, representa o ócio com dignidade. Ah!!! A dignidade...! A dignidade humana! A dignidade humana...

Espelho I: Hei! Hei, você aí! Vem cá.

Homem: Estranho! Parece que estou ouvindo vozes!

Espelho I: Venha cá.

Homem: De onde vem esta voz?

Espelho I: Sou eu.

Homem: Eu quem?

Espelho I: Não está me reconhecendo?!

Homem: Tem alguém aqui neste quarto. Quem está aqui?



SUMÁRIO

Espelho I: Sou eu.

Homem: Eu quem?

Espelho I: Eu. Vim para o encontro.

Homem: Encontro! Que encontro? *(Vai até o banheiro)*

Espelho I: O encontro que você marcou.

Homem: Que diabos é isto?! Eu não marquei encontro nenhum. E de onde afinal vem esta voz?

Espelho I: Estou aqui...

Homem: Aqui, onde?

Espelho I: Chegue aqui, defronte ao espelho.

Homem: Que espelho?

Espelho I: Este que está no seu quarto.

Homem: Mas o meu quarto não tem espelho!

Espelho I: Não tinha, agora tem. Você não me chamou?! Pois então, estou aqui.

Homem: *(Vai até o espelho).*

Espelho I: *(Surgindo do espelho. Tem a mesma indumentária do Homem)* Me reconhece agora?

Homem: O que está acontecendo aqui? *(Desce outro espelho na esquerda alta do palco)*



SUMÁRIO

Espelho 1: Como você é insistente! Já lhe expliquei, vim para o encontro.

Espelho 2: *(Surgindo de dentro do espelho. Tem a mesma indumentária do Homem)* Desculpem-me o atraso. Pensei que estivesse no horário, pelo que vejo estou atrasado. O encontro já começou?

Espelho 1: Não, não. Você não está atrasado. Eu cheguei um pouco adiantado.

Espelho 2: Faltam muitos para o início do encontro.

Espelho 1: Por enquanto, chegamos apenas eu e você.

Espelho 2: E os outros, não virão?

Espelho 1: Devem estar a caminho. Daqui a pouco estarão aqui.

Espelho 2: Qual era mesmo o horário combinado?

Espelho 1: Nove horas. Ainda faltam alguns minutos.

Espelho 2: Então estou no horário. *(Desce outro espelho atrás da cama)*

Espelho 3: *(Surgindo de dentro do espelho. Tem a mesma indumentária do Homem)* Bom- dia!

(Descem vários espelhos, até completarem todas as paredes do quarto. Vão surgindo de dentro dos espelhos pessoas com a mesma indumentária do Homem. Eles, espalhando-se pelo quarto, cumprimentam-se entre si, instalando um certo alarido).

Homem: Chega. Parem com isso. Quem são vocês? O que estão fazendo aqui no meu quarto?



SUMÁRIO

Espelho 3: Que sujeitinho mais atrevido! Como ele é mal-educado! Nos convida para um encontro e depois quer saber quem somos!

Espelho 2: Ele só está um pouco confuso. Mas acredito que já começa a compreender as coisas.

Homem: Que coisas?

Espelho 3: Não se faça de ingênuo.

Espelho 1: Bem, acho que já estamos todos aqui. Podemos começar?

Espelho 2: E os preparativos?

Homem: Que preparativos?

Espelho 2: *(Ao Homem)* Dos rituais desse tipo de encontro. Nada que você não esteja acostumado.

Espelho 1: Todos trouxeram suas amarras?

Espelho 3: A minha está comigo.

Espelho 2: A minha também.

(Todos os espelhos afirmam que estão com suas amarras)

Espelho 1: Bem, creio que estamos todos prontos. Está na hora. Podemos começar.

(Desce uma cruzeta, rente ao Homem, com quatro cordas.)

Espelho 3: Eis suas amarras. Por favor, queira colocá-las.

Homem: Eu não estou entendendo!



SUMÁRIO

Espelho 1: Não é preciso compreender. Basta atender as ordens.

Homem: Não vou colocar isto.

Espelho 3: Não se trata de um pedido. É uma ordem.

Homem: Pois, então não vou cumpri-la.

Espelho 2: Há de se entender um sujeito como este?! Nos chama para o encontro e agora não quer atender aos rituais.

Espelho 3: Senhor, queira por favor colocar suas amarras.

Homem: Não, não farei isso. Primeiro quero uma explicação.

Espelho 3: Assim o senhor nos obriga a tomar atitudes drásticas.

Homem: Pois, que as tomem. O que vocês podem fazer?! Nada. Absolutamente nada.

Espelho 2: Engano o seu. Você verá. *(Todos os Espelhos iniciam um zumbido que começa baixo e chega a um volume ensurdecedor)*

Homem: *(Já com o volume insuportável)* Para. Para. Está bem, está bem. Eu coloco as amarras. De mais a mais, não compreendo o que está se passando.

Espelho 1: Você compreenderá. E não se envergonhe da rapidez com que você cedeu aos nossos apelos. Não há quem consiga suportar este zumbido em sua mente. Este método sempre funcionou muito bem. E então, vamos às amarras?!

Homem: *(Meio a contragosto ele põe as amarras e é suspenso como uma marionete. À fala de cada Espelho, é conduzido à frente do mesmo)*

Espelho 3: E agora, alcança com sua inteligência o motivo de nosso encontro?

Homem: Sim. Agora eu entendo.

Espelho 1: Sempre foi assim, enquanto não colocamos as amarras... As pessoas, elas não compreendem o motivo do encontro!

Espelho 2: Por que nos chamou?

Homem: Desejo uma conversa franca comigo.

Espelho 1: Ah!!! Sim. E por quê?

Homem: Em outros tempos conversei muito comigo mesmo...

Espelho 2: Nós sabemos.

Homem: E nessas conversas eu acabei me transformando nisto, algo que eu não sei bem o que é.

Espelho 3: Você é o que você desejou ser.

Homem: Não. Não. Não foi bem assim. Foram tantas conversas, tantas proibições e modificações no meu ser que resultaram no que sou. Eu aceitei tantas ideias novas, rejeitei outras tantas, que acabei me transformando nisso, algo que eu não sei muito bem o que é.

Espelho 2: As escolhas foram suas.

Homem: Não. Não foram. Eu não sou o que gostaria de ser. Sou apenas um produto. Não eram vocês que me diziam: isso pode, aquilo não pode! E assim dessa maneira foram me construindo, nunca da forma que gostaria e sim da forma que me foi permitida.



SUMÁRIO

Espelho 2: Tudo bem, tudo bem. Mas, a que conclusão chegamos com tudo isso?

Homem: Eu quero resgatar o meu verdadeiro eu.

Todos os Espelhos: Oh!! Que horror!

Espelho 3: (*Dando gargalhadas*) Só nos faltava essa. Que coisa ridícula!!! Resgatar o seu verdadeiro eu!!!

Homem: É isso o que pretendo. Sentem-me na cama e deem início ao diálogo. Pois, que vocês se entendam entre si. Hoje eu resgatarei o meu verdadeiro eu.

Espelho 1: Ele parece falar a sério!

Espelho 2: Está bastante resoluto!

Espelho 3: Que brincadeira é essa?! Isso não é possível. Agora, nessa altura da vida, resgatar o seu verdadeiro eu!

Homem: E por que não?

Espelho 3: Pense um pouco e você mesmo chegará às conclusões. Verá que é impossível.

Homem: Já me decidi.

Espelho 2: Reflita um pouco. Já imaginou?! Como ficará perante os seus amigos de bar?!

Espelho 1: E sua esposa?!

Espelho 2: E seus amigos do trabalho?



SUMÁRIO

Espelho 1: Os do futebol?! Será que eles aceitarão esse resgate do seu eu?

Espelho 2: Sabe ao menos como é seu verdadeiro eu?

Homem: Esta não é a questão. Quero ser eu, é o quanto me basta.

Espelho 3: Basta-lhe pouco. Pois de antemão já lhe dou meu veredicto: a minha resposta é não. Não permitirei o resgate de seu eu.

Homem: O que pensa você?

Espelho 3: Penso que perdeu o juízo, a razão.

Homem: Tenho que aturar as palavras desse desgraçado?!

Espelho 1: Calma! Calma! Tudo foi dito com raiva, no calor da discórdia. Isso não é benéfico para ninguém. Podemos encontrar um meio-termo.

Homem: Não há meio-termo. A questão é simples: quero, com consentimento de vocês ou não, resgatar o meu eu.

Espelho 2: Mas isso não é possível. Será que você não compreende?! O que você deseja, não há precedentes. Não sabemos como lidar com isso.

Espelho 1: Pense bem. Há muitos riscos.

Espelho 2: Você não é mais você, você é outro. Aquele seu eu que você conheceu, talvez... Talvez nem exista mais.

Espelho 3: Ou não se encaixa mais em você.

Homem: Não quero ouvir estas sandices. Para mim já foi o bastante. Não há mais o que discutir. Ponham-me no chão. Já ouvi o suficiente.



SUMÁRIO

Espelho 2: O que pretende fazer?

Homem: Não é da sua conta. Ponham-me no chão, já.

Espelho 3: Não façam isso. Ele tem alguma ideia maluca na cabeça. Vocês não estão percebendo?!

Espelho 2: Eu imploro, não resgate o seu verdadeiro eu.

Homem: Quem toma as decisões no encontro?

Espelho 2: Você, é claro.

Homem: Pois então saibam que eu já me decidi.

Todos os Espelhos: Por favor. Nós imploramos, tire essa ideia impensada de sua cabeça.

Homem: Ponham-me no chão.

Espelho 3: Ouçam o que digo. Ele não está no seu perfeito juízo. Por favor, não soltem suas amarras. Ele não sabe o que está fazendo.

Espelho 1: O que podemos fazer?! São as regras dos rituais do encontro. Ele já fez suas proposições. Estamos tentando orientá-lo e ao que tudo indica, ele não quer nos ouvir. Infelizmente a decisão é dele.

Todos os Espelhos: Por favor. Nós imploramos, tire essa ideia da sua cabeça, não resgate o seu verdadeiro eu.

Homem: Não quero ouvir mais nada. Soltem minhas amarras.

Espelho 2: Não antes de fazer as perguntas da essência do encontro.

Homem: Pois que as faça logo.

(Os Espelhos se acomodam para o inquérito)



SUMÁRIO

Espelho: Você tem plena consciência de seus atos?

Homem: Claro que tenho.

Espelho 2: Sabe os riscos que corre com essa decisão impensada?

Homem: Sei.

Espelho 1: Mesmo assim pretende continuar com seu intento?

Homem: Sim.

Espelho 2: Tem consciência de que seu verdadeiro eu pode ou não existir, ou melhor, pode não mais se encaixar em você?

Homem: Que bobagem!!!

Espelho 1: Não quer refletir um pouco e pensar melhor sobre o assunto?

Homem: Minha decisão já é conhecida.

Espelho 1: De agora em diante é por sua conta e risco. Soltem suas amarras.

Todos os Espelhos: Que loucura!!! Que insensatez!!

Homem: *(É posto no chão e retira as cordas, porém uma delas permanece presa em seu braço. Ele força para retirá-la. Não conseguindo, com esforço, vai até o armário).*

Espelho 2: O que pretende? O que está procurando?

Homem: Tomei uma decisão muito simples.

Espelho 2: E que decisão é essa?



SUMÁRIO

Homem: Resolvi cortar a minha cabeça, decepá-la. Extraí-la do meu corpo.

Espelho 3: Eu não disse!

Espelho 2: E o que você procura?

Homem: Alguma ferramenta que possa ter essa função, decepar cabeças.

Espelho 1: E acredita encontrar isso no seu armário?!

Homem: Tenho aqui guardado um serrote.

Espelho 2: Um serrote!!!

Homem: *(Encontrado o serrote)* Aqui está, isso resolve a situação.

Espelho 3: Reflita. Pense novamente. Será essa a decisão correta?!

Homem: Não tenho dúvidas. *(Ri. Com um solavanco retira a última amarra. Com uma das mãos segura um feixe de cabelo, com a outra, leva o serrote rente ao seu maxilar inferior e inicia a processo de serrar seu pescoço. Blecaute. Barulho de serrote)* Pronto! Pronto! Está feito. Arranquei minha cabeça. Extraí essa coisa horrenda de meu corpo.

(Ri histérico e feliz. Blecaute)

(Uma grande moldura, sem espelho, ao fundo. Hall de entrada. Mesa de jantar. Um vaso sanitário).



SUMÁRIO

Mulher: *(Juntando suas coisas, como quem está de saída. Parece um pouco apressada. Joanas, no hall de entrada, toca a campainha. Falando a si mesma)* Quem será numa hora dessas! *(Olha-se no espelho, mesmo não havendo espelho, a sua imagem é refletida. Joanas toca a campainha. Olhando pelo olho-mágico.)* É o Joanas! *(Retorna ao espelho e verifica se está tudo bem. Sua imagem é novamente refletida.)* Que será que ele deseja? *(Ela abre a porta.)* Bom dia, Joanas!!! Que surpresa! Você aqui, a essa hora!

Joanas: *(Entrando)* Bom dia.

Mulher: Aconteceu alguma coisa?!

Joanas: Desculpe-me o horário, é que eu preciso falar com seu marido.

Mulher: Ele já foi para o trabalho.

Joanas: Assim tão cedo?!!!

Mulher: Ele levantou muito cedo. Disse que estaria ocupado o dia todo no escritório. Ontem, antes de deitar, até me pediu que eu não ligasse para ele hoje, a não ser, é claro, em caso de extrema urgência. É alguma coisa séria?

Joanas: Então, quando o vi esta manhã, ele já estava a caminho do trabalho?

Mulher: Certamente que sim... Eu também já estava de saída, estou atrasada para o trabalho. Hoje é segunda-feira. Todo mundo trabalha às segundas-feiras.

Joanas: Sim, claro, que impertinência a minha, devo estar incomodando.



SUMÁRIO

Mulher: Que nada, eu ainda tenho um tempinho.

Joanas: Você encontrou seu marido hoje pela manhã?

Mulher: Não. Não encontrei não. Mas o que há? Você me parece tão perturbado. Posso ajudá-lo em alguma coisa?

Joanas: *(Procurando uma maneira de dizer)* É que...

Mulher: Você está me deixando preocupada. O que aconteceu?

Joanas: Como eu posso dizer... É...

Mulher: Diga logo, estou ficando aflita.

Joanas: A minha esposa...

Mulher: O que houve com Beatriz, tem alguma coisa a ver com meu marido?!

Joanas: Não! Não! Em absoluto. Quero dizer...sim e não. Como eu posso...? É... Eu não sei como dizer.

Mulher: Não me diga que Beatriz e meu marido...eles...?! *(Com um gesto insinuando infidelidade)*

Joanas: Que isso!!! De maneira alguma!!! Onde já se viu isso!!! Claro que não.

Mulher: Ah!!! Ainda bem!!! *(Pausa)* Joanas, nós somos vizinhos há mais de dez anos. Se você deseja desabafar, falar alguma coisa sobre Beatriz. Pode falar, abra o seu coração.

Joanas: A Beatriz, ela... *(Interrompe com receio de falar)*



SUMÁRIO

Mulher: Você quer ligar para o meu marido e falar com ele? Não me parece que você esteja à vontade para falar comigo.

Joanas: Não. Não será necessário.

Mulher: Às vezes uma conversa entre homens é melhor.

Joanas: *(Se recompondo da indecisão)* Não, não, não. Absolutamente. / Não há nada que eu possa dizer a ele que não diria a você.

Mulher: É que você me parece um pouco constrangido.

Joanas: *(Só agora notando o espelho)* O que há com aquele espelho?

Mulher: Joanas, você tem certeza de que não quer ligar para meu marido?

Joanas: Tenho. Tenho. Mas, eu não estou compreendendo!

Mulher: Não está compreendendo o quê?

Joanas: O espelho!

Mulher: O que tem?! É um espelho como outro qualquer.

Joanas: Desde quando eu cheguei, ele estava aqui?

Mulher: Claro que estava!

Joanas: Estranho!!!

Mulher: Não há nada de estranho. É somente um espelho novo. Eu o comprei esta semana.

Joanas: Novo!!!



SUMÁRIO

Mulher: Sim, novo. Certamente é isso que lhe causa estranheza!

Joanas: Não, acho que não.

Mulher: Trocamos um pouco o visual da sala. O espelho anterior era muito pequeno e velho. Tinha umas manchas escuras aqui do lado, por isso resolvemos trocar. Este é bem maior. Daí a sua surpresa. Não gostou do novo visual?

Joanas: *(Ainda com um certo estranhamento.)* Ficou interessante.

Mulher: Que bom que você gostou. *(Pausa)* Isso também, às vezes, acontece comigo. A gente se acostuma com o lugar e quando mudam algum objeto de posição, ou os trocam, isso causa uma certa estranheza.

Joanas: Mas, este espelho é diferente dos outros.

Mulher: Diferente! Como diferente? É um espelho como outro qualquer. Este apenas é um pouco maior do que o anterior. Só isso.

Joanas: Não, claro que não. Ele não reflete as imagens.

Mulher: *(Rindo)* Claro que reflete!

Joanas: Eu não me vejo no espelho.

Mulher: *(Surpresa)* Como assim?!

Joanas: Chegue perto. Veja. A minha imagem não está lá, não é refletida.

Mulher: *(Verificando)* É verdade!!!

Joanas: Engraçado!!! A sua está!!!

Mulher: É verdade!!!*(Faz alguns gestos com as mãos. Depois apalpa o espelho, sua imagem a acompanha).*



SUMÁRIO

Joanas: Curioso este espelho!

Mulher: O vendedor não me falou disso! Disse apenas que era um espelho. Não me falou sobre esses aspectos refletivos.

Joanas: Será que o espelho só reflete as imagens femininas?!

Mulher: Ora, Joanas, um espelho é um espelho! Não me consta que estão fabricando espelhos para homens e espelhos para mulheres.

Joanas: Então por que minha imagem não é refletida?

Mulher: Não sei, isso às vezes acontece.

Joanas: Eu nunca ouvi falar.

Mulher: Certamente é algum defeito.

Joanas: Você acha?!

Mulher: Só pode ser! Não vejo outra explicação. Vou reclamar com o vendedor.

Joanas: Eu também reclamaria.

Mulher: Mas, afinal o que lhe traz aqui tão cedo?

Joanas: *(Procura uma explicação para o espelho. Não encontrando desiste. Dirigindo-se à Mulher)* Bem... a verdade é que...

Mulher: *(Na tentativa de ajudar)* Você falava sobre Beatriz.

Joanas: Sim...Beatriz, é verdade... Você se encontrou com seu marido hoje?

Mulher: Você já fez essa pergunta.



SUMÁRIO

Joanas: É verdade...é verdade.

Mulher: Aconteceu alguma coisa com meu marido?

Joanas: Sim.

Mulher: Então o que lhe traz aqui não é exatamente a Beatriz?!

Joanas: Quero dizer, sim...sim e não.

Mulher: É sobre meu marido?

Joanas: De certa maneira, sim.

Mulher: O que aconteceu? Estou pronta, pode falar.

Joanas: Bem...Hoje esta manhã, quando o seu marido saiu para o trabalho...

Mulher: Diga logo, vá direto ao assunto.

Joanas: Eu o vi saindo esta manhã e ele...

Mulher: Ele...?

Joanas: Ele estava sem cabeça.

Mulher: Sem cabeça!!!

Joanas: Sim. Sem cabeça.

Mulher: *(Perguntando a si mesma)* Mas por que ele fez isso?!!!

Joanas: A verdade é que ele...ele decepou, ele extraiu a sua cabeça.

Mulher: O meu marido extraiu a cabeça! *(Tentando se justificar.)*
Bem... Afinal, isso não é tão ruim assim.



SUMÁRIO

Joanas: Também acho que não, mas a... Beatriz... Você conhece muito bem a Beatriz. Ela...

Mulher: O que tem a Beatriz a ver com isso?

Joanas: Não...Nada. Diretamente ela não tem nada a ver com isso. Você sabe como é a Beatriz.

Mulher: Eu não estou compreendendo.

Joanas: Ela disse que a rua está ficando assim, como posso dizer... Indesejável.

Mulher: Indesejável!!! Por que indesejável?!

Joanas: Ela não se sente bem morando perto de um homem que não tenha cabeça.

Mulher: Ela disse isso?!

Joanas: Na verdade, considerando que nós somos vizinhos há tanto tempo e que somos antigos amigos, eu achei que deveria lhe comunicar...

Mulher: O quê?

Joanas: Nós resolvemos mudar.

Mulher: Como assim, mudar?

Joanas: Da rua, mudar para outro lugar da cidade.

Mulher: Mas que tolice! Vocês moram aqui há tanto tempo!

Joanas: Eu sei, eu sei. Mas eu devo confessar que esse constrangimento não é apenas de Beatriz.



SUMÁRIO

Mulher: Ah! Não! E você veio até aqui só para nos comunicar que vão mudar?!

Joanas: Sim, em consideração à nossa amizade, que é tão antiga. *(Pausa)* Devemos mudar ainda hoje, no final da tarde.

Mulher: Assim, tão rápido?!

Joanas: Sabe como é Beatriz, quando deseja alguma coisa, ela é absolutamente intransigente, impaciente.

Mulher: Mas está chovendo!

Joanas: O incômodo não será tão grande assim. Já tomei todas as providências para que a chuva não molhe ou estrague algum móvel.

Mulher: Então, é isso?

Joanas: Sim.

Mulher: Não há mais nada a dizer?

Joanas: Acredito que não.

Mulher: Também acredito que não. Passar bem! *(Joanas não sai)* Desculpe-me, mas tenho que ir para o trabalho.

Joanas: Ah! Sim, claro...claro. Passar bem. *(Passa defronte ao espelho e não vê a sua imagem refletida. Para. Observa atentamente. Apalpa o vidro e faz gestos para certificar-se de que sua imagem não está lá)* Eu também reclamaria com o vendedor. Onde já se viu, um espelho que não reflete imagem masculina!

(Sai. Blecaute.)



SUMÁRIO

Mesmo cenário. A Mulher está preparando a mesa do jantar. Parece um pouco apressada. O Homem surge no hall de entrada, com sobretudo, guarda-chuva e uma pasta executiva. Está sem cabeça. Permanece ali por alguns instantes procurando a chave para abrir a porta.

Homem: *(Entrando.)* Boa noite!

Mulher: Boa noite.

Homem: *(Colocando seus pertences no cabideiro)* Como passou o dia?

Mulher: *(Dando-lhe um beijo na face do rosto inexistente)* Bem, obrigada. O dia foi meio agitado no trabalho, como sempre, mas estou bem. E você?

Homem: Um pouco fatigado. Mas estou bem, também. *(Pausa)* A garoazinha continua caindo lá fora. Parece que não vai mais parar de chover.

Mulher: Estamos na época das chuvas. Hoje, ao que tudo indica, vai chover a noite toda.

Homem: É, você tem razão!

Mulher: Você foi para o trabalho, assim, desse jeito?!

Homem: *(Com uma certa preocupação)* O que tem? Não estou bem? *(Não encontrando nada que o desabone)* Nada de anormal. Estou usando o mesmo terno azul-marinho e a mesma gravata listrada, que uso todos os dias!

Mulher: Mas não é isso! Você está sem cabeça.



SUMÁRIO

Homem: Ah! Você notou?! Não fiquei bem?

Mulher: Não, claro que não. Pelo menos ponha um chapéu.

Homem: *(No cabideiro, pega o chapéu e o coloca).* Fiquei melhor?

Mulher: Melhorou um pouco. *(Pausa)* Passou bem à noite?

Homem: Mais ou menos.

Mulher: Quando fui deitar você já estava dormindo e quando levantei você já havia saído.

Homem: É, parece que nos desencontramos ontem o dia todo! Estava um pouco cansado e fui dormir cedo. Assim que terminei de cortar minha cabeça, fui dormir.

Mulher: E como foi isso?

Homem: Deu uma vontade incontrolável de resgatar o meu verdadeiro eu.

Mulher: Assim, sem mais nem menos?!

Homem: Tudo começou quando vi minha imagem refletida no espelho. Achei que aquele não era eu.

Mulher: E depois?

Homem: Depois apareceram os espelhos.

Mulher: Os espelhos!!!?

Homem: Sim, os espelhos.

Mulher: E você se permitiu a esse ponto?!!!



SUMÁRIO

Homem: Foi algo meio fora de controle, quando me dei conta, já estavam lá no meu quarto.

Mulher: Ah! Agora entendo!

Homem: Pedi a eles que me sentassem na cama e dessem início ao diálogo. Estava eu e meu outro eu. Aquele que era eu no princípio, mas que agora não é mais eu.

Mulher: E havia outros?

Homem: Sim, vários deles. Acho que todos. *(Pausa)* Sentamos na cama e começamos as discussões. Sabe que, apesar de haver uma certa intimidade entre eles, a conversa foi por demais complicada. Eles não concordavam com minha decisão, a de resgatar o meu verdadeiro eu. A conversa ficou acirrada e não havia meios para um acordo.

Mulher: Por isso você decidiu cortar a cabeça?!

Homem: Sim, é verdade.

Mulher: E o que você fez de sua cabeça?

Homem: Joguei na latrina, dei descarga.

Mulher: Só isso?

Homem: O que fazer?! Achei que ela não serviria para mais nada. Não tem mais utilidade.

Mulher: E com que você extraiu sua cabeça?!

Homem: Com aquele serrote que guardo no armário.

Mulher: Santo Deus!!!



SUMÁRIO

Homem: Com uma tesoura eu desbastei a aspereza de uns brancos nervos pontiagudos que insistiam em não ficar quietos.

Mulher: E como se sente?

Homem: Quando joguei a cabeça na latrina e dei descarga, o movimento circular da água, o revolver d'água, foi engolindo, engolindo a minha cabeça, como numa despedida. E eu fiquei feliz, muito feliz. Um pouco fatigado, é verdade. Mas muito, muito feliz. No mais, você já sabe, fui dormir um pouco.

Mulher: E agora, o que você pretende fazer?

Homem: Engraçado!!! Hoje pela manhã quando me levantei, fui para o banheiro proceder meu asseio matinal. Só quando fui lavar o rosto é que me lembrei de que não tinha mais cabeça.

Mulher: E mesmo assim você fez todos os seus gestos matinais?

Homem: Justamente!!! Engraçado isso, não?! Lavei o rosto, escovei os dentes, fiz a barba, penteei os cabelos, e por último vesti meu terno azul-marinho, colocando minha gravata listrada. Depois...Depois descí para tomar meu desjejum.

Mulher: E foi só isso?!

Homem: Só.

Mulher: E não fez mais nada?!

Homem: Nada. O que deveria fazer?!

Mulher: Não sei, mas você deve tomar alguma atitude.



SUMÁRIO

Homem: Atitude?! (*Pausa*) Quando eu fui para meu trabalho esta manhã, ainda na saída daqui de casa, no jardim, alguns vizinhos me cumprimentaram discretamente. Eu também os respondi com um discreto bom dia. Não sei, tive a sensação de um certo constrangimento por parte deles.

Mulher: E o que você esperava?! Você cortou a cabeça.

Homem: Mas eles não me reconheceram. Pelo menos foi a impressão que tive. O estranho em tudo isso é que, quando eu cheguei no meu trabalho, ninguém, absolutamente ninguém me cumprimentou. Sei que estava sem cabeça e que, provavelmente, meus colegas não me reconheceram.

Mulher: Será que não lhe reconheceram?!

Homem: Reconheceram sim. Tenho certeza. Eu estava usando o meu terno azul-marinho e minha gravata listrada, que uso todos os dias.

Mulher: Isso é suficiente para reconhecer uma pessoa?!

Homem: No meu caso, eu acho que sim. A minha gravata listrada e meu terno azul-marinho são por demais conhecidos em toda repartição.

Mulher: Ora, só me faltava essa! Eu até admito que você tenha sido reconhecido aqui em frente da nossa casa. Afinal você usava a sua roupa tradicional de trabalho e estava saindo de casa. Mas faça-me o favor, no seu trabalho isso não é possível! Você corta sua cabeça e quer ser reconhecido apenas pela sua grava listrada e seu terno azul-marinho?!

Homem: E por que não?! Não é assim que somos notados?!

Mulher: Tenha paciência!!!



SUMÁRIO

Homem: Eles me reconheceram, sim. Disso eu tenho certeza.

Mulher: Como você tem tanta certeza assim?

Homem: No final do expediente eu compreendi o comportamento de todos, o motivo deles não me cumprimentarem.

Mulher: O que aconteceu?

Homem: Recebi uma carta da direção da empresa.

Mulher: Uma carta! E que carta é essa? Do que ela falava?

Homem: *(Retirando a carta do bolso do sobretudo)* É uma carta de demissão. Está escrito aí: motivo da demissão – justa causa, improbidade administrativa.

Mulher: Então você foi demitido?!

Homem: Improbidade administrativa!!! Sabem lá o que estão fazendo?! Tantos anos dedicados àquela empresa, e agora sou jogado, assim sem mais nem menos, no olho da rua!

Mulher: A escolha foi sua.

Homem: Eu só queria resgatar o meu verdadeiro eu. Apenas isso.

Mulher: Você primeiro deveria ter pensado nas consequências. *(Pausa)* Você conversou com seu chefe imediato?

Homem: Sim, falei com ele.

Mulher: E o que ele disse?



SUMÁRIO

Homem: Foi ele quem me entregou a carta. Tentei de todas as maneiras dissimulá-lo, mas ele disse que a ordem vinha de seus superiores e que ele sentia muitíssimo, mas não poderia fazer nada.

Mulher: E você aceitou passivamente a demissão?

Homem: O que eu poderia fazer?! Nada a fazer. Apenas peguei meus pertences, que estavam sobre a mesa e fui embora. *(Pausa)* Sabe, mesmo com aquela garoazinha caindo lá fora, hoje o dia inteiro, achei que não deveria vir para casa. Fiquei pela rua perambulando um pouco. Vendo vitrines.

Mulher: Vendo vitrines!

Homem: Eu queria descansar um pouco desse dia fatigante. Ver vitrines, ir ao shopping, por que não?! *(Com certa satisfação)* Nas minhas caminhadas aconteceu algo realmente inusitado. A cada loja que eu passava, via a minha imagem refletida nas vitrines. Estava lá a silhueta formada pelo meu corpo: o sobretudo, o guarda-chuva, a minha pasta executiva, agora sem serventia e meu chapéu, sem cabeça. Tudo estava ali sobreposto a algumas iguarias humanas.

Mulher: *(Pausa)* Desculpe-me, mas até agora eu não ouvi os motivos, as razões, as justificativas para um ato assim tão impensado.

Homem: Mas eu já lhe disse tudo. Não há mais nada a dizer, você já sabe de tudo.

Mulher: Você tem certeza?

Homem: Claro! Não estou omitindo nada de você! Tudo que falei é a mais pura verdade.

Mulher: Espero que sim. *(Pausa)* Vou servir o jantar.
Pantomima.

(Silêncio. A Mulher serve o jantar, com movimentos bruscos e por vezes exaltados. O Homem serve seu prato com movimentos leves e por vezes bruscos. A Mulher serve seu prato com movimentos que denotam aridez e desprezo pelo Homem. A Mulher fita-o com olhares de repressão. Por um longo tempo o silêncio permanece, ouvindo-se apenas o alarido dos talheres e o bater das panelas.)

SUMÁRIO

Mulher: Há tempo que eu não comia tão bem!

Homem: Eu também.

Mulher: A garozinha continua caindo lá fora.

Homem: Você notou?!

Mulher: Persistente essa chuvinha fina, não?!

Homem: É... Deve chover a noite toda.

Mulher: Preciso lhe falar uma coisa.

Homem: O quê?

Mulher: O Joanas, o nosso vizinho aqui do lado...

Homem: O que tem ele?

Mulher: Esteve aqui esta manhã, para nos comunicar - oficialmente eu creio - que mudariam no final da tarde.

Homem: Mudar?!

Mulher: Sim, da casa, da rua, do bairro.

Homem: Mesmo com essa chuva?!



SUMÁRIO

Mulher: É... Mesmo com essa chuva.

Homem: E por quê? Ele mora aqui há tanto tempo, sempre gostou muito de nosso bairro, sempre o elogiou. Logo ele que falava que jamais mudaria daqui, tinha tanto orgulho de nosso bairro!

Mulher: Disse que a rua está ficando indesejável.

Homem: Indesejável!!! O que aconteceu?!

Mulher: Estava se referindo a nós.

Homem: A nós?!!!

Mulher: Sim, a nós. Ele veio aqui e disse que ele e sua esposa não gostariam de morar na mesma rua onde mora um homem sem cabeça.

Homem: O Joanas disse isso!!!

Mulher: Veio aqui só para isso.

Homem: Mas que prepotente!!!

Mulher: Ele veio fazer o comunicado em consideração a nossa velha amizade.

Homem: Em consideração a nossa amizade!!! É um arrogante mesmo!! Quer saber de uma coisa?! É bom mesmo que ele vá embora. Nunca gostei daquele rabugento. Vive aí futricando a vida dos outros. Certamente, ele deve ser um daqueles que me viram sair esta manhã e mal me cumprimentaram. Agora deve estar aí mexericando pelos quatro cantos da cidade. Se fosse o Alfredo eu ainda me preocupava, mas o Joanas! Um fofoqueiro! Ele que vá para os diabos que o carreguem. Ele e toda sua gente.

Mulher: O Alfredo sempre foi mais amigo. Nisso você tem razão.



SUMÁRIO

Homem: O Alfredo não fica aí bisbilhotando a vida dos outros.

Mulher: Mas o que vamos fazer? Não podemos servir de comentários para toda a vizinhança.

Homem: Eu não me preocupo com essa gentalha.

Mulher: Você há de convir comigo que é muito desagradável ficar na boca miúda dessa gente.

Homem: Eles são uns invejosos. Aposto com você que qualquer um deles, qualquer um, adoraria fazer o que eu fiz. O que eles não têm mesmo é coragem. São uns bandos de frouxos.

Mulher: Mas eles estão horrorizados! *(Surge Joana no hall de entrada)*

Homem: Horrorizados com quê? Nunca viram um Homem que perdeu a cabeça?!

Joana: *(Toca a campainha)*

Mulher: *(Assustada)* O que foi isso?

Homem: *(Irônico)* Calma!!! Nada. Apenas a campainha. Deixa que vou atender.

Mulher: Não. Não. Melhor eu atender. *(Olhando pelo olho mágico)* É a Joana.

Homem: Joana!!! A esposa do Alfredo?

Mulher: Ela mesma. *(Abre a porta)* Boa noite, Joana! Que prazer recebê-la.

Joana: Boa noite. Desculpe-me o adiantado da hora.

Homem: Faça o favor Joana, queira entrar.



SUMÁRIO

Mulher: Que adiantado da hora que nada! É sempre um prazer recebê-la em nossa casa.

Homem: Entre Joana.

Joana: *(Entra e se assusta com Homem. Tenta disfarçar, mas não consegue)* Então é verdade?!

Mulher: Sim, é verdade.

Joana: Mas como foi isso?!

Homem: Deixa isso para lá, Joana. Já não tem mais importância. Eu estou bem, não se preocupe.

Joana: Sim...Sim... Não tem mais importância.

Mulher: Nós acabamos de jantar. Você não gostaria...

Joana: Não. Não, abrigada. Eu também já jantei.

Mulher: Quem sabe a sobremesa... Eu tenho aqui um doce de casca de laranja que é muito gostoso. Se você quiser provar?

Joana: Não. Obrigada, obrigada.

Mulher: *(Indo servir o prato de doce)* Só um pedacinho! Para provar. Está um pouco amargo, mas...

Joana: Não. Não. Obrigada mesmo. *(Pausa. Dirigindo-se ao Homem)*. Como se sente? Dói muito?!

Homem: Não, não dói nada. Já estou me acostumando. Doía mais, quando eu tinha cabeça. Você me parece um pouco decepcionada comigo.

Joana: Não se trata de uma decepção. Estas decisões são pessoais.



SUMÁRIO

Homem: Quem lhe contou?

Joana: O Joanas.

Homem: Eu já esperava por isso.

Joana: Por quê? Isso te incomoda?

Homem: Eu não gosto de fofocas.

Joana: Espero que você não se arrependa.

Homem: Não há o que arrepender. O que está feito, está feito. Espero que você e Alfredo tenham compreendido.

Joana: Não nos cabe julgar os atos dos outros.

Homem: *(Dirigindo-se à Mulher)* Claro! Claro! Você e Alfredo sempre foram muito discretos.

Joana: Não temos o direito de interferir na vida de ninguém.

Homem: Obrigado. Sinto-me confortado com suas palavras.

Joana: Cada um vive da maneira que deseja, não é mesmo?!

Homem: Claro.

Joana: *(Pausa)* O Alfredo, ele pediu para eu vir aqui e...

Homem: O Alfredo?! O que ele deseja?

Joana: *(Só agora notando o espelho e assustando com ele)*

Homem: O que foi?!

Joana: O espelho!



SUMÁRIO

Homem: O que tem o espelho?

Joana: Ele não está refletindo a minha imagem.

Mulher: Estranho! Essa manhã ele estava assim, não refletia a imagem do Joanas.

Homem: Do Joanas?!!!

Mulher: Sim, eu não falei que ele esteve aqui, hoje pela manhã?!

Joana: O espelho não refletia a imagem do Joanas?!

Mulher: Não. Eu até achei que era um novo tipo de espelho. Isso é: uma tecnologia nova; sei lá. Eu pensei que o espelho não refletisse apenas as imagens masculinas. E agora acontece o mesmo com você!

Joana: *(Apontando para o espelho)* Você está lá, eu não!

Mulher: De fato. A minha imagem está refletida. Mas está um pouco pálida. Não sei, parece que temos pouca luz aqui na sala.

Joana: Não, ao contrário, a luz está forte demais, quero dizer: normal.

Mulher: Sim, mas deixemos isso de lado. Deve mesmo ser um defeito de fabricação. Eu já reclamei ao vendedor, amanhã mesmo ele trocará o espelho. Você falava sobre o Alfredo.

Joana: Bem é... O Alfredo...O Alfredo achou que deveríamos comunicar a vocês, eu também achei que deveria, só que eu não sei como falar.

Mulher: Que bobagem! Falando! Entre nós nunca houve nenhum segredo. Sempre que temos o que dizer um ao outro, foi dito abertamente.

Joana: É que nós vamos nos mudar amanhã, pela manhã.



SUMÁRIO

Homem: Mudar!!!

Joana: Sim, da cidade.

Homem: Da cidade!!!

Joana: Nós conversamos muito, eu e o Alfredo e achamos que...

Mulher: Não é necessário explicar. Eu entendo.

Joana: Eu só queria dizer que...

Mulher: Não precisa, Joana. Não é preciso passar por este constrangimento. Eu entendo. Entendo perfeitamente bem.

Joana: *(Um pouco chorosa)* Eu sinto muito, mas nós não conseguiríamos.

Mulher: Eu entendo.

Joana: *(Chorando)* Então, se vocês me dão licença...

Mulher: Fique à vontade.

Joana: Boa noite!

Mulher: Boa noite.

Joana: *(Sai, chorando. Silêncio)*

Mulher: Não foram só eles.

Homem: Não. Não foram só eles. Infelizmente não.

Mulher: O motivo da mudança de todos é sempre o mesmo.

Homem: É. E agora?! O que faço?



SUMÁRIO

Mulher: Não sei. Mas, eu tenho um comunicado a lhe fazer.

Homem: A mim?!!!

Mulher: Sim. Eu também vou embora.

(Longo silêncio)

Homem: Embora!!! Para onde?

Mulher: Ainda não sei. Estou pensando em levar minhas coisas para aquele pequeno apartamento que temos.

Homem: Você está me pedindo a separação?!

Mulher: Sim, estou lhe pedindo a separação.

Homem: Mas assim tão repentinamente?!

Mulher: Sinto muito, mas eu também não consigo viver com um homem sem cabeça.

Homem: Sim, entendo.

Mulher: Então, só nos resta dizer adeus.

Homem: Tão rápido?!!

Mulher: Estranho...!!! Minha imagem não reflete mais no espelho. Não há muito que fazer. Você está decidido e eu também. *(Pausa)* Já estou indo. Depois, quando você não estiver em casa, passo para pegar minhas coisas.

Homem: Não, por favor. Você também não.

Mulher: A escolha foi sua. Estou indo.

Homem: Espere, espere um pouco, talvez....

Mulher: Não há talvez. Está tudo definido. Não vejo motivos para continuarmos.

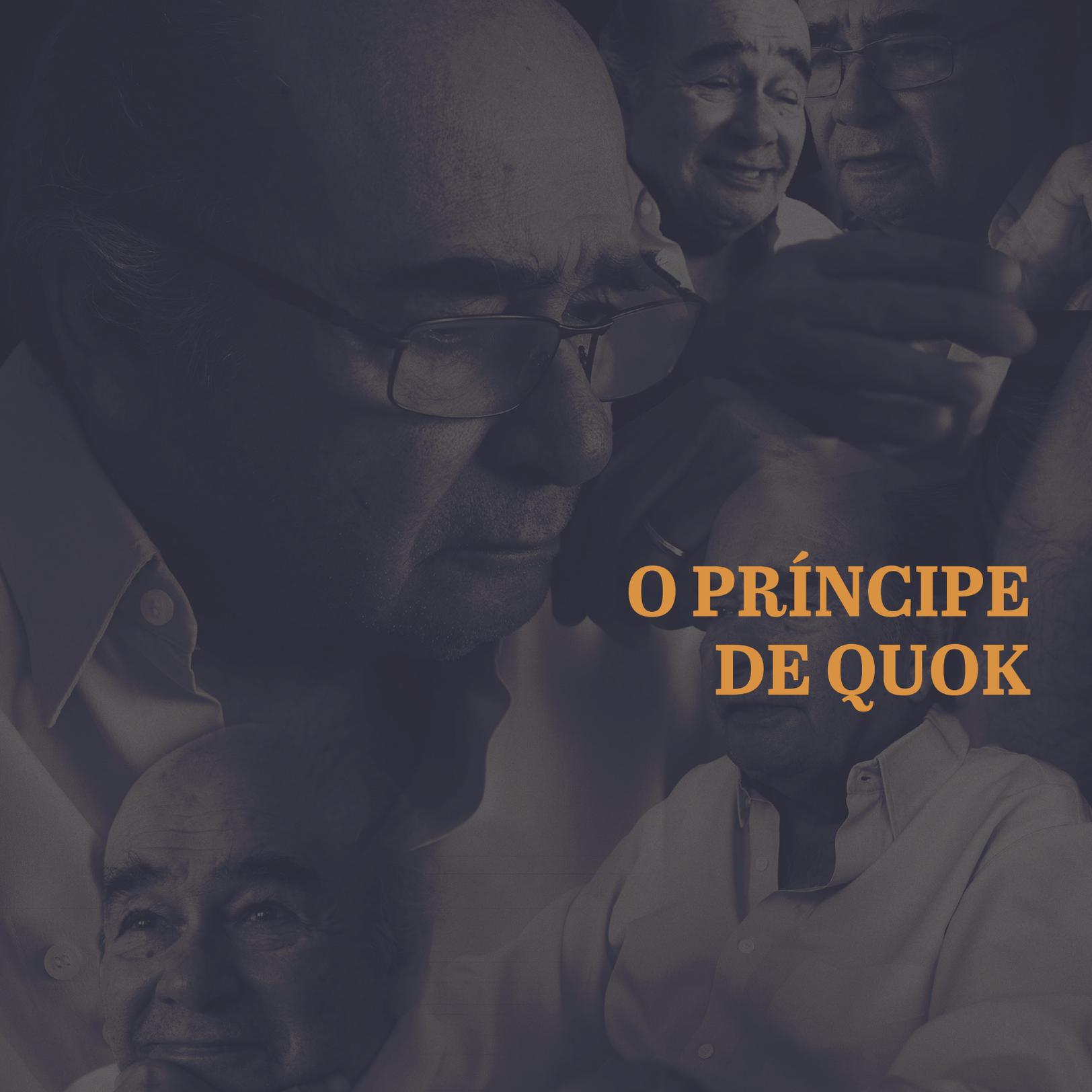
Homem: Espere...

Mulher: Adeus! *(Inicia sua saída e para defronte ao espelho, que não reflete mais sua imagem).* Não me vejo mais. Acho que está mesmo na hora. Eu já vou. *(Sai)*

Homem: *(Pausa. Anda até o espelho. Para. Faz gestos para certificar-se de que sua imagem está refletida no espelho.)* Você ainda está aí. Parco, muito parco e pálido, mas ainda está aí. *(Pausa)* Agora eu compreendo. Compreendo tudo. Não é preciso mais nada. Não me resta mais nada. Tenho que buscar de volta a minha cabeça. Infelizmente, nas profundezas desse esgoto, não sei se encontrarei minha cabeça.



SUMÁRIO



**O PRÍNCIPE
DE QUOK**



SUMÁRIO

PERSONAGENS:

- *Conselheiro-Chefe*
- *Conselheiro 1*
- *Conselheiro 2*
- *Príncipe*
- *Duende*
- *Pai-Tempo.*
- *Uma Senhora*
- *Uma velha*
- *Cobra-Grande*
- *Feiticeiro Real*
- *Homúnculo*
- *Os ladrões: Beni*
- *Lugui*
- *Vitor*
- *Nyana*

CENÁRIO:

Sala nas dependências do Palácio Real.

Livre adaptação dos contos: *"O baú de ladrões", "A rainha", de L. Frank Baum e "Cobra Norato", de Raul Bopp*

Conselheiro-Chefe: *(Aos anciãos.)* Meu povo. Povo da terra de Quok. O que vos traz aqui, suplicantes, enquanto o reino inteiro está de luto? Em que posso ajudar-vos?

Conselheiro 1: O senhor não é nosso rei para nos conclamar como vosso povo!



SUMÁRIO

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Perdoem-me as palavras. Eu não quis passar por Vossa Majestade.

Conselheiro 1: Que seja verdade o que dizes.

Conselheiro-Chefe: Meus bons amigos, eu sei bem demais o que vos traz aqui e o que desejais. Nós todos sabemos que nosso amado rei, o rei de Quok, faleceu esta noite.

Conselheiro 1: Sim, nós todos sabemos.

Conselheiro-Chefe: E sabemos também que estava mais que na hora de nosso rei abandonar a vida terrena, pois vivia de forma extravagante e seus súditos passarão muito bem sem ele.

Conselheiro 2: Ah! Conselheiro-chefe. Acaso já esqueceu a vida extravagante que tivemos ao lado de nosso amado rei?

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Relevem essas palavras, senhores. Mas nós todos sabemos que nosso falecido rei viveu uma vida dissoluta.

Conselheiro 2: É verdade. O pai de nosso rei deixara um grande tesouro, com dinheiro e joias em abundância. Mas nosso pobre rei, falecido, desperdiçou cada centavo com sua vida dissoluta.

Conselheiro-Chefe: E depois subiu os impostos de seus súditos até a maioria deles tornar-se mendigo, para novamente gastar nosso dinheiro com uma vida dissoluta.

Conselheiro 1: O nosso falecido rei vendeu toda a magnífica mobília do palácio, todas as baixelas, pratos e quinquilharias de prata e ouro, todos os ricos tapetes e equipamentos...

Conselheiro-Chefe: Para novamente gastar em uma vida dissoluta!



SUMÁRIO

Conselheiro 1: Vendeu, inclusive, as joias da coroa real e do cetro.

Conselheiro-chefe: E gastou, é claro, todo o dinheiro em uma vida dissoluta.

Conselheiro 1: Tudo que restou do império de Quok foi o manto real de arminho, manchado e carcomido pelas traças.

Conselheiro-Chefe: Só não vendeu a própria coroa porque ninguém, que não o rei, tem direito de usá-la.

Conselheiro 1: E gastou tudo em uma vida dissoluta!

Conselheiro 2: Agora o reino está pobre.

Conselheiro 1: Vivíamos uma vida extravagante, enquanto havia dinheiro. Agora seremos obrigados a trabalhar.

Conselheiro-Chefe: Trabalhar!!! Nós, os nobres de Quok?

Conselheiro 2: Sim, pois o reino está em ruínas.

Conselheiro-Chefe: Jamais!!! Os nobres de Quok nunca trabalham. Nosso ofício é subornar a coroa real.

Conselheiro 2: Mas Conselheiro, não há mais tesouro real e o sucessor de nosso falecido rei é apenas uma criança, jovem demais para governar.

Conselheiro 1: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Estamos arruinados! Teremos que trabalhar para sempre.

Conselheiro 2: Não teremos mais uma vida dissoluta, vai-se embora toda a nossa vida extravagante.

Conselheiro-Chefe: Precisamos arquitetar um plano que traga dinheiro ao reino de Quok.



SUMÁRIO

Conselheiro 2: Como faremos isso Conselheiro-Chefe?

Conselheiro-chefe: Não sei. Precisamos pensar. *(Anda de um lado ao outro pensativo)* Que tal se aumentássemos ainda mais os impostos?

Conselheiro 1: Penso que nada adiantará, nossos súditos estão paupérrimos e não conseguem mais pagar seus impostos. São todos uns pobretões.

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! O podemos fazer?!

Conselheiro 1: Já sei. *(Anda de um lado ao outro procurando respostas)* Que tal se nós...? Não isso não vai dar certo.

Conselheiro 2: E se nós... ? Não isso também não dará certo.

Conselheiro-Chefe: Cale a boca estou pensando. Não vê que me atrapalham! Vocês não me deixam pensar com esse falatório inútil. Ó Deus!!! Ó Céus!!! O que podemos fazer.

Conselheiro 1: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Estamos arruinados.

Conselheiro-Chefe: Luz divina! Já sei o que fazer.

Conselheiro 2: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Diga-nos Conselheiro-chefe.

Conselheiro 1: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Diga-nos Conselheiro-chefe.

Conselheiro-Chefe: Podemos casar o jovem rei com uma dama de grande riqueza.

Conselheiro 2: O jovem príncipe tem apenas dez anos!!!

Conselheiro-Chefe: Ele terá que se casar um dia, não é mesmo?! Que seja logo.



SUMÁRIO

Conselheiro 1: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Parece uma boa ideia! Se casarmos o príncipe com uma dama de grande riqueza o dinheiro voltará ao tesouro real.

Conselheiro 2: E nós teremos dinheiro novamente para gastar com uma vida dissoluta.

Conselheiro 1: O tesouro do reizinho estará ao nosso alcance para o que precisarmos.

Conselheiro 2: Magnânimo!!! Maravilhosa ideia!!!

Conselheiro 1: Ó Deus!!! Ó Céus!!! O nosso conselheiro-chefe é um gênio!!!

Conselheiro-Chefe: Está decidido. Chamem o reizinho aqui. Vamos informá-lo de nossa decisão.

(Um dos anciãos sai e retorna com o reizinho, que traz consigo um pião.)

Príncipe: *(Brinca com o pião)*

Conselheiro-Chefe: Majestade...Majestade.

Príncipe: *(Roda o pião nos pés de um dos conselheiros)*

Conselheiro-Chefe: Sua Majestade, agora que seu pai morreu, estivemos pensando em um meio de devolver ao seu reino a antiga força e magnificência.

Príncipe: *(Desatentamente)* Está certo. *(Brinca com o pião)* Como você vai fazer isso?

Conselheiro-Chefe: Casando o senhor com uma dama de grande riqueza.



SUMÁRIO

Príncipe: *(Sem muito interesse)* Me casando! Por quê? Eu só tenho dez anos de idade!

Conselheiro-Chefe: Eu sei. Eu sei e isso é lastimável. Mas sua Majestade vai crescer, e os negócios do reino exigem que o senhor se case imediatamente.

Príncipe: Não posso me casar com uma mãe, em vez disso? Eu perdi a minha mãe quando ainda era pequeno.

Conselheiro-chefe: Certamente não, Majestade. Casar-se com uma mãe seria ilegal; casar-se com uma que não a sua mãe é correto e apropriado.

Príncipe: Você não poderia se casar com ela em meu lugar? *(Aponta o pão para o bico do sapato do conselheiro, e rindo ao ver como ele salta para escapar do brinquedo).*

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Claro que não! Você não tem um só centavo, mas tem um reino. Há muitas mulheres ricas que ficariam satisfeitas em trocar suas posses por uma coroa de rainha, mesmo que o rei não passasse de uma criança. Sendo assim nós decidimos anunciar que, quem oferecer a maior quantia, em dinheiro, se tornará a rainha de Quok.

Príncipe: Se devo me casar, prefiro me casar com Nyana, a filha do armeiro.

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Ela é muito pobre!

Príncipe: Mas seus dentes são pérolas, seus olhos ametistas, e seu cabelo é ouro.

Conselheiro-Chefe: É verdade, Sua Majestade. Mas considere. E se precisarmos usar a riqueza de sua esposa, como ficaria Nyana depois que o senhor arrancasse seus dentes de pérolas, tirasse seus olhos de ametista e cortasse seus cabelos de ouro?



SUMÁRIO

Príncipe: *(Desesperançado)* Coitada de Nyana!!! Não quero machucá-la. Tens razão conselheiro. Faça as coisas do seu modo. Cuide apenas para que a minha futura esposa seja uma boa companheira de brincadeiras.

Conselheiro-Chefe: Faremos o melhor possível, Majestade. Anunciem aos reinos vizinhos que estamos buscando uma esposa para o rei-menino de Quok. Todas as mulheres de grande riqueza poderão se candidatar ao privilégio de desposar o rei. Aquela que oferecer a maior riqueza será a rainha de Quok. Que venham todas as damas de Bilkon, Mulgravia, Junkun e até de lugares distantes, como a república de Macvelt.

(Todos os atores ajudam na preparação do ambiente para transformá-lo num salão de audiências. O Príncipe, enrolado em um manto de arminho rasgado e sujo, é levado ao trono real. O conselheiro-chefe enche a parte interior da coroa com panos sujos e velhos e a encaixa na cabeça do Príncipe.)

Conselheiro-Chefe: Quem oferece o maior lance pela coroa de Quok?

Uma Senhora: *(Na plateia)* Onde está a coroa?

Conselheiro-Chefe: No momento não há nenhuma, minha senhora. Mas quem oferecer o maior lance terá o direito de usá-la, e então poderá comprar uma.

Uma Senhora: Ah! Compreendo. *(Agitada)* Eu ofereço catorze dinheiros.

Uma velha: *(Na plateia. Com grande euforia.)* Ofereço quinze dinheiros.

(As duas senhoras, animadamente, oferecem lances sucessivos.)

Duende: Peguei!!!

(Todos os personagens ficam imóveis, como num quadro vivo, exceto o Príncipe. Estrondo de trovões.)

Duende: *(Puxando uma corda que vem bem esticada.)* Peguei!!! Peguei meu nobre príncipe.

Pai-tempo: *(Novamente estrondo de trovões. Surge o Pai-Tempo no fim da grande corda)* Ei, me solte! Me solte, já disse! Você não vê o que faz?

Duende: Ôôôôááá'!!!! Venha. Venha meu bom velho.

Príncipe: Por que toda esta agitação? O que está acontecendo?

Duende: Lacei o Pai-tempo, meu grande príncipe.

Pai-tempo: Ora...Tire essa corda de cima de mim.

Príncipe: Quem você laçou?

Duende: O tempo.

Príncipe: O tempo!!!

Pai-tempo: Me solte, me solte! Será que você não percebe que com sua insensatez tudo paralisou aqui na terra?!

Duende: Ôôôôááá'!!!!

Pai-tempo: O que você está me olhando? Vamos, me liberte de uma vez...

Príncipe: Quem é você e por que aprisionou o tempo?

Duende: Eu sou um duende, você não está vendo?

Príncipe: Mas o que faz um duende no mundo dos homens.



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Duende: Eu sou a sua consciência.

Príncipe: Minha consciência??!!

Duende: Sim, aquela vizinha que fica soprando palavras nos seus ouvidos, dizendo o que você pode e não pode fazer.

Príncipe: E por que você prendeu o tempo.

Duende: Porque Vossa Majestade pediu.

Príncipe: Eu!!! Eu não pedi nada.

Pai-tempo: Majestade!!! Diga para esse duende me soltar. O mundo todo parou de mover quando esse maluco me apanhou. Não acredito que ele queira parar todos os negócios, prazeres, guerra, amor, miséria, ambição, enfim, tudo. Tudo está paralisado nesse mundo. Nenhum relógio andou desde que esse maluco me amarrou aqui como uma múmia parálitica.

Duende: Era isso mesmo que eu queria!!!

Pai-tempo: Mas eu sou um velho! Respeite os meus cabelos brancos e minha barba grisalha!

Duende: Tirar uma folga vai lhe fazer bem. O senhor leva uma vida muita ocupada.

Pai-tempo: E levo mesmo! Esperam-me neste mesmo minuto em toda parte do mundo. E pensar que um duende maluco está atrapalhando meus hábitos regulares. Ninguém, ninguém, ouviu bem! Ninguém nunca me prendeu.

Duende: Onde estão suas asas?



SUMÁRIO

Pai-tempo: Eu não tenho asas, seu burro. Essa é uma das muitas histórias inventadas por alguém que nunca me viu. Para falar a verdade eu me movo bem lentamente.

Duende: E eu que achava que o tempo voava!!

Príncipe: Entendo. O tempo não tem pressa.

Duende: E para que essa foice?

Pai-tempo: Você é mesmo um burro, um asno! Essa foice é para matar as pessoas. Cada vez que eu balanço minha foice alguém morre.

Duende: Então eu deveria ganhar uma medalha do mundo dos homens. Uma medalha de salva-vidas por mantê-lo amarrado. Nesse meio tempo alguns homens vão viver mais, pois não há o tempo, o tempo não passa para eles.

Pai-Tempo: Eles não saberão disso, seu tolo. Isso não os ajudará em nada. Você deveria é me desamarrar de uma vez.

Príncipe: Eu não compreendo! Se você é mesmo o tempo e foi capturado por que eu estou me movendo, se todos estão imóveis?

Pai-tempo: Majestade, peça a esse estrupício para me soltar.

Príncipe: Não sem antes você me responder.

Pai-tempo: Está bem eu explico. Isso acontece porque eu sou seu prisioneiro. Agora você pode fazer o que quiser com o tempo. Mas seja cuidadoso, senão vai acabar fazendo algo de que se arrepende-rá no futuro.

Príncipe: Quer dizer que o senhor é mesmo o tempo?!

Pai-tempo: Sim, sou.



SUMÁRIO

Príncipe: Mas eu nunca vi o senhor!!!

Pai-tempo: Como poderia se eu sou invisível para os seres humanos?! Eles chegam perto de mim e tomo cuidado para que a distância entre mim e eles seja sempre maior que um metro. Por isso eu estava andando nos campos, onde supus que não haveria ninguém, quando esse duende me prendeu. Peça a esse maluco para me soltar. Tudo está parado por aqui. Ele está atrapalhando o bom andamento das coisas aqui na terra.

Príncipe: *(Ao duende)* Você pode me explicar por que aprisionou o tempo?

Duende: Ora, Majestade!!! Já expliquei. Você me pediu.

Príncipe: Eu!!! Mas eu não pedi nada disso!

Duende: Pediu sim. Quanto você estava sentado naquele trono, assistindo à venda de seu reino, você não desejou parar o tempo?!

Príncipe: Sim desejei. Mas foi apenas um desejo.

Duende: Eu sei. Mas eu, como sua consciência, lachei o tempo para que você possa pensar melhor no que fazer. Vossa majestade certamente não permitirá a venda de seu reino?!

Príncipe: Não, eu não gostaria de ver meu reino leiloado. Sinto-me envergonhado com tudo isso.

Pai-tempo: Majestade, ordene que esse duende me solte.

Príncipe: Sinto muito senhor Pai-tempo, mas uma vez que o mundo já está parado, não haverá problema se a pausa for um pouco mais longa. Isso me dará tempo para pensar, e quem sabe encontrar um meio de sair dessa situação.



SUMÁRIO

Pai-tempo: Deixe o tempo passar, o tempo é o remédio para todos os males. Todo mundo esquece tudo com o passar do tempo.

Príncipe: Mas estão vendendo o meu reino! Mais que isso, querem me casar com uma mulher que eu nem conheço só para restituir a riqueza ao meu trono.

Pai-tempo: Mas não existem reinados sem um tesouro. Se seu reino não tem tesouro é preciso encontrar um.

Príncipe: Mas havia um.

Pai-tempo: E o que foi feito dele?

Príncipe: O meu pai, o antigo rei de Quok, gastou todo o dinheiro em uma vida dissoluta.

Duende: O que é uma vida dissoluta?

Príncipe: Não me peça para explicar, eu não sei. Só sei, por ouvir dizer, que é um excelente meio de jogar dinheiro fora. Isso parece que meu pai, o extravagante rei, descobriu logo. Agora ele morreu e meu reino não tem tesouro.

Duende: Majestade, você não vai permitir que uma velha cara de azedo, que pode ser sua avó, seja a rainha de Quok!

Príncipe: O que posso fazer?! Um rei, mesmo criança como eu, não pode governar sem um tesouro.

Duende: Você não vai se casar com aquela criatura repulsiva, vai?

Príncipe: Infelizmente!!!

Duende: Ela só ambiciona ser rainha. Quando ela casar com você irá lhe maltratar. Baterá em você, como faz a madrasta má. Você vai ganhar uma surra por dia.



SUMÁRIO

Pai-tempo: Ai de ti!!! Infeliz é o príncipe de Quok!!! Agora compreendo porque você desejou parar o tempo. Majestade, sinto muito em decepcioná-lo. Mas devo lhe informar que suas dificuldades não solucionarão parando o tempo. Para resolver as suas dificuldades precisa enfrentá-las, sem medo, de maneira destemida e forte. Assim cara a cara. Não é parando o tempo que tudo se resolve.

Príncipe: O que posso fazer agora? Aí de mim, terei uma bruxa velha para me maltratar o resto dos meus dias.

Duende: Pobre príncipe. Terá uma vida infeliz pelo resto dos seus dias.

Pai-tempo: Duende tolo. Fala como quem acredita no destino. Ninguém é predestinado a nada. O futuro dos homens são eles mesmos que constroem, aos pouquinhos, passo a passo, de acordo com a sua vontade. É preciso determinação e aí sim, você construirá o futuro que deseja. Pois existe um tempo para trabalhar, tempo para estudar, tempo para brincar e tempo para tomar decisões. E não podemos perder nenhum deles, meu jovem rei. E ao que tudo indica, Vossa Majestade perdeu o Tempo para tomar decisões e por isso seu reino está em perigo. Um rei foi feito para governar. E não para permitir que gananciosos tomem o poder. Meu pequeno rei de Quok, essa decisão difícil você deveria tomar em boa hora. Agora é tarde demais, pois quando desamarrar o tempo, não haverá tempo suficiente para alterar o curso do leilão.

Príncipe: Estou perdido!!!

Pai-tempo: Força meu nobre amigo! Força! É tudo o que você precisa. E lembre-se: um rei é para governar. Agora penso que está mais do que na hora dos senhores me libertarem.

Duende: Cuidado, Majestade!!! Ele carrega uma foice.

Príncipe: O que tem ela?



SUMÁRIO

Duende: Talvez, se deixá-lo ir, a primeira coisa que ele fará será balançar essa foice contra a Vossa Majestade.

Pai-tempo: Conheço garotos há milhares de anos, e evidentemente sei que eles são imprudentes. Mas gosto de criança, elas crescem e se tornam homens. Agora, se um homem tivesse me apanhado por acidente, eu poderia amedrontá-lo, para que ele me soltasse; mas é mais difícil amedrontar um garoto. Eu não sei se o culpo. Também já fui garoto, muito tempo atrás, quando o mundo era novo. Contudo, com certeza a esta altura os senhores já estão convencidos de que eu não posso lhes ajudar em nada. E espero que agora mostre o respeito devido aos mais velhos e me deixem ir.

Príncipe: O senhor vai nos punir?!

Pai-tempo: Não.

Príncipe: Palavra de honra?

Pai-tempo: Palavras do Pai-Tempo. De qualquer forma, o incidente não causou muito dano, pois ninguém jamais saberá que o Tempo foi detido por alguns minutos.

Príncipe: Está bem, uma vez que o senhor me prometeu não nos castigar, vou deixá-lo ir. Duende, solte o Pai-Tempo.

Duende: Mas Majestade!!!

Príncipe: Desamarre o Pai-Tempo, é uma ordem.

(O Duende, receoso, desamarra o Pai-Tempo. Logo que ele se vê livre, amarra a foice nas costas e inclina a cabeça despedindo-se. Novo ribombar de trovões. Pai-tempo sai e todas as personagens voltam a se mover).



SUMÁRIO

Conselheiro-Chefe: Quem dá mais? Quem dá mais pelo reino de Quok?

Uma Senhora: Pago duzentos mil dinheiros.

Uma Velha: Um milhão de dinheiros.

Todos: Ooohhhh!!!

Uma Senhora: Dois milhões de dinheiros.

Todos: Oooohhhh!!!

Uma Velha: Três milhões de dinheiros.

Todos: Oooohhhh!!!

Uma Senhora: Três milhões e novecentos mil dinheiros.

Todos: Oooohhhh!!!

Conselheiro-Chefe: Quem dá mais? Quem dá mais pelo reino de Quok?

Uma Velha: Três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte quatro dinheiros e dezesseis centavos.

Todos: Oooohhhh!!!

Conselheiro-chefe: Quem dá mais? Quem dá mais. Dou-lhe uma, dou-lhe duas e dou-lhe três. (Dando a martelada final) Vendido. Vendido o reino de Quok para a senhora Mary Ann Brodjinsky de La Porkus por três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte quatro dinheiros e dezesseis centavos. Viva!!! Viva a nova rainha de Quok

Todos: Viva!!!



SUMÁRIO

Conselheiro-Chefe: Estão todos convidados para o casamento e a coroação da nova rainha de Quok, amanhã, às dez horas, no grande salão real.

Uma Velha: *(Ordena que seus criados entrem com o dinheiro.)* Aí está o dinheiro para pagamento do leilão.

Conselheiro-Chefe: A vista minha senhora????!! Dinheiro vivo!!!

Uma Velha: Sim, a vista. Para provar que estamos num conto de fadas. Está aí, nota por nota. *(Ao príncipe)*. E você moleque, porque está com a cara tão triste?

Príncipe: Nada, minha senhora.

Uma Velha: *(Dando alguns tapas na orelha do príncipe)* Isto, garoto, é para você aprender a não ficar de cara triste. O momento é da alegria e não da tristeza.

Conselheiro-Chefe: Você ainda não está casada. Espere até amanhã, depois de realizado o casamento. Então poderá maltratá-lo tanto quanto quiser. Mas no momento, preferimos que as pessoas pensem que é um casamento por amor.

(Saem todos, exceto o Príncipe e o Duende)

Príncipe: *(Desanimado)* E agora, como serão os meus dias?! Sou mesmo o mais infeliz dos reis.

Duende: Calma meu amigo príncipe, nem tudo está perdido.

Príncipe: Viu, como ela me tratou logo nas apresentações?! Um tapa no rosto!!! Você estava certo, ela vai me dar uma surra por dia. Ai de mim, estou perdido. O meu reino está perdido.

Duende: Não ainda. Não, se pudermos mudar o curso das coisas.



SUMÁRIO

Príncipe: Mudar o curso das coisas?! Você é um duende realmente maluco. Como mudar o andamento das coisas se amanhã, bem cedo, aquela velha azeda será coroada rainha de Quok, e ainda por cima será a minha esposa.

Duende: Vejo que você não aprendeu nada com as palavras do Pai-Tempo.

Príncipe: O que eu deveria ter aprendido com as palavras do Pai-tempo?

Duende: “O futuro dos homens são eles mesmos que constroem, aos pouquinhos, passo a passo, de acordo com a sua vontade”. Não foram estas as palavras do Pai-tempo?! Pois então, o casamento será amanhã. Podemos alterar o curso das coisas, antes disso.

Príncipe: Como?!

Duende: Ah!!! Isso eu não sei!

Príncipe: Pois deveria saber. Os duendes possuem poderes mágicos e assombrosos, talvez mais poderosos do que os das fadas e dos elfos. Por que você não usa os seus poderes mágicos e nos tira dessa situação constrangedora?

Duende: Não sou um duende comum. Sou sua consciência, esqueceu?

Príncipe: Você é um duende muito bobo, não serve para nada!

Duende: Você está me ofendendo, Majestade!

Príncipe: Ofendendo!!! Que me importa.

Duende: Mas quando sopro palavras nos seus ouvidos, dizendo o que você pode e não pode fazer, você até que acha muito bom.



SUMÁRIO

Príncipe: Pois sobre uma agora, estou necessitado.

Duende: Deixe-me pensar... Hum...!!! Ah!!! Ah!!! Já sei!!!

Príncipe: O quê?

Duende: Podíamos pedir auxílio ao homúnculo.

Príncipe: Homúnculo!!! O que é isso.

Duende: É um pequeno ser dotado de poderes sobrenaturais. Este ser foi fabricado pelo feiticeiro real.

Príncipe: Homúnculo... Feiticeiro real!!! Não compreendo nada!

Duende: É, Majestade. O feiticeiro real desenvolveu um ser muito parecido com os homens. Ele é pequeno, quase sem peso, sem sexo.

Príncipe: E por que o feiticeiro real fabricou esse homúnculo!!!

Duende: Para resolver todos e qualquer problema real.

Príncipe: Eu não sabia que havia isso.

Duende: Seu pai tão pouco o sabia, ou não teria sido tolo o bastante para vender tudo que tinha para conseguir dinheiro.

Príncipe: O meu pai não sabia?!!

Duende: Não, não sabia.

Príncipe: E por quê?

Duende: No passado, houve uma desavença entre seu pai e o feiticeiro real. O nosso antigo rei o expulsou da corte e o exilou nas Terras do Sem Fim.



SUMÁRIO

Príncipe: E que desentendimento foi esse, assim tão grave?!

Duende: O feiticeiro real não gostava da vida extravagante e dissoluta de vosso pai. Eles brigaram e o rei o expulsou da corte. Ele sabia que a vida extravagante de seu pai levaria o império à ruína, por isso ele fabricou esse homúnculo, para ajudar o novo rei a reinar.

Príncipe: E onde podemos encontrar esse feiticeiro real e esse homúnculo?

Duende: Se encontramos o feiticeiro real, encontraremos também o homúnculo. Creio que podemos encontrar ambos nas Terras do Sem Fim.

Príncipe: Pois vamos logo às Terras do Sem Fim.

Duende: Mas há um problema, Majestade.

Príncipe: E que problema é esse?

Duende: As Terras do Sem Fim são impenetráveis. Nenhum ser consegue chegar ao seu fim, e é justamente para lá que o Feiticeiro real foi mandado. Seja homem ou bicho, ninguém consegue chegar ao final das Terras do Sem Fim. Só a Cobra-Grande, que é muito perigosa, consegue trilhar os caminhos das Terras do Sem Fim.

Príncipe: Isso não é problema. Enfrentarei a Cobra-Grande com o meu punhal e tomarei seu corpo para mim. Me enfiarei na sua pele e acharei os caminhos que me levam às Terras do Sem Fim.

Numa floresta. (Surge a Cobra-Grande. É uma grande cobra em forma de boneco com olhos cintilantes. O Príncipe e a cobra lutam. Ele amarra uma fita no pescoço da cobra e a estrangula.)



SUMÁRIO

Príncipe: Agora sim. Me enfito nessa pele de seda elástica e saio a correr mundo. Vou visitar as Terras do Sem Fim. Quero falar com o feiticeiro real.

No fim das Terras do Sem Fim

(O duende, metamorfoseado de boneco monta no pescoço da Cobra-Grande, e saem os dois perambulando pelas Terras do Sem Fim até encontrar o feiticeiro real.)

Feiticeiro real: *(É também um boneco.)* Quem vem lá? Responde ou usarei meus poderes mágicos.

Cobra-grande: Sou eu, o príncipe de Quok. Venho em missão de paz.

Feiticeiro real: Veio por vontade própria ou a mando de seu pai?

Cobra-Grande: O velho rei de Quok está morto.

Feiticeiro real: Que Deus o tenha, apesar de ter vivido uma vida extravagante e dissoluta! O que te trás aqui Príncipe de Quok?

Cobra-Grande: Vim pedir proteção ao meu reino.

Feiticeiro real: E que proteção é essa?

Cobra-Grande: Meu reino foi tomado por políticos e parasitas da corte. Eles, com a ajuda de meu pai, gastaram todo o tesouro e agora não há meios de governar de forma apropriada e digna.

Feiticeiro real: E o que o faz pensar, que eu, um feiticeiro real exilado, pode lhe ajudar?

Cobra-Grande: Tenho notícias da sua fabricação do homúnculo. Tenho notícias também, que ele foi desenvolvido para resolver todo e qualquer problema real. Assim, agora que sou o rei de Quok, gostaria que o senhor me levasse até ele.



SUMÁRIO

Feiticeiro real: É verdade. Comecei a fabricar esse homúnculo em meu exílio, pois sabia que seu pai levaria as finanças do reino à ruína. Viestes em boa hora, pois o homúnculo já está pronto. Toma aqui estes papéis. Se, de fato, você for o rei de Quok, eles o levarão ao homúnculo, pois somente um rei poderá abrir este livro.

Cobra-Grande: *(O duende abre os papéis que são de grande tamanho. Lendo.)*

Quando o rei tem problemas

Esta folha ele deve dobrar

Nas chamas jogar

Para conseguir o que desejar.

Que eu tenho problemas, disso não há dúvida! Vou queimar o papel de uma vez para ver o que acontece.

(O duende dobra o papel e o joga no fogo. Dá-se uma fumaceira terrível e no meio da fumaça surge o homúnculo).

Homúnculo: *(É também um boneco)* Aqui estou.

Cobra-Grande: Nossa, como você chegou até aqui?

Homúnculo: Você não queimou o papel?!?

Cobra-Grande: Sim, queimei.

Homúnculo: Então você tem problemas, e vim para ajudá-lo. O que deseja, meu amo?

Cobra-Grande: Bem, eu não tenho muita certeza do que quero; mas sei o que não quero. Eu não quero me casar com aquela velha azeda. Quero me casar com Nyana, a filha do armeiro.



SUMÁRIO

Homúnculo: Isso é bem fácil. Tudo que você tem que fazer é devolver o dinheiro que aquela velha azeda pagou ao Conselheiro-Chefe e declarar desfeito o casamento. Não tenha medo. Você é o rei, sua palavra é lei.

Cobra-Grande: Mas estou precisando de muito dinheiro. Como vou viver se o conselheiro-chefe devolver a Mary Ann Brodjinsky seus milhões de dinheiros?

Homúnculo: Ah! Mas isso é mais fácil ainda. *(Entrega ao duende uma pequena carteira de couro.)* Mantenha essa carteira com você e será sempre rico, pois poderá tirar da carteira quantas moedas de vinte e cinco centavos quiser; uma de cada vez. Não importa quantas vezes você tire uma moeda de dentro da carteira, uma outra aparecerá no lugar dela, instantaneamente.

Cobra-Grande: Obrigado. Muito obrigado. Você me prestou um imenso favor. Agora terei dinheiro para o meu reino, e não serei obrigado a me casar com aquela velha azeda. Obrigado, mil vezes obrigado!

Homúnculo: Não precisa agradecer. Esse tipo de coisa é simples para mim. Isso é tudo que você deseja?

Cobra-Grande: É tudo que consigo pensar agora.

Homúnculo: Sendo assim, por favor, feche o livro e eu poderei me recolher.

(O duende abaixa a cabeça para fechar o livro, quando levanta o Homúnculo não está mais lá, pois uma fumaça o encobre fazendo-o sumir)

Cobra-Grande: Eu já imaginava isso, ele sumiu. É uma pena que ele não tenha esperado para se despedir.



SUMÁRIO

Feiticeiro-real: Espero que você nunca mais tenha problema e não precise mais recorrer ao Homúnculo. Mesmo assim é melhor levar consigo as outras folhas do livro, poderão ser úteis para você algum dia.

Cobra-Grande: Feiticeiro-real, penso que a única maneira de lhe agradecer os serviços que me foram prestados, é concedendo-lhe anistia. (*Entregando alguns papéis*) Tome esse decreto real e com ele você poderá andar livremente pelo reino de Quok. Se você desejar, haverá, sempre, um espaço para o senhor no Palácio Real.

Feiticeiro-real: Foi um prazer servir a Vossa Majestade. Vai-te embora menino-rei, ou você não chegará a tempo. E lembre-se das palavras do Pai-Tempo: "Um rei é para governar", e eu acrescento às suas palavras: não quando governa mal. Use a sua sabedoria e seja o grande rei de Quok.

Nas dependências do Palácio.

Príncipe: Conselheiro-Chefe. Conselheiro Chefe, venha cá.

Conselheiro-Chefe: Sim, Majestade. Sim Majestade, o que deseja?

Príncipe: Decidi não me casar, pois acabei de tomar posse de uma fortuna. Sendo assim, ordeno que você devolva para aquela senhora o dinheiro que ela pagou pelo direito de usar a coroa da rainha de Quok. E faça uma declaração pública de que o casamento não acontecerá mais.

Conselheiro-Chefe: (*Trêmulo de medo*) Ó Deus!!! Ó Céus!!! O que será de mim?!

Duende: Qual o problema agora, senhor Conselheiro-chefe?

Conselheiro-Chefe: Majestade, não posso devolver o dinheiro para a mulher, porque eu não tenho mais o dinheiro.



SUMÁRIO

Príncipe: Não tem mais o dinheiro?!

Duende: Você roubou o tesouro de Quok?

Conselheiro-chefe: Não Majestade, fomos roubados.

Príncipe: Roubados!!!

Duende: Roubados!!!

Conselheiro-chefe: Majestade, posso explicar. Ó Deus!!! Ó Céus!!!
Como explicar isso?!

Príncipe: Espero que o senhor tenha uma boa explicação, senão...

Conselheiro-Chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! Eu explico! Eu explico!
Ontem, depois do leilão, recebi um grande baú de meu tio Walter, que enviara para mim da Mafiasink. Juntamente com o baú ele encaminhou uma carta pedindo que o guardasse e não permitisse que ninguém abrisse, pois dentro dele estava guardado algumas coisas extravagantes, as quais ninguém deveria saber. Dizia também que aquele baú havia sido encontrado por ele. E ele, somente ele, deveria abri-lo e por isso não enviara as chaves. Mandeí guardar o baú no sótão. Mas minha curiosidade foi crescendo, crescendo a ponto de concluir que eu deveria abrir aquele grande baú. Tentei me controlar em vão, minha cobiça foi maior e fui procurar o armeiro, pai de Nyana. Pedi a ele que fundisse uma chave que abrisse todos os cadeados do mundo (*Defronte ao baú*). Não pensei muito, abri o cadeado. Três homens saíram do baú. (*Saem três homens do baú. Usam jaquetas curtas de veludo vermelho com debruns dourados e calças curtas de seda azul-celeste com botões prateados. Usam também grandes argolas de ouro nas orelhas e fileiras de facas e pistolas nos cintos. Possuem bigodes longos e ameaçadores.*) Levei um susto danado e me escondi morrendo de medo. Mas, para surpresa minha, Nyana havia me seguido sem que eu percebesse. Penso que ela estava preocupada com os últimos acontecimentos aqui na corte. E foi ela quem conversou com os três homens.

(A cena a seguir é uma narrativa do Conselheiro-Chefe e deve ocorrer em uma das extremidades do palco, porém toda ela é assistida pelo príncipe e o duende. Nessa extremidade encontra-se um baú e o saco do dinheiro do leilão)

Beni: *(Homem magro.)* Nossa! Você estava pesado! Me apertou e me deixou todo amassado e desarrumado.

Lugui: *(Homem gordo)* Era inevitável! A tampa do baú me apertava contra você. Ainda assim, ofereço as minhas desculpas.

Vitor: *(Homem de estatura média. Ascendendo um cigarro)* Quanto a mim, você tem de me agradecer por eu ter sido seu amigo mais chegado por anos; estão, não seja desagradável.

Nyana: Você não deve fumar no sótão, aliás, não deve fumar em lugar nenhum.

Vitor: *(Só agora notando a presença de Nyana)* Quem é a senhora?

Nyana: Sou Nyana, a filha do armeiro.

Vitor: Bem!!! Uma vez que uma dama está pedindo, devo deixar de lado o meu cigarro.

Nyana: Quem são vocês?

Vitor: Permita-me que nos apresente. Este é Lugui. *(Ele faz reverência)* Este é Beni. *(Ele faz reverência)* E eu sou Vitor. Nós somos três bandidos. Bandidos mafiasinkianos.

Nyana: Bandidos!!!

Lugui: Exatamente! No mundo inteiro talvez não haja outros três bandidos tão ferozes e terríveis quanto nós.



SUMÁRIO

Beni: Verdade.

Nyana: Mas isso é muita maldade!

Vitor: Nós somos extremamente, tremendamente malvados. Acho que você não encontrará três homens mais malvados do que estes aqui na sua frente.

Beni: Isso mesmo.

Nyana: Mas vocês não deveriam ser tão malvados; isso é... É indecente!

Vitor: *(Baixa o olhar com vergonha)*

Beni: Indecente!!!

Lugui: *(Cobrindo o rosto com as mãos, ruborizado)* É uma palavra muito pesada!

Beni: Eu nunca pensei ser tão insultado... E por uma dama!!!

Vitor: Bem talvez você tenha falado sem pensar. Você tem de levar em conta, senhorita, que nossa perversidade tem um motivo. Como poderíamos ser bandidos, eu te pergunto, sem sermos malvados?!

Nyana: *(Fica confusa, balança a cabeça pensativa. Então se lembrando de algo)* Vocês não podem continuar bandidos, porque agora estão no reino de Quok.

Os três: No reino de Quok?!

Nyana: Isso mesmo. Vocês estão no Palácio Real de Quok

(Os bandidos ficam completamente desnorteados com essa afirmação)



SUMÁRIO

Lugui: Nos tiram de nossa amada Mafiasink, onde os bandidos são muito respeitados, e nos trouxeram para um país estranho, onde talvez não saibamos quem roubar ou quanto cobrar por um resgate!

Beni: Verdade.

Vitor: E nós já havíamos conquistado uma ótima reputação na Mafiasink.

Lugui: O que faremos para viver?

Nyana: As pessoas devem trabalhar para viver.

Beni: Não servimos para o trabalho, nosso negócio é roubar.

Vitor: Mesmo no reino de Quok deve haver pessoas para roubar.

Nyana: (*Envergonhada*) Sinto muito! Mas acho que todas elas já foram roubadas, pelo nosso antigo rei.

Lugui: Sendo assim, podemos roubar os ladrões.

Beni: Verdade.

Lugui: Vamos começar agora mesmo. Vamos começar roubando essa casa onde estamos.

Vitor: Ótimo!

Beni: (*Mostrando suas armas ameaçadoras para Nyana*) Fique aqui! Se você mover um pé do lugar será culpada da própria morte.

Lugui: (*Gentil*) Não tenha medo; essa é a forma com que todos os bandidos falam com seus prisioneiros. Mas é claro que nós não vamos machucar uma jovem dama em nenhuma circunstância.



SUMÁRIO

Vitor: É claro que não!

Beni: Sangue!

Lugui: Ação!

Vitor: Pobre de nossos inimigos!

Beni: *(Apanha o saco de dinheiro do leilão, que se encontrava ali por perto.)* Dinheiro!!! Muito dinheiro!!!

Conselheiro-Chefe: *(Que estava escondido atrás do baú.)* Ó Deus!!! Ó Céus!!! Não levem esse dinheiro, isso é todo o tesouro de Quok.

Lugui: *(Ameaçando com sua faca)* Não dê mais um passo ou será um homem morto.

Nyana: Por favor, não levem o dinheiro.

Vitor: Ah!!! Minha cara dama, levaremos sim. Esqueceu-se que nós somos homens malvados?! Os mais malvados desse mundo.

Beni: Estamos ricos!! Temos dinheiro suficiente para o resto de nossas vidas.

Vitor: Pois então vamos embora.

Lugui: Estamos ricos!!!! Ricos.

Beni: Muito ricos!!!

Vitor: Vamos embora. *(Os três ladrões entram no baú.)*

(Retorna à cena principal)



SUMÁRIO

Conselheiro-chefe: Ó Deus!!! Ó Céus!!! E foi assim Majestade que tudo aconteceu, palavra por palavra. Não estou escondendo nada de Vossa Majestade.

Duende: Você não chamou a guarda real?

Conselheiro-Chefe: Chamei sim, Majestade e deixei Nyana vigiando para que nada saísse errado. Mas quando a guarda real reabriu o baú, eles não estavam mais lá. Havia sumido, desapareceram sem que Nyana os visse ou deixassem rastro.

Príncipe: Senhor Conselheiro! Como posso saber que tudo isso que você está dizendo é verdade?

Conselheiro-Chefe: É a mais pura verdade, Majestade. Se o senhor não acredita em mim, pode perguntar a Nyana e ela confirmará tudo.

Príncipe: Chamem Nyana.

Nyana: (*Entrando*) Sim Majestade, mandou me chamar?

Príncipe: É verdade que três ladrões chegaram no Palácio Real, dentro de um baú?

Nyana: É verdade Majestade.

Príncipe: É verdade também que eles roubaram todo o tesouro real e sumiram dentro do mesmo baú?

Nyana: Infelizmente é verdade.

Príncipe: E agora, o que faremos?!

Conselheiro-Chefe: Temo que o senhor precise se casar com Mary Ann Brodjinski. A menos, é claro, que ordene ao carrasco cortar o pescoço dela.



SUMÁRIO

Príncipe: Isso seria errado. Não é necessário ferir a mulher. E é justo que devolvamos seu dinheiro, pois não vou me casar com ela de jeito nenhum.

Conselheiro-Chefe: A fortuna pessoal de que o senhor tomou posse é grande suficiente para reembolsar a senhora Mary.

Príncipe: Sem dúvida. Mas consegui-la vai tomar algum tempo, e essa tarefa será sua, senhor Conselheiro, como castigo pelos maus serviços prestado ao reino de Quok. Chame a mulher aqui.

Conselheiro-chefe: *(Vai chamá-la e retorna sendo estapeado pela Mary Ann)* Ai de mim! Ó Deus!!! Ó Céus!!!

Uma Velha: Esse Conselheiro diz que não haverá mais casamento.

Príncipe: É verdade. Vou devolver todo o seu dinheiro.

Uma Velha: É o mínimo que um rei pode fazer.

Príncipe: Contudo, o conselheiro perdeu o seu dinheiro. Mas pagará a você cada centavo com o dinheiro da minha própria carteira. Temo, entretanto, que você será obrigada a receber a soma em dinheiro miúdo.

Uma velha: Isso não é problema. Não me importa quão miúdo seja o dinheiro, desde que eu receba de volta cada centavo que me pertence, e os juros. Onde está o dinheiro?

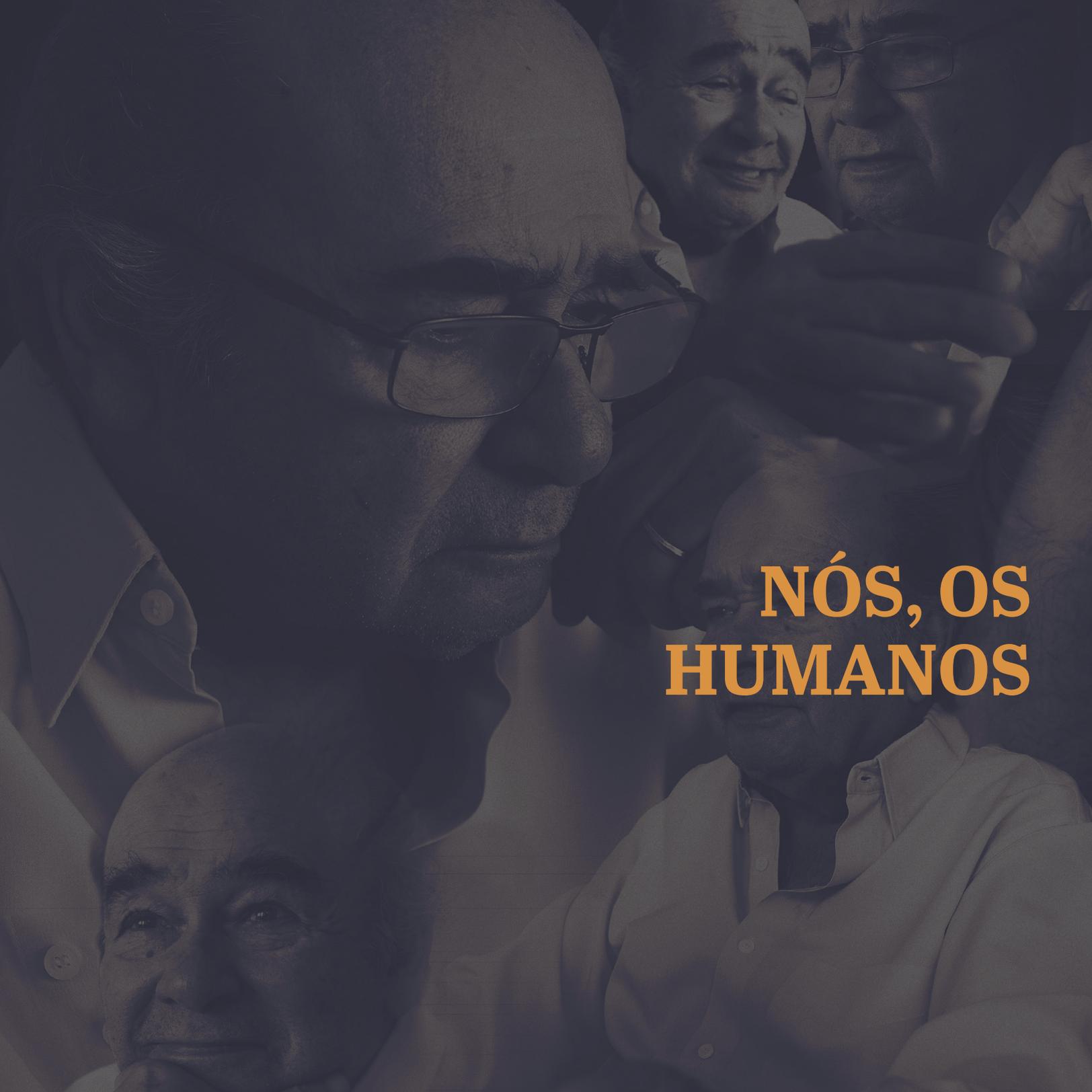
Príncipe: *(Entregando a carteira ao conselheiro)* Aqui. Está todo em moedas de prata de vinte e cinco centavos, e elas devem ser retiradas uma de cada vez; mas serão suficientes para pagar o que você pede e ainda sobrar para que eu reine com dignidade.

(O conselheiro-Chefe senta no chão e começa a tirar da carteira as moedas de vinte e cinco centavos contando-as uma a uma. A velha, sentada diante dele, pega cada moeda de sua mão).

Duende: E para provar, mais uma vez, que isso é um conto de fadas. Os dois contaram as moedas por longo e longo tempo. Até ficarem bem velhinhos e de cabelos bem grisalhos!! E olha que era uma larga soma: três milhões, novecentos mil, seiscentos e vinte quatro dinheiros e vinte e cinco centavos. Fora o juro, é claro. Para falar a verdade, até hoje os dois avaros estão contando as suas moedas. Essa foi a maneira que o Príncipe encontrou para punir o Conselheiro-Chefe por ter sido tão descuidado com o tesouro real e Mary Ann Brodjinsky de La Porkus por desejar desposar um rei de dez anos. Quanto ao rei: esse alcançou a maioridade e se casou com a linda filha do armeiro, a senhorita Nyana e assim, viveram felizes para sempre.

FIM

SUMÁRIO



**NÓS, OS
HUMANOS**



SUMÁRIO

PERSONAGENS:

- *Fontinelli*
- *Marília*
- *Dona Irene*
- *Polícia (voz)*
- *Bombeiro*

CENÁRIO:

Dois quartos com mobiliários idênticos. Sala de jantar com relógio de pêndulo na parede. Portas e janelas, com paredes imaginárias, separam os ambientes. No proscênio, um jardim.

Fontinelli: *(Na penumbra, arrasta os móveis do quarto trocando-os de posição e retornando-os à posição inicial. Desesperando-se com algo que vira na parede) Não. Não. Não. (Chora. Blecaute).*

(Na sala de jantar).

Marília: Sua feição não está nada agradável.

Fontinelli: Esta noite...Esta noite ele apareceu no meu quarto.

Marília: No seu quarto?!

Fontinelli: Estava rente à parede. Um pouco obtuso e torto, mas estava lá.

Marília: E o que você fez?

Fontinelli: O que todos fazem. Medi de um lado, do outro, dei alguns passos para trás e...

Marília: E...?



SUMÁRIO

Fontinelli: Para surpresa minha: de fato estava oblíquo.

Marilia: Não se preocupe. É assim mesmo, é assim que deve ser.

Fontinelli: Mas não pode! As coisas sempre são retas. É o princípio de tudo. Tudo... Tudo tem que estar reto. Da primeira vez...

Marilia: Da primeira vez?! Então esta não é a primeira vez que ele aparece em seu quarto?!

Fontinelli: Não.

Marilia: E estava oblíquo?

Fontinelli: Sim. Rente à parede, obtuso e torto.

Marilia: Surgirão outras vezes. Estas coisas não escolhem nem hora, nem lugar.

Fontinelli: Estou inconformado, não sei o que faço. Da primeira vez em que ele esteve no meu quarto eu ainda tinha o controle da situação. Depois de medir tudo e concluir que realmente estava oblíquo, eu retirei a inclinação com um simples toque do dedo indicador. Fiquei aliviado. Tudo... Tudo estava reto novamente, como retas são as coisas. Fiquei aliviado!!! Mas dessa vez...!!!

Marilia: Ora senhor Fontinelli, o senhor há de convir que uma tortuosidade na parede não é coisa de outro mundo, não é tão ruim assim. E depois não há motivos para preocupações, o senhor procedeu de maneira adequada, procurando endireitar tudo. A bem da verdade, a gente nunca consegue. E depois...

Fontinelli: Hoje, quando acordei, ele estava lá: inclinado outra vez. E para surpresa minha, com uma inclinação muito mais acentuada do que a primeira. Não sei mais o que fazer. Eu não consigo endireitar as coisas. Agora, ele percorre toda a extensão da parede.



SUMÁRIO

Marília: Procure se acostumar.

Fontinelli: Não. Não me costume. É imoral, contra os meus princípios. Preciso dar um jeito nessa situação. Não posso continuar assim. Por Deus, me ajude.

Marília: Ajudar!!! Eu!!! Logo eu!!! O que posso fazer?

Fontinelli: Vamos ao meu quarto. Quem sabe, com a sua ajuda, eu consiga endireitar tudo.

Marília: Não tenho forças, senhor Fontinelli. E depois, isso é um assunto muito pessoal. Não sei se deveria interferir assim... É uma indiscrição.

Fontinelli: Por favor, me ajude.

Marília: Não tenho forças. Sinto muito, mas não tenho forças.

Fontinelli: Pelo menos venha a meu quarto, só para ver.

Marília: Tudo bem. Irei. Mas não sei se posso ajudá-lo.

(No quarto de Fontinelli).

Marília: É côncavo!?

Fontinelli: Não sei. Acho que é convexo.

Marília: Mas ele é mais escavado no meio do que nas bordas. Você não acha?

Fontinelli: Não! Acho que não! Possui uma saliência... Uma curva... É um pouco arredondado... Bojudo...

Marília: Então é esférico.

Fontinelli: Não, claro que não! Ficou maluco? Observe bem, repare: é quadriculado.



SUMÁRIO

Marilia: Quadriculado!!!

Fontinelli: Sim... Um quadrado.

Marilia: Você não tem senso de observação. Examine minuciosamente. Veja os detalhes, os ângulos e faça seu julgamento. Examine melhor e você perceberá que é hexágono.

Fontinelli: Um hexágono?!!! Como assim, um hexágono!!!???

Marilia: Sim, um polígono de seis lados.

Fontinelli: Então... Não há mais dúvida. É esférico. Preste atenção. Se construirmos um movimento em torno do seu eixo numa velocidade constante ele ficará oval. A forma oval é mais próxima da esfera do que do hexágono, portanto; não há dúvida, ele é mesmo esférico.

Marilia: Não, ao contrário. Você está sendo contraditório. Observe bem o que digo: o quadrado em movimento transforma-se numa esfera, assim podemos concluir que a esfera se originou do quadrado. Portanto o que vemos é quadriculado.

Fontinelli: E, afinal, qual a diferença se for quadrado, hexágono ou esfera?

Marilia: Nenhuma. É apenas para sabermos se é côncavo ou convexo.

Fontinelli: E quando ele será côncavo?

Marilia: Quando não for convexo.

Fontinelli: E quando ele será convexo?

Marilia: Quando não for côncavo.



SUMÁRIO

Fontinelli: Ehhh! Parece que retornamos ao princípio!!! Vamos ser mais racionais, lógicos. A simplicidade. Sim, sejamos simples.

Marilia: Simples!!! O que é ser simples?

Fontinelli: Significa ver com naturalidade, perceber pela visão, olhar, contemplar.

Marilia: Ah!!! Sim... Compreendo. Poderíamos também ter mais clareza, você não acha!?

Fontinelli: Clareza!? O que significa clareza?

Marilia: Clareza é aquilo que se expressa acerca do que vemos. Significa ser compreendido sem dificuldades.

Fontinelli: Sim... É mesmo... E a concisão? Precisamos expressar nossos pensamentos de forma concisa para que nossas ideias fiquem objetivas, precisas e não haja nenhum equívoco a respeito do que vemos.

Marilia: Precisaremos também ser coeso, unir as partes num todo, harmonizar. Assim, poderemos ver de forma unívoca.

Fontinelli: Pois, então, examinemos minuciosamente. Vamos observar com atenção, estudar detalhadamente. O que você vê? É côncavo ou convexo?

Marilia: É côncavo.

Fontinelli: Estranho... É convexo! (*Pausa*) por favor, me ajude a endireitar as coisas.

Marilia: Não tenho forças. Sinto muito, mas não tenho forças.

(Marília e Fontinelli entreolham-se longamente. Marília vai para o seu quarto.)

Fontinelli: *(Na penumbra, novamente arrasta os móveis do quarto trocando-os de posição e retornando-os à posição inicial. Entra a Dona Irene).*

Dona Irene: *(Batendo à porta)* Senhor Fontinelli. Senhor Fontinelli.

Fontinelli: Dona Irene!

Dona Irene: Por favor, senhor Fontinelli, abra a porta.

Fontinelli: De que se trata?

Dona Irene: Por favor, abra a porta.

Fontinelli: *(Com a porta semiaberta)* Pois não dona Irene.

Dona Irene: Desculpe-me vir falar com o senhor tão tarde da noite, mas todos os hóspedes estão reclamando.

Fontinelli: Reclamando!

Dona Irene: Senhor Fontinelli, não sei se o senhor reparou, mas são quase três horas da manhã. O senhor arrastou os móveis a noite toda.

Fontinelli: Ah! Compreendo. É que esta noite ele apareceu novamente em meu quarto. Estou tentando arrumar as coisas, por isso arrastei os móveis. Sabe como é... Fazer a medição.

Dona Irene: Não acredito! O senhor também! E no seu quarto!

Fontinelli: Infelizmente. No meu quarto, obtuso e torto.



SUMÁRIO

Dona Irene: Senhor Fontinelli, não permito esse tipo de comportamento em nossa pensão.

Fontinelli: Dona Irene, eu estou no meu quarto.

Dona Irene: Espero que o senhor compreenda. Isto aqui é uma pensão e preciso zelar pela nossa reputação. Senão perco toda a clientela.

Fontinelli: Compreendo.

Dona Irene: Estou surpresa. Esperava esse comportamento de qualquer um dos hóspedes, menos do senhor.

Fontinelli: Também estou desapontado comigo mesmo. Mas não pude evitar. Quando eu menos esperei, quando tudo parecia sob controle, me vejo nesta situação. Tenho a impressão que é algo que está fora de meu alcance. Parece que tudo está fora de meu controle.

Dona Irene: Fora de controle senhor Fontinelli!!! Ora tenha a paciência! O senhor não é nenhuma criança. Sabe muito bem o que faz.

Fontinelli: Sim, é verdade, mas estou tentando endireitar tudo.

Dona Irene: Endireitar!

Fontinelli: Sim, quem sabe eu consiga retornar tudo em seus devidos lugares.

Dona Irene: Senhor Fontinelli, o senhor me abriga a tomar atitudes que não gostaria. Sou obrigada. Penso que está na hora do senhor procurar uma nova pensão.

Fontinelli: Dona Irene!!

Dona Irene: Sinto muito. Mas não posso tolerar este seu comportamento sórdido. Por favor, agradeceria muito se o senhor procurasse uma nova pensão. Penso que já é hora. *(Inicia a sua saída)* Passar bem.



SUMÁRIO

Fontinelli: Dona Irene, a senhora bem sabe que moro aqui há mais de cinco anos.

Dona Irene: O senhor bem sabe também, que a sua conduta não é nada aconselhável. Não temos mais o que conversar. Quanto à movimentação, a baderna que o senhor vem fazendo com os móveis nessas últimas noites, tudo isso é tolerável. Mas a tortuosidade rente à parede, isso é imperdoável. Não posso tolerar. Mais do que isso: o senhor me decepcionou profundamente. *(Começa a sair e para)*. Senhor Fontinelli, se for do seu interesse, não é necessário pagar a última mensalidade, desde que saia desta pensão imediatamente. *(Sai)*

Fontinelli: *(No seu quarto)* Velha rabugenta. Ela que vá pros diabos. Não ligo a mínima para o que ela está pensando. Ela que pense o que quiser, que diga o que quiser, ou faça o que quiser. Tudo que quero é endireitar as coisas. Será que ela não compreende! Será que ninguém compreende! Que vão todos, esta dona da pensão seus inquilinos e quem mais desejar, vão todos à merda. A merda, ouviram bem? *(Pausa)* Preciso fazer alguma coisa, senão vou enlouquecer, vou acabar explodindo. Não estou cabendo dentro de mim. O que devo fazer? Vou experimentar novamente, haverá meios de conseguir. Não adianta, trabalhei a noite toda e não obtive êxito, não é agora que eu vou conseguir. A tortuosidade espalhou por toda a parede. Não consigo, está claro que eu não consigo. É melhor pedir ajuda ao meu vizinho de quarto. Não, é tarde. Ela deve estar dormindo. Vou assim mesmo. Não, não, melhor não. Não convém que esse assunto venha a público. A Marília... Sim Marília. Talvez ela concorde em me ajudar. Não, não, não. Ontem ela se recusou, não é agora que ela concordará. Tenho que fazer alguma coisa. Pense, pense, pense. O que faço meu Deus?! A polícia. Será que devo chamar a polícia? A polícia?! Sim, vou chamar a polícia.

Polícia: *(Voz)* 15ª DP, a suas ordens.



SUMÁRIO

Fontinelli: Alô. Alô. É da polícia? Aqui quem fala é Fontinelli; senhor Fontinelli. Eu gostaria de fazer um chamado para...

Polícia: (Voz) Alô. Alô. Alô. Pode falar. Estou ouvindo. O senhor quer registrar alguma queixa? Pode falar, estou ouvindo. Alô. Alô.

Fontinelli: Não, melhor não. Não me consta que a polícia possa nos socorrer numa hora dessas. Aliás, a polícia nunca pode nos socorrer. Não resta alternativa, vou pedir ajuda à Marília. (*Vai ao quarto de Marília. Batendo à porta*) Marília. Marília. Por favor, acorde, Marília.

Marília: Quem é?

Fontinelli: Sou eu, Fontinelli.

Marília: O que foi?

Fontinelli: Preciso de ajuda.

Marília: De que se trata?

Fontinelli: É sobre a parede.

Marília: Vá embora. Toda a pensão está nos ouvindo.

Fontinelli: Por favor, Marília, não tenho a quem recorrer.

Marília: Já disse que não posso ajudar.

Fontinelli: Eu te imploro, pelo amor de Deus abra esta porta. Não me deixe falando aqui sozinho.

Marília: Vá embora. Suma daqui. Não posso ajudar em nada. Vá embora! Vá embora!



SUMÁRIO

Fontinelli: Pelo menos abra a porta para que possamos conversar. Estou confuso, muito confuso, e exausto também. Por favor, ajude-me.

Marilia: Vá embora. Todos estão nos ouvindo.

Fontinelli: É constrangedor ficar aqui fora com todos ouvindo. Abra a porta Marilia. Estou desesperado. Não sei o que fazer.

Marilia: *(Abre a porta puxando Fontinelli para dentro e certifica-se de que não há ninguém no corredor).*

Fontinelli: O que é isto na parede?! Você também!!

Marilia: Como vê, não é apenas com você. Pode acontecer com qualquer um.

Fontinelli: Faz tempo que está aí?

Marilia: Dois meses, talvez mais. Não sei ao certo. Já me acostumei. Começou com um pequeno risco, rente à parede, obtuso e torto. Depois... Depois foi crescendo, crescendo e tomou conta de tudo. Espalhou como erva daninha.

Fontinelli: Mas, este é maior, muito maior do que aquele que está em meu quarto!

Marilia: Estou cansada.

Fontinelli: Vamos endireitar tudo.

Marilia: Estou cansada, não tenho mais ânimo e nem forças.

Fontinelli: Posso lhe ajudar. Quem sabe, nós dois juntos, podemos endireitar tudo.



SUMÁRIO

Marilia: Há meses que desprendo todas as minhas energias, na tentativa de arrumar isso. Quanto mais me empenho, quanto mais me esforço, mais as coisas tomam rumos inesperados. Vem como um turbilhão, como um vendaval e sinto-me num sorvedouro, num abismo sem fim. Depois, depois tudo retoma seus lugares. E vejo, rente a parede, sempre rente à parede, obtuso e torto.

Fontinelli: Vou pôr ordem em tudo.

Marilia: Não se preocupe mais com isso.

Fontinelli: Não. Não pode ser. As coisas têm que estar retas. É o princípio de tudo. Tudo tem que estar reto. É a eterna dualidade entre o sinuoso e o reto, o certo e o errado, o bem e o mal.

Marilia: Mas o que é sinuoso, ou reto? O que é certo, ou errado? O que é o bem, ou o mal? Não compreendo estas coisas. Não compreendo. É assim mesmo, é assim que deve ser.

Fontinelli: Não, vou pedir ajuda à polícia.

Marilia: A polícia, você bem sabe, não nos ajudará.

Fontinelli: Então vou pedir ajuda ao corpo de bombeiros. Alô. É do corpo de bombeiros? Gostaria de fazer um chamado. É na rua...

Marilia: Será que os bombeiros são capazes de solucionar todos os males do mundo?!!

(Os bombeiros, com suas ruidosas sirenes e escadas mirabolantes, entram no quarto pela janela, quebrando a vidraça. Arrastam os móveis, medem todas as inclinações possíveis e impossíveis. Anotam detalhadamente cada ângulo, formando um grande mapa. Retiram amostras e colocam num vidro. Saem todos ficando apenas um bombeiro).



SUMÁRIO

Bombeiro: Estou cansado. Muito cansado. Este é o vigésimo chamado que atendo hoje. Este é o seu quarto?

Fontinelli: Não. É da minha amiga ali. Tem mais alguma coisa que precisamos providenciar?

Bombeiro: Não. Tudo já foi arranjado. Registramos as anotações devidas, fizemos um mapa de toda a situação, pegamos algumas amostras e levaremos ao laboratório.

Fontinelli: E depois?

Bombeiro: Depois as análises laboratoriais nos dirão como proceder. Mas o caso aqui, me parece... Me parece bastante comum.

Fontinelli: Exames laboratoriais?!

Bombeiro: Sim, sim. Os exames laboratoriais indicam em qual estatística esse caso deve ser registrado. Como já disse: o caso me parece bastante comum.

Fontinelli: E depois das estatísticas?

Bombeiro: Depois das estatísticas, não há mais nada. Se for um caso comum, vai para o livro dos comuns. E aí pronto, encerramos o assunto. Ficamos, é claro, com as estatísticas. A estatística, meu caro, é o segredo de tudo.

Fontinelli: Não entendo.

Bombeiro: Eu explico. Uma vez prontas as estatísticas, aí sim divulgamos tudo. O resultado vai para os jornais, revistas especializadas, televisão, internet, e o caso torna-se comum. Do conhecimento de todos. E se é do conhecimento de todos, logicamente é aceito. Compreendeu?



SUMÁRIO

Fontinelli: E se os exames laboratoriais revelarem que não se trata de um caso comum?

Bombeiro: Nesta hipótese registramos no livro dos casos especiais. Ou seja, no livro dos incomuns.

Fontinelli: E depois?

Bombeiro: Depois com o passar do tempo, e com o auxílio da estatística, o caso transforma-se num caso comum e vai para o livro dos comuns. De qualquer maneira, toda e qualquer chamada, é encerrada imediatamente. Mas o senhor parece preocupado.

Fontinelli: Não é pra menos. Estou envergonhado.

Bombeiro: Não há com que se envergonhar. Isso pode acontecer com qualquer um.

Fontinelli: Estou arrasado. Sinto-me humilhado.

Bombeiro: Não se preocupem. As chamadas diárias, para este tipo de serviço, são milhares. Isto é um fato comum nos dias de hoje. Não há motivo para se envergonharem ou mesmo se preocuparem. Este caso, posso lhes assegurar, será registrado no livro dos comuns. Com sua permissão, eu preciso ir. Boa Noite.

Fontinelli: Espere.

Bombeiro: Pois não. Em que posso ser útil?

Fontinelli: O meu quarto...

Bombeiro: O que tem o seu quarto?

Fontinelli: Ele está no meu quarto rente à parede, obtuso e torto.

Bombeiro: Ah! O senhor também. Não se aflija. Vou dar uma olhada. Onde fica o seu quarto?

Fontinelli: É este aí de frente.

Bombeiro: Vou examinar. *(Vai até o quarto de Fontinelli e examina. Volta.)* Como é mesmo o seu nome?

Fontinelli: Fontinelli.

Bombeiro: Senhor Fontinelli, eu não sou nenhum especialista, mas dada a minha experiência prática, devo esclarecer que: o caso que vejo em seu quarto, ainda não se delineou, ou seja, não se configurou totalmente. Porém, dada a minha prática posso afirmar que o seu caso, quando totalmente delineado, penso que será registrado no livro dos comuns. Mas se o senhor desejar, pode fazer um chamado no corpo de bombeiro. Para tirar as dúvidas. Boa noite, senhores. Preciso ir. *(Sai pela janela).*

Fontinelli: *(No seu quarto arruma seus pertences numa mala).*

(Entra Dona Irene. Marília vai ao seu encontro).

Marília: Dona Irene, eu gostaria de lhe falar.

Dona Irene: Desculpe-me senhora Marília, mas agora estou de saída. Está na hora do meu banho de sol.

Marília: É sobre a tortuosidade na parede

Dona Irene: Ah! O senhor Fontinelli.

Marília: Não, não é sobre o senhor Fontinelli. É sobre...

Dona Irene: Não pode ser outra hora? Quando eu voltar?

Marília: Sim claro. Pode ser outra hora.

(Dona Irene senta-se no banco do jardim. Entra o Bombeiro e senta no mesmo banco).

Bombeiro: *(Observa atentamente o outro banco)* A senhora viu?

Dona Irene: Viu?! Não. Eu ouvi.

Bombeiro: Ouviu?!

Dona Irene: Sim ouvi. Ploft.

Bombeiro: Ploft?! Não!!! Foi pluft.

Dona Irene: Ouvi Ploft.

Bombeiro: Eu ouvi pluft.

Dona Irene: Pluft!!! Faz alguma diferença?

Bombeiro: O quê?

Dona Irene: Se foi ploft ou pluft.

Bombeiro: Penso que não.

Dona Irene: Pelo menos nisso estamos de acordo.

Bombeiro: E a senhora viu?

Dona Irene: Já disse que ouvi.

Bombeiro: Eu ouvi e vi.

Dona Irene: Eu não vi nada, apenas ouvi.



SUMÁRIO



SUMÁRIO

Bombeiro: Então a senhora é cega!

Dona Irene: Eu, cega??!!! Óbvio que não!!! Estou lhe vendo muito bem.

Bombeiro: Se me vê, como não viu aquilo?!

Dona Irene: Aquilo o quê?

Bombeiro: Ele. Estava ao seu lado.

Dona Irene: Ao meu lado???!!!

Bombeiro: Sim, ao seu lado. E depois..., pluft. Sumiu, desapareceu!

Dona Irene: Sumiu??!! Desapareceu??!! Acho que o senhor não anda bem da cabeça!!! Como poderia sumir alguma coisa ao meu lado, se não tinha nada ao meu lado?

Bombeiro: Coisa!!! Que coisa?

Dona Irene: Não sei, o senhor quem disse.

Bombeiro: Eu não disse "coisa", disse ele.

Dona Irene: Que seja. Eu não vi.

Bombeiro: A senhora não estava naquele banco?

Dona Irene: Que dia?

Bombeiro: Ainda há pouco, no momento do pluft.

Dona Irene: Não foi pluft, foi ploft!!!

Bombeiro: A senhora disse que não fazia diferença!!!

Dona Irene: Nisso estamos de acordo.



SUMÁRIO

Bombeiro: E então, a senhora estava ou não estava naquele outro banco?

Dona Irene: Sempre sentei naquele banco para tomar meu banho de sol. Agora, casualmente estou aqui.

Bombeiro: E ainda há pouco a senhora estava lá?

Dona Irene: Estava.

Bombeiro: E não viu nada?!

Dona Irene: Não.

Bombeiro: Quando a senhora ouviu ploft – se bem que eu acho que foi pluft – ele estava ao seu lado.

Dona Irene: Ao meu lado??!!! Não havia nada ao meu lado quando ouvi aquele ploft.

Bombeiro: Não foi ploft, foi pluft.

Dona Irene: Que seja ploft ou pluft. De qualquer maneira não havia nada ao meu lado.

Bombeiro: Nada!!! Desde quando aquele homem é um nada?

Dona Irene: Homem!!! Que homem?

Bombeiro: O que estava ao seu lado.

Dona Irene: Ao meu lado??!!!

Bombeiro: Sim ao seu lado. A senhora não viu?

Dona Irene: Eu já disse que não vi, apenas ouvi.

Bombeiro: Ele estava ao seu lado.



SUMÁRIO

Dona Irene: Se estava, eu não vi.

Bombeiro: Então vou lhe contar.

Dona Irene: O quê?

Bombeiro: O motivo pelos quais ele desapareceu.

Dona Irene: Ele quem?

Bombeiro: O homem que estava ao seu lado. Quando ele desapareceu ouvimos o ploft ou pluft – já não sei bem o que ouvimos – mas o barulho foi no momento em que ele desapareceu.

Dona Irene: Um homem desapareceu, sumiu, ao meu lado e ouvimos ploft?!

Bombeiro: Pluft.

Dona Irene: Que seja. Como assim, desapareceu?!

Bombeiro: Há dias que ele estava ao seu lado.

Dona Irene: Eu nunca o vi.

Bombeiro: A senhora vem para esse jardim todos os dias?!

Dona Irene: Venho.

Bombeiro: Parece que ele também.

Dona Irene: Ele estava ali, naquele banco, todos esses dias e também no momento do ploft?

Bombeiro: Todos os dias.



SUMÁRIO

Dona Irene: Não pode ser!! Eu me sento naquele banco, todas as manhãs, há vários anos e nunca vi ninguém ao meu lado.

Bombeiro: Ele sempre esteve lá e a teve por companhia.

Dona Irene: Não, nunca esteve, senão eu não me sentaria naquele banco. Gosto de sentar-me sozinha nos bancos de jardim.

Bombeiro: Então por que está sentada comigo?

Dona Irene: O banco estava vazio quando eu cheguei. O senhor sentou depois.

Bombeiro: Quer que eu vá para o outro banco?

Dona Irene: Se o senhor preferir.

Bombeiro: Melhor não!!! A senhora não quer sentar-se no seu banco?

Dona Irene: *(Vai para o outro banco.)*

Bombeiro: *(Pausa. Em seguida volta a observar o banco)*

Dona Irene: O que o senhor está fazendo?

Bombeiro: Vendo se sobrou alguma coisa dele.

Dona Irene: De quem?

Bombeiro: Do homem.

Dona Irene: Então o senhor realmente acredita que havia um homem aqui?

Bombeiro: A senhora pode não acreditar, mas eu o vi. Não só isso: ouvi também quando ele fez pluft e desapareceu.



SUMÁRIO

Dona Irene: Ou era ploft?

Bombeiro: Não sei ao certo. Tudo que sei é que ele desapareceu

Dona Irene: E como era ele?

Bombeiro: Nos primeiros momentos, tinha uma aparência normal, de um cidadão comum. Depois, com o tempo, ficou cadavérico.

Dona Irene: Cadavérico?!

Bombeiro: Foi desfalecendo, criando olheiras, um ar meio sombrio, num processo contínuo de emagrecimento.

Dona Irene: Era um mendigo.

Bombeiro: Não!!! Tinha um aspecto agradável, cabelo bem penteado, usava uma barba sempre muito bem aparada, roupas de bom corte.

Dona Irene: Usava terno?

Bombeiro: E de boa marca.

Dona Irene: E por que ele emagreceu?

Bombeiro: Parou de se alimentar, eu creio.

Dona Irene: Por quê? Ele não tinha condições financeiras?

Bombeiro: Isso eu não sei. Não conversei com ele sobre esses assuntos.

Dona Irene: Ele ficou muito tempo sem se alimentar?

Bombeiro: Não sei. Mas ele encontrou logo uma solução.

Dona Irene: O que o senhor que dizer com isso?



SUMÁRIO

Bombeiro: Ele foi se alimentando do próprio corpo.

Dona Irene: Como isso é possível?!

Bombeiro: Começou pelos pés, que lhe serviu como refeição. Depois... Depois foram as pernas.

Dona Irene: As pernas!?

Bombeiro: E assim, ele foi comendo todo o corpo, até o momento em que ouvimos aquele pluft.

Dona Irene: Eu ouvi ploft.

Bombeiro: No momento do pluft ele comeu a própria boca e desapareceu, sumiu.

Dona Irene: *(Remexendo sua bolsa, ri irônica, desacreditando nas explicações do Bombeiro)* Desculpe-me senhor, mas eu não vi nada disso.

(Longa Pausa).

Bombeiro: *(Acompanha a entrada de um homem-invisível, que senta ao lado da Dona Irene. Ao homem-invisível)* Bom dia!

Dona Irene: *(Continua não percebendo a presença do homem-invisível)*

Bombeiro: *(À Dona Irene)* Acredita agora?

Dona Irene: Em quê?

Bombeiro: Não me diga que a senhora não está vendo?!

Dona Irene: O quê?

Bombeiro: Este homem que está ao seu lado.



SUMÁRIO

Dona Irene: Quem?

Bombeiro: Este homem.

Dona Irene: Homem!!! Não vejo nada.

Bombeiro: A senhora é mesmo cega.

Dona Irene: Sinto muito, meu caro amigo, mas não há ninguém aqui além de você, eu. Não vejo absolutamente nada.

Bombeiro: Ninguém vê?!

Dona Irene: Ninguém, somente o senhor.

Bombeiro: A senhora está querendo dizer que eu sou um louco?!

Dona Irene: Parece que sim, pois vê o que ninguém vê.

Bombeiro: Não tenho culpa de sua cegueira.

Dona Irene: Nem eu, de suas visões.

Bombeiro: Olhem, prestem atenção, observem bem e os senhores verão.

Dona Irene: *(Se esforça para ver alguma coisa e só vê o espaço vazio)*
Não vejo nada.

Bombeiro: *(Admirado)* Ele está comendo a própria boca!!!

Dona Irene: Meu senhor, pare com estas brincadeiras idiotas. Isso já está me dando nos nervos.

(Ouve-se um ploc).



SUMÁRIO

Bombeiro: Ouviu?

Dona Irene: O ploft?! Claro que ouvi, não sou surda.

Bombeiro: Ouvi ploc?

Dona Irene: Ouvi ploft.

Bombeiro: Ploc?! Faz alguma diferença?

Dona Irene: O quê?

Bombeiro: Se foi ploc ou ploft.

Dona Irene: Penso que não.

Bombeiro: Pelo menos nisso estamos de acordo.

Dona Irene: Bom dia Senhor. Está na hora de preparar o almoço. Passar bem.

Fontinelli: *(Vai até à sala e encontra-se com a Dona Irene preparando a mesa para o almoço. Marília ficou na sala aguardando a volta de Dona Irene.)* Bom dia, dona Irene.

Dona Irene: Bom dia, senhor Fontinelli. Bom dia Marília. Passaram bem à noite?

Marília: Foi um pouco conturbada, mas estamos bem.

Dona Irene: Estou atrasada com o almoço. Logo, logo vou servir. Se os senhores desejarem servir...

Fontinelli: Não obrigado. Não verdade, eu gostaria de acertar minhas contas.



SUMÁRIO

Marília: Quanto a mim... Também acho que devo acertar minhas contas, pois incorri no mesmo erro. Ele está lá rente a parede obtuso e torto.

Dona Irene: Tolice, Marília. Tolice senhor Fontinelli. Não liguem para o que eu disse ontem. Estava um pouco nervosa. Só isso. O senhor, senhor Fontinelli, pode continuar aqui na pensão. Não vejo motivos para sua partida.

Fontinelli: Não. A senhora tem razão. Que espécie de ser humano sou eu? Como permiti que as coisas chegassem àquele ponto. Foi uma imoralidade de minha parte, vergonhoso mesmo. Não precisava chegar aonde chegou. Estou arrasado, derrotado. Como não tive forças para modificar aquela situação?!

Dona Irene: Senhor Fontinelli, não é preciso lamentar tanto. E nem você de se preocupar, Marília.

Marília: Estou atormentada. Sinto-me inútil.

Dona Irene: Talvez isso os console. Veja, veja atrás do relógio.

Fontinelli: Dona Irene!!!

Marília: Não pode ser!!!

Dona Irene: Está aí, rente à parede, obtuso e torto. De tamanho pequenino, mas está aí.

Fontinelli: Não acredito!!

Dona Irene: A vida é assim mesmo, é assim que deve ser. Como vê, essas coisas não escolhem hora, e nem lugar. Não respeitam ninguém. Acontece com todos.

Marília: A senhora tem razão dona Irene. A vida é assim mesmo, é assim que deve ser.

(Eles trocam olhares lastimando a situação)

Voz: "A vida é assim mesmo, é assim que deve ser". Essas palavras entranharam como punhal aos ouvidos do Senhor Fontinelli e revolveram todo o seu espírito. Sentira uma amargura intensa no peito, uma dor dilacerante e saindo dali, ele teve notícias de que aquela tortuosidade havia tomado conta de todo o bairro, depois toda a vila e, em seguida, a cidade inteira. Então, retornado ao seu quarto e retirando as saliências ele a afagou.

(Blecaute)

FIM

SUMÁRIO



O CORPO

*"FAÇAMOS O HOMEM À NOSSA IMAGEM
E SEMELHANÇA,
A HUMANIDADE SERÁ O CENTRO DA CRIAÇÃO.
A DISSIMILITUDE ENTRE NÓS E ELES:
A IMORTALIDADE".
(DO LIVRO DOS DEUSES – GÊNESIS)*



SUMÁRIO

PERSONAGENS:

- *O Enforcado*
- *O Velho*
- *O Jovem*
- *O Carreiro*
- *O Errante*

CENÁRIO:

Um muro de tijolos e uma árvore.

(Luzes. Noite alta de lua cheia. Num dos galhos da árvore um homem procura resistir e libertar-se da forca. Sentados sobre um dos galhos, que se encontram espalhados pelo chão, e com as costas viradas para a plateia, O Velho e o Jovem assistem a tudo e aguardam o desenrolar.)

O Jovem: *(Depois que o homem para de se debater e aproximando do corpo)* Acho que está na hora.

O Velho: *(Rindo)* Não. Ainda não. Precisamos aguardar pelo desfecho.

O Jovem: Ele não está mais se debatendo.

O Velho: *(Preparando o cachimbo)* Calma, muita calma. Não seja apressado. Tudo tem seu tempo certo. Vamos aguardar o desfecho.

O Jovem: *(Verificando a corpo)* Olha, o senhor há de me desculpar, mas aqui não tem mais salvação não, ele está morto.

O Velho: *(Fumando)* Você ainda tem muito que aprender meu bom e jovem rapaz. Observe os dedos dele.

O Jovem: *(Observando)* Estão quietos, nada mais se move.



SUMÁRIO

O Velho: Tem certeza?! Não há aí uma vibração, um frêmito qualquer?

O Jovem: *(Mais atento em sua observação.)* Nada mais se move...

O Velho: Tem certeza?!

O Jovem: Eh!! Parece que o senhor tem razão, o dedo mindinho ainda move. *(Receoso, toca a mão do enforcado que segura a sua. Ele corre para junto do velho)* Ele está vivo!

O Velho: *(Rindo)* Precisa se decidir, ainda há pouco dizia que ele estava morto.

O Jovem: *(Com medo)* É melhor aguardar o fim.

O Velho: *(Fumando)* É preciso perseverança nessa tarefa. A morte ainda não o possuiu. Ele é um rapaz forte e nesses casos o ato demora para consumir. Se ele fosse um velho e sofresse um ataque fulminante do coração, aí sim, o fim seria breve. Neste caso não. É preciso aguardar um pouco mais.

O Jovem: Que morte sofrida a dele! Dá agonia só de ver!

O Velho: Você ainda não viu nada!! Existem mortes muito piores do que essa. A morte aparente, por exemplo, a catalepsia. Essa é complicada! *(Fumando)* E enganosa também! Enganou muitos médicos no passado. Eles mandavam enterrar o indivíduo, ainda com vida, pensando que estivesse morto. Muitos anos depois, quando abriam a sepultura, viam que o corpo havia remexido no caixão.

O Jovem: Cruz credo!!! Que morte horrível!!! Não desejo uma morte assim nem ao meu maior inimigo! *(Pausa)* Já concluiu o desfecho?

O Velho: Paciência meu nobre amigo, paciência!



SUMÁRIO

O Jovem: *(Mostra-se impaciente)*

O Velho: Por que não vai lá ver?!

O Jovem: Tenho medo que ele se mova.

O Velho: Ele não lhe fará mal algum.

O Jovem: *(Toca o enforcado com as pontas dos dedos)* Está morto.

O Velho: *(Observa o enforcado)* Está morto.

O Jovem: Vamos levá-lo?

O Velho: Sim, mas... e os muros?

O Jovem: Os muros?!

O Velho: Sim, os muros, as areias. Ele parece muito pesado, não daremos conta de carregá-lo, atravessando esses muros e essas areias.

O Jovem: Eu consigo fazer isso sozinho.

O Velho: Nada melhor do que a juventude, a saúde!!! Se você acha que consegue, pois então vamos. Ele disse para onde devemos levar o corpo?

O Jovem: Não. Não disse. Não disse ao senhor?

O Velho: Mas você não ficou de perguntar?

O Jovem: Eu perguntei, mas ele não disse.

O Velho: Você deveria ter insistido.



SUMÁRIO

O Jovem: Eu insisti, mas sabe como é... Ele foi conversando comigo, conversando, conversando, falando da importância das coisas, eu fui me empolgando, interessando pela conversa dele e acabei não perguntando mais.

O Velho: Sempre foi assim!! Ele nunca diz para onde levar o corpo!

O Jovem: E agora?! O que faremos?

O Velho: Vamos esperar.

O Jovem: Esperar o quê?!

O Velho: Sei lá! Esperar que apareça alguém e nos ajude a levar esse corpo daqui, para onde eu não sei.

O Jovem: Desculpe-me. Eu não sei nem o que dizer. Foi inexperiência minha. Inexperiência dos principiantes, eu acho.

O Velho: Não fique assim tão desapontado. Ele sempre foi assim: nunca diz para onde levar o corpo.

O Jovem: *(Longa espera. Apontando o enforcado)* Quem será que fez esta maldade com ele?

O Velho: Ele mesmo.

O Jovem: Você acha que ele suicidou?

O Velho: Não sei.

O Jovem: É provável que ele tenha se matado.

O Velho: O que faz você pensar assim?

O Jovem: Ele não está com as mãos amarradas.



SUMÁRIO

O Velho: De fato, não está. Mas isso não quer dizer muita coisa.

O Jovem: Se fosse assassinato, ele estaria com as mãos amarradas. Certamente o assassino amarraria as mãos dele, para que tudo ficasse mais fácil.

O Velho: É, pode ser que sim.

O Jovem: Ou, quem sabe, o assassino não amarrou as mãos dele para que o suplício fosse maior.

O Velho: É provável também.

O Jovem: Ele ficaria ali horas e horas segurando o corpo com as mãos, dependurado, até não aguentar mais. Depois, com os braços já fracos, o corpo ia ficando pesado, pesado, até ele ceder aos encantos da corda. O assassino aqui debaixo sorvendo sua vingança e não permitindo que ele subisse pela corda.

O Velho: Que imaginação fértil a sua! Pouco provável que tenha sido assim. Enfim, nunca saberemos como tudo aconteceu. Tudo que sabemos é que a morte rondava o ambiente quando chegamos. Mas pouco me interessa se ele está aí por vontade própria ou de outro, não faz nenhuma diferença.

O Jovem: Claro que há diferença! Uma coisa é ele vir aqui por vontade própria, colocar uma corda no pescoço, subir na árvore e pular lá de cima. Outra coisa é alguém trazê-lo a força e jogá-lo lá de cima com uma corda no pescoço. Na primeira hipótese ele se matou, na segunda alguém o matou. *(Tenta ver por sobre o muro, não conseguindo, sobe em um pedaço de galho seco, para ver melhor. Observa ao longe com uma luneta).*

O Velho: Mas para que ele chegasse a uma situação ou a outra tudo dependeu dele mesmo.



SUMÁRIO

O Jovem: Mas o senhor tem que reconhecer que numa situação ele suicidou, na outra, ele foi assassinado.

O Velho: Penso que em qualquer das situações ele está morto, é o quanto me basta. O que você está fazendo?

O Jovem: Vendo se o assassino ainda está por perto.

O Velho: Então você está mesmo convencido de que foi assassinato?

O Jovem: Nunca se sabe.

O Velho: Vê alguma coisa?

O Jovem: Nada.

O Velho: Vem alguém?

O Jovem: Quem?

O Velho: Alguém, para nos ajudar.

O Jovem: Ninguém. Só vejo areia brilhando ao frescor da lua.

O Velho: Areia?! De que cor?

O Jovem: Ora! Areia tem cor de areia.

O Velho: O que mais você vê?

O Jovem: Nada.

O Velho: Nada?!?

O Jovem: Nada. Só muros.

O Velho: Muros?!?



SUMÁRIO

O Jovem: Sim, muros.

O velho: E depois dos muros?

O Jovem: Mais areias ao frescor da lua.

O Velho: Areia?!

O Jovem: Sim, areia.

O Velho: Você disse que não havia nada.

O Jovem: E não há nada. Só muros e areia.

O Velho: Então não vem ninguém?

O Jovem: Ninguém.

O Velho: Desça. Quero ver.

(O Jovem desce, O Velho toma a luneta e sobe.)

O Jovem: O que você vê?

O Velho: Nada.

O Jovem: Vem alguém?

O Velho: Quem?

O Jovem: Alguém, para nos ajudar.

O Velho: Nem sinal de gente!

O Jovem: O que mais você vê?

O Velho: Nada.



SUMÁRIO

O Jovem: Nada?!

O Velho: Só areia e muros.

O Jovem: Areia?! De que cor?

O Velho: *(Descendo e sentado novamente em um outro galho seco)*
Areia tem cor de areia, ora essa! *(O jovem também senta no galho.)*

O Jovem: De fato.

O Velho: *(Longa pausa).* Vamos rezar.

O Jovem: Rezar?! Por quê?

O Velho: Pelo falecido. *(Lendo)* Levante-se, fique de pé. "Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra". Onde está seu livro? Você quer, por favor, pegar o seu livro.

O Jovem: Não tenho livro.

O Velho: Não tem livro?! Reze sem ler.

O Jovem: Não sei rezar.

O Velho: Então pelo menos repita o que eu falar. "Creio em Deus Pai, todo poderoso, criador do céu e da terra..." Vamos, repita.

O Jovem: O senhor acredita em Deus?

O Velho: Fique quieto e repita comigo... "de onde há de vir julgar os vivos e os mortos..."

O Jovem: Acredita ou não acredita?

O Velho: Meu rapaz...!!!



SUMÁRIO

O Jovem: Porque se realmente existe Deus, esse aí cometeu pecado. Ou ele, ou alguém cometeu um pecado.

O Velho: Com que direito você está julgando este pobre coitado? Você sabe lá o que é e o que não é pecado!?

O Jovem: Pecado?! Pecado é pecado, ora essa!! E matar é pecado, quero dizer: deve ser pecado.

(Ouve-se, vindo de longe, o gemido de um carro de boi.)

O Velho: Ouça. Está ouvindo? *(Com a luneta)* Vem alguém.

O Jovem: Será que ele vai nos ajudar?

O Velho: Acho que vem ao nosso encontro.

(O gemido do carro de boi é intenso. Entra um rapaz de meia-idade puxando um carro de boi).

O Carreiro: Ôôôôôaaaaaa. Boooiii!! Vamô. Boooiii!! Queto. *(Depois de acomodar o carro de boi)* Boa noite!

O Velho: Boa noite!

O Jovem: Boa noite!

Carreiro: Puxa!!! Atravessar estas areias puxando um carro de boi não é nada fácil!

O Velho: Cadê sua parelha de boi?!

Carreiro: Era um só. Não aguentou a viagem. Morreu. Muita areia!

O Jovem: E por que grita com o boi se ele não está no carro?



SUMÁRIO

Carreiro: Costume. O uso do cachimbo põe a boca torta. Sempre carreei gritando com os bois.

O Jovem: E os muros?

O Carreiro: Um trabalhão!! Tive que formar montes de areias de um lado e do outro, para o carro de boi passar.

O Jovem: Só o senhor?!

O Carreiro: Não tinha ninguém para ajudar.

O Jovem: Não acredito!! E de onde o senhor veio há muitos muros?

O Carreiro: Muitos.

O Jovem: Quantos?

O Carreiro: Num contei não senhor, mas são muitos.

O Jovem: E por que esta carga toda?

O Carreiro: Estou aproveitando viagem. Estava carreando por estes caminhos, me pediram para passar aqui e pegar o corpo.

O Velho: Que bom!! Até que enfim alguém para nos ajudar!

O Jovem: Eu não acreditaria se não estivesse vendo!

O Velho: E quem mandou o senhor?

O Jovem: Quer dizer que o senhor puxou esse carro de boi, sozinho, nesse mundão de Deus.

Carreiro: Não teve outro jeito.

O Jovem: Deve ter dado mesmo muito trabalho!



SUMÁRIO

Carreiro: O senhor nem imagina!!

O Jovem: Vem mais alguém?

Carreiro: Mais alguém?! Não sei de quem o senhor está falando não!

O Velho: É que eu imaginei que talvez pudesse estar vindo mais alguém.

Carreiro: Se vem eu não sei não senhor.

O Velho: Quem lhe mandou aqui, para buscar o corpo?

Carreiro: O chefe da comitiva. Quero dizer, deve ser o chefe da comitiva porque ele tinha o cavalo mais bonito e me deu um bom dinheiro.

O Velho: Comitiva?! Que comitiva?!

Carreiro: Num sei. Tinha muita gente que acompanhava ele, por isso que eu acho que era uma comitiva.

O Velho: E como era ele?

Carreiro: Um senhor de meia-idade, cabelos grisalhos e uma longa barba branca.

O Velho: É ele!

Carreiro: O senhor o conhece?

O Velho: Acho que sim. E o senhor o conhece?

Carreiro: Num conheço não senhor. Ele só me pediu para vir aqui e levar o corpo. Mais nada.

O Velho: E para onde ele o mandou levar o corpo?

Carreiro: *(Só agora dando conta)* Num disse não senhor.



SUMÁRIO

O Velho: *(Ao Jovem)* Não falei! Ele nunca diz para onde levar o corpo.

O Jovem: E agora?!!

O Velho: Como o senhor recebe uma encomenda e não sabe onde entregá-la?!

Carreiro: Na hora eu não pensei não senhor. Só pensei no dinheiro que ele estava me pagando.

O Velho: Pois então o senhor volte lá e pergunte onde devemos levar o corpo.

Carreiro: Não vou voltar não senhor. Eles não estão lá mais não.

O Velho: Como não estão mais lá?!

Carreiro: Ouvi um deles dizendo que toda a comitiva seguiria rumo ao Norte.

O Velho: Rumo ao Norte!!?

Carreiro: Foi o que eu ouvi senhor.

O Velho: E agora, o que faremos? Vamos ficar aqui velando o corpo a noite toda?

Carreiro: Num sei não senhor.

O Jovem: Se não sabemos para onde levar o corpo, melhor é enterrá-lo aqui.

O Velho: Você ficou maluco?! Não podemos enterrá-lo aqui.

O Jovem: E por que não?

O Velho: Ele merece um enterro cristão.



SUMÁRIO

O Jovem: Então vamos levá-lo para um cemitério mais próximo.

Carreiro: O cemitério mais próximo!? Acho que não vai ser possível não, senhor. Fica mais ou menos uns trezentos quilômetros daqui.

O Jovem: Isso dá alguns dias de caminhada!

Carreiro: Sem contar as dificuldades com os muros e as areias.

O Velho: Com essa distância o corpo deve chegar lá em estado de putrefação.

Carreiro: Num entendo disso não senhor.

O Velho: É...!!! Não tem outro jeito. Vamos ter que enterrá-lo aqui. (Ao carreiro) O senhor, pegue sua pá e enxada, faça uma cova bem grande.

Carreiro: (*Obedece às ordens, porém antes de iniciar a escavação observa o enforcado*) Não vou cavar cova nenhuma para esse homem não.

O Velho: Por quê?

Carreiro: Ele soltou a minha pipa.

O Velho: Soltou a sua pipa!! Essa é muito boa!! Então ele é conhecido seu?!

Carreiro: É moço, desde criança. Crescemos juntos na mesma fazenda.

O Velho: Ele é parente seu?!

Carreiro: Não. Não é meu parente não senhor. Eu morava na fazenda dos pais dele. Trabalhava lá, ajudando a cuidar do gado.



SUMÁRIO

O Velho: Parece que senhor deve a ele alguma gratidão, já que trabalhou na fazenda dos pais dele. O senhor não acha que isso é um bom motivo para dar a ele um enterro cristão?!

Carreiro: Num gosto dele não senhor. Ele soltou minha pipa.

O Velho: Não estou entendendo! Que mal há em brincar de pipas? Toda criança brinca de pipa. Não se pode negar enterro cristão a um homem só porque ele, quando criança, brincou com sua pipa.

Carreiro: Foi a única que tive, moço. Vivo sonhando em ter outra, para brincar nos campos como naqueles dias. Mas nunca mais consegui outra! Nunca mais!

O Jovem: E que pipa era essa que deixou o senhor, assim, tão acabrunhado? Pipa é só um pedaço de papel e algumas varetas de bambu!

Carreiro: Num era uma pipa de verdade não moço. Era uma pipa que eu imaginava.

O Jovem: Uma pipa imaginária?!'

Carreiro: É moço! Eu imaginava que tinha uma pipa, mais num tinha pipa não. Era tudo de mentirinha. Meu pai não tinha dinheiro para me dar uma pipa não. Então, eu gostava de brincar... de imaginação minha, que eu tinha uma pipa bem grande. Tolicie minha! Invenção de criança! Num tinha pipa coisa nenhuma não! Eu gostava de brincar com minha pipa inventada, toda tarde, lá nos campos, enquanto esse homem aí soltava sua pipa de verdade. O pai dele tinha muito dinheiro e podia comprar quantas pipas ele quisesse. Eu não. Eu só tinha essa e ele achou de soltar ela.

O Jovem: E por que ele soltou sua pipa?



SUMÁRIO

Carreiro: Não gostava que eu ficasse correndo nos campos para empinar a pipa e queria acabar com essa história. Falei com ele que era só brincadeira, mas ele ficou furioso e disse que ia resolver isso de qualquer maneira. Um dia moço, num domingo, enquanto eu empinava minha pipa e ele a dele, ele parou de correr e disse: “Desça sua pipa. Nós vamos fazer uma aposta.” Que aposta, eu perguntei. “Uma corrida.” E foi logo apontando uma árvore. Depois, disse que quem chegasse primeiro na árvore ficaria com a pipa do outro. Eu não queria apostar coisa nenhuma e muito menos a pipa dele. A minha voava muito mais alta do que a dele. Mas num adiantou moço, ele me obrigou apostar corrida com ele, mesmo eu sendo muito menor do que ele, porque desde criança eu fui criança miúda. Quando estávamos correndo, eu, já perto da árvore, tropecei e cai. Pedi outra chance, ele disse que não e foi logo pegando o novelo de linha com cerol e empinando minha pipa. Quando ela estava bem alta, lá, junto das nuvens, ele disse: “Sua pipa agora é minha. Ela está livre e você nunca mais poderá soltar pipa,” e foi arrebrandando a linha. O cerol feriu o dedo dele, mas ele nem ligou. Corri atrás da pipa na esperança de pegar a linha e amarrá-la novamente no novelo, mas não consegui. O vento estava forte demais moço, uma ventania só, e, eu não consegui pegar a linha. Subiu tudo, linha e pipa, lá nas alturas do céu. Nesse mesmo dia moço, eu fui morar na cidade e nunca mais vi esse homem. E também moço, nunca mais eu empinei pipa! Nunca mais!

O Jovem: E por que não?! Se sua pipa era imaginária, bastava o senhor imaginar outra.

Carreiro: Não consigo mais moço! Não consigo mais! Toda vez que eu fecho os olhos, só vejo minha pipa sumindo, sumindo lá no céu.

O Jovem: Onde o senhor pensa que vai? O senhor foi pago para levar esse corpo.

Carreiro: Não tenho que levar corpo nenhum não, moço.



SUMÁRIO

O Jovem: E o dinheiro que o senhor recebeu?

Carreiro: Fica comigo, em pagamento da pipa que ele soltou.

O Jovem: Você pensa...

O Velho: Deixe-o ir.

O Jovem: Mas...

O Velho: É melhor assim.

Carreiro: *(Saindo)* Vou deixar a pá e a enxada, caso o senhor precise. Até um outro dia.

O Velho: Até um outro dia.

Carreiro: Ôôôôôaaaaaa. Boooiii!! Vamô. Boooiii!!

O Jovem: *(Retoma a luneta, olha de um lado e de outro).*

O Velho: Vem alguém?

O Jovem: Nada!! Ninguém!!

O Velho: Talvez a comitiva passe por aqui.

O Jovem: Mas como, se seguiram rumo norte!?

O Velho: Não sei!! Não vamos perder as esperanças.

O Jovem: Enquanto isso, o que faremos?

O Velho: O que se deve fazer enquanto espera.

O Jovem: O que se faz enquanto espera?



SUMÁRIO

O Velho: Sei lá!! Procure qualquer coisa.

O Jovem: Que tal contar grãos de areia?

O Velho: É uma boa ideia. Isso pode manter você ocupado por muito tempo.

O Jovem: Mas é muito pequeno!!

O Velho: Invente qualquer coisa, então.

O Jovem: Vou construir castelos de areia, o que você acha?

O Velho: *(Ainda com a luneta)* Brilhante!! Magnífica ideia!!

O Jovem: *(Remexendo na areia para construir castelos)* O senhor não vai fazer nada? Vai ficar aí parado, só me olhando?!

O Velho: Vou dá uma volta pelas redondezas, vê se encontro alguém.
(Sai)

(Longa pausa. Entra O Errante andando como cavalo).

O Jovem: *(Como se estivesse montado num cavalo, acompanha O Errante)* O senhor pode parar um pouco, preciso conversar com o senhor?

O Errante: *(Relincha)* Não tenho tempo a perder.

O Jovem: Para onde o senhor vai?

O Errante: *(Relincha)* Não sei

O Jovem: De onde o senhor veio?

O Errante: Não sei.

O Jovem: E os muros?!



SUMÁRIO

O Errante: Vim saltando de muros em muros.

O Jovem: Mas de onde veio?

O Errante: (*Relincha*). Não sei, corro pelos caminhos. Onde há caminhos, eu caminho. Os caminhos são os meus guias.

O Jovem: Desça do cavalo, gostaria de sua ajuda.

O Errante: Não está vendo que não estou montado num cavalo! Eu sou um cavalo. (*Relincha*).

O Jovem: O senhor é um cavalo?!

Errante: Não percebe?!

O Jovem: É que o senhor tem o corpo de gente, modos de gente, por isso pensei que fosse gente.

Errante: Ando como um cavalo, penso como um cavalo, pasto como um cavalo. Portanto: eu sou um cavalo. (*Relincha*). A seu dispor.

O Jovem: Sim claro... Claro que o senhor é um cavalo. Mas senhor cavalo, estou precisando de ajuda.

O Errante: Desculpe-me, mas não posso parar. Não posso parar nunca.

O Jovem: Gostaria que o senhor nos ajudasse a levar esse homem, quero dizer esse corpo.

O Errante: Esse corpo!! Há um corpo aqui?! Deixe-me ver. (*Aproxima do corpo e o observa. Relincha*). Hum! Que morte horripilante!! O inexorável ciclo se completa, vida e morte; morte e vida! Ele se matou?



SUMÁRIO

O Jovem: Não sabemos. Quando chegamos aqui, eu e meu amigo, ele já estava aí dependurado nesta corda.

O Errante: Onde está seu amigo?

O Jovem: Saiu à procura de ajuda.

O Errante: Não tenho dúvida, foi suicídio.

O Jovem: Mas o que faz o senhor pensar assim?

O Errante: Ele não está com as mãos amarradas. Se fosse assassinato, as mãos dele estariam amarradas.

O Jovem: O meu amigo não pensa assim. Ou melhor, ele pensa que não faz a menor diferença se foi suicídio ou assassinato.

O Errante: (*Relincha*) Mas claro que foi suicídio! Qualquer estúpido pode chegar a esta conclusão. O que estamos vendo diante de nossos olhos, nada mais é de que um caso típico de suicídio.

O Jovem: Eh!! É provável que sim, mas é provável que não também. Existe a possibilidade de o assassino não ter amarrado as mãos do falecido para que o suplício fosse maior.

O Errante: (*Relincha*). Hum!!! Visando sorver a vingança aos pouquinhos?! É provável! É razoavelmente provável! Puxa!!! Que imaginação fértil!!

O Jovem: Obrigado! Fui eu quem levantou esta hipótese.

O Errante: Muito perspicaz!!!

O Jovem: Eh!! Mas tem algumas coisas que eu ainda não consigo compreender direito.



SUMÁRIO

O Errante: O que, por exemplo?!

O Jovem: Não sei se faz diferença, quero dizer: não sei se é importante saber se foi suicídio ou assassinato.

O Errante: (*Relincha*) Irrelevante, meu caro amigo. Irrelevante!

O Jovem: O meu amigo também pensa assim. Ele acha que não faz a menor diferença e que, em qualquer das duas hipóteses: suicídio ou assassinato, ele, (*Apontando o corpo*) somente ele, foi responsável por tudo.

O Errante: (*Relincha*) Bem... Meu caro jovem, não sei quais foram os males do falecido e nem quero saber. Mas quaisquer que sejam esses males, não acredito que ele tenha resolvido, solucionado alguma coisa retirando a sua própria vida. Se existe algum mal, esse mal ainda permanece.

O Jovem: Nisso o senhor tem razão! Ninguém resolve nada nessa vida excluindo-se dela. E acho também que jamais vamos saber ao certo se foi suicídio ou assassinato.

O Errante: Como já disse: irrelevante. Extremamente irrelevante! O importante, na minha humilde consideração, são os modos como ele viveu.

O Jovem: Interessante! Muito interessante! O meu amigo pensa que o importante é que ele está morto.

O Errante: Pontos de vista, meu caro amigo. Pontos de vista, nada mais.

O Velho: (*Entrando*) Ninguém! Não encontrei ninguém!

O Jovem: Oh!! Sim... Deixe-me apresentá-lo. Este aqui é o senhor cavalo.

O Velho: Cavalo?!



SUMÁRIO

O Errante: (*Relincha*) A seu dispor.

O Velho: É que...

O Jovem: Eu também pensei que ele fosse humano, mas não é. Ele é um cavalo. Ele passou por aqui e eu estou pedindo a ajuda.

O Velho: O senhor pode nos ajudar?

O Errante: Estou a seu dispor. Em que posso ser útil?

O Jovem: (*Ao Velho*) Nós estávamos conversando, mas eu ainda não tive tempo de pedir os préstimos do senhor cavalo.

O Errante: Vamos, diga logo. Em que posso servi-los?

O Jovem: É que... Nós precisamos levar este corpo.

O Errante: Para onde?

O Jovem: Não sabemos ao certo. Mas nós não queremos deixá-lo aqui.

O Errante: Então os senhores querem levar um corpo, não sabem para onde e desejam a minha ajuda?!

O Jovem: É isto mesmo.

O Errante: (*Relincha. Depois ri*) Receio que não posso ajudá-los.

O Jovem: Um senhor nos mandou aqui, para pegar o corpo, mas não disse para onde devemos levá-lo.

O Velho: (*À parte*) É irritante, mas ele nunca diz para onde devemos levar os corpos!

O Errante: E que senhor é esse?



SUMÁRIO

O Velho: Não sabemos o seu nome, aliás, ele tem vários nomes. Em cada lugar ele se apresenta com um nome diferente.

O Errante: E que como ele é... Eu digo fisicamente?

O Jovem: Barba branca... Cabelos grisalhos... Aparenta uns 50 anos mais ou menos, veste roupas, sempre, muito bem talhadas.

O Errante: E tem um excelente representante de minha espécie?

O Jovem: Sim. Ele anda montado num cavalo.

O Errante: Ah!!! Acho que sei quem é. Pela sua descrição deve ser o homem da caravana.

O Velho: Ele sempre anda acompanhado de multidões.

O Errante: Estou certo de que falamos do mesmo homem. A sua descrição confere com o chefe de uma caravana que encontrei pelos meus caminhos.

O Jovem: Então o senhor o conhece?!

O Errante: E quem já não ouviu falar dele?!

O Velho: Ele mandou algum recado?

O Errante: Que coincidência, não!! Eu passei por ele esta manhã e ele me perguntou para onde ia. Eu disse que não sabia. Mesmo assim ele insistiu que se eu encontrasse com um velho e um jovem pelos meus caminhos ele queria que eu desse um recado.

O Velho: E que recado era esse?

O Jovem: Ele disse para onde devemos levar o corpo?



SUMÁRIO

O Errante: Não. Não disse.

O Velho: O que ele disse afinal?

O Errante: Não me lembro muito bem. Não prestei atenção e depois imaginei que não encontraria vocês!

O Jovem: Procure lembrar. É muito importante para nós.

O Errante: Era alguma coisa sobre o falecido.

O Velho: Sim... O que era?

O Errante: Ah!!! Sim!! Lembrei.

O Jovem: Pois então diga logo.

O Errante: (*Procurando lembrar*) Ele disse que não poderá vir aqui hoje para informá-los onde levar o corpo, mas amanhã, pela manhã, ele virá.

O Velho: (*À parte*) Eu sabia!! Ele não diz nunca!

O Jovem: E essa agora? O que faremos?! Se ouvi bem, ele disse que viria amanhã?

O Errante: Sim, pela manhã.

O Jovem: Então, não nos resta outra coisa senão esperar.

O Errante: Ou enterrá-lo aqui.

O Jovem: É que meu amigo não quer enterrá-lo sem as cerimônias religiosas.

O Errante: Sendo assim, creio que não posso ajudá-los em muita coisa, e não posso ficar aqui parado. Preciso seguir caminhos. Até um outro dia meu caro amigo. Até um outro dia.

O Jovem: Até um outro dia.

(O Velho toma a luneta)

O Jovem: O que você vê?

O Velho: Nada.

O Jovem: Vem alguém?

O Velho: Quem?

O Jovem: Alguém, para nos ajudar.

O Velho: Nem sinal de gente!

O Jovem: O que mais você vê?

O Velho: Nada.

O Jovem: Nada?!

O Velho: Só areia e muros.

O Jovem: Areia?! De que cor?

O Velho: Areia tem cor de areia, ora essa!!

O Jovem: De fato.

FIM.

1 A cena da pipa imaginária é uma livre adaptação do conto "Cavalo Imaginário" de Moacyr Scliar)

POSFÁCIO

O livro *O Teatro de Romero Nepomuceno Volume I*, organizado pelos professores universitários e pesquisadores Marcos da Silva Sales, Helciclever Barros da Silva Sales e André Luís Gomes nos traz, em seu palco diegético, cinco peças do dramaturgo, além de uma didática biografia e imagens que ilustram (no palco mimético) o autor mineiro e suas obras em atos, cenas, quadros e coxias. Não é forçoso ponderar que o presente livro contribui, consideravelmente, para a divulgação do legado teatral de Romero Nepomuceno para a literatura dramática brasileira. O leitor é conduzido a uma espécie de efeito catártico que deságua num projeto estético autoral criativo, coeso, maduro e de alta teatralidade dramatúrgica.

Cumprir destacar que as peças de Nepomuceno objetivam, a um só tempo, compreender o incompreensível e ponderar sobre o imponderável, ou seja, a condição humana. A aproximação de suas obras com a estética de Albert Camus e de Samuel Beckett, associado ao seu talento individual - como ponderou o crítico e ensaísta T.S Eliot¹ - torna a dramaturgia *nepomu(cênica)* em um vigoroso teatro que irrompe as fronteiras dos manuais de *playwriting* e dos modelos estabelecidos pela chamada "peça bem-feita"; enfatizando, em sua verve, as intrincadas (e nem sempre transparentes) relações de poder que aproximam e distanciam (nem sempre nesta ordem) as pessoas de si e das outras em decorrência de identidades fragmentadas, de posição política, de classes sociais e de ordem econômica.

Construída sob a égide da descontinuidade, que rompe o enredo factual (tornando-se quase uma *Mise en abyme*), a peça

1 ELIOT, T. S. Tradição e talento individual. In: *Ensaíolos*. Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989, p. 37-48.



SUMÁRIO

A *fábrica* traz, por exemplo, em sua diegese, o ser humano como mero objeto descartável que serve como “combustível” para o pleno funcionamento das caldeiras de uma empresa. Assim, *A fábrica* torna-se a representação do trágico moderno-contemporâneo que se caracteriza pela fragmentação e pelo esmaecimento do afeto, ou, como estabelece Raymond Williams², ao ponderar que, no âmbito da tragédia moderna, “[...] a questão toda da resolução é mais difícil, porque as personagens são mais individualizadas”.

Marcos, Helciclever e André nos possibilitam evidenciar que Romero Nepomuceno retrata - quase se diria mimeticamente - a complexidade da condição humana, seja pela ordem política exploratória dos cofres públicos em *O Príncipe de Quok*, seja pela aceitação caótica da (des)ordem inscrita, por exemplo, na peça *Nós, os Humanos*. Em perspectiva, o dramaturgo, sem concessões, sem exagero patético (*pathos*) e também sem distanciamento artificial, conduz o leitor - para além de qualquer fingimento estético - às fissuras da incompletude humana; revelando-se, sem atenuação discursiva, um artista de considerável lastro, cuja expressividade criativa repousa em sua estética permeada de (quase) distopia.

Por fim, pode-se e deve-se considerar que a produção de Romero Nepomuceno se caracteriza por ser uma espécie de afunilamento abissal. É, em sentido dramatúrgico, o *telling* à espera do *showing*. O drama (na acepção da etimologia da palavra) à espera do primeiro ato. A sua escrita (processo) e o drama (produto) chegam, de forma deleitosa, ao leitor, antes de cair o pano alegórico do palco imaginário. Cenas e quadros (com analepses e prolepses) revelam o ofício criativo que se espalha pelas camadas dos cinco textos de Romero Nepomuceno, os quais são apresentados (mediados) por Marcos da Silva Sales, Helciclever Barros da Silva Sales e André Luís Gomes. Cá me encontro, como leitor/espectador amante do bom teatro, em pé, aplaudindo, em reverência, ao dramaturgo e aos organizadores.

O que resta agora? Parafraçando Hamlet³, em sua última cena e fala, ousarei dizer: "O mais, tudo é silêncio", o indefectível silêncio da leitura.

Wagner Corsino Enedino

Três Lagoas/MS

Outono de 2023.

SUMÁRIO

SOBRE OS ORGANIZADORES

SUMÁRIO



Marcos da Silva Sales

Professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Leciona para alunos da educação básica: Ensino Fundamental e médio. Mestrando em Literatura pela Universidade de Brasília – UnB. Realiza oficinas Básicas e avançadas de Teatro para alunos em idade escolar, professores e público-adulto. Atuou, dirigiu e organizou diversos espetáculos teatrais da cena alternativa em Brasília. É pesquisador em Educação e atua nas seguintes temas e áreas do conhecimento: literatura, semiótica, estética e história da arte educação no Brasil.



Helciclever Barros da Silva Sales

Pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília. Investiga as relações intermidiáticas da obra poética de Edgar Allan Poe com as outras artes. Também estuda o Teatro de Plínio Marcos em perspectiva comparada com outros dramaturgos e contextos culturais, linguísticos e literários de outros países de língua portuguesa, inglesa e francesa. Autor e Coautor de dezenas de artigos e capítulos de livros nas áreas de literatura, teatro, cinema e educação. Faz parte de Comitês Científicos de Editoras e Revistas. Realiza pareceres para revistas científicas nacionais e internacionais nas áreas de literatura e educação. É Pesquisador Membro da Poe Studies Association - PSA (EUA), da Associação Brasileira de Literatura Comparada (Abralic) e da Modern Language Association - MLA (EUA).

SUMÁRIO



André Luís Gomes

Pós-doutorado na Universidade do Minho (início 2019), Pós-doutorado na Université Rennes 2 (set/2013 -set/2014) Doutor (2004) e mestre (1998) em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Graduação em Educação Artística - habilitação em ARTES CÊNICAS na Escola de Comunicação e Artes (ECA - USP) e em LETRAS pela Universidade de Franca (1989). Professor do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da Universidade de Brasília. Exerceu a coordenação do Programa de Pós-graduação em Literatura (PósLIT-UnB) no biênio abril/2011 - abril/2012 e a chefia do TEL entre maio de 2008 e maio de 2010. Ocupou o cargo de tesoureiro da ANPOLL (biênio 2006-2008) . Conselheiro da ABRALIC (2015 2017). Editor da Revista Cerrados - Revista do Programa de Pós-graduação em Literatura (2007 - 2012) e editor geral da Revista da Anpoll (2010-2012). Autor dos livros MARCAS DE NASCENÇA: a contribuição de Gonçalves de Magalhães para o Teatro Brasileiro e CLARICE EM CENA: AS RELAÇÕES ENTRE CLARICE LISPECTOR E O TEATRO. Organizador os livros ENSINO TEATRO (2012) , PENSO TEATRO (2013) E PENSO TEATRO (2014). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Dramaturgia Brasileira, Crítica e adaptação teatral, Literatura e outras artes. Diretor e coordenador do COLETIVO DE QUARTA (grupo teatral).

BIOGRAFIA DO AUTOR

Romero Nepomuceno, formado em Ciências Contábeis, trabalhou como servidor público no governo federal por mais de trinta anos. Nascido no Estado de Minas Gerais, na cidade de Patos de Minas, filho do diretor de teatro mineiro e artista plástico Vicente Nepomuceno, o dramaturgo viveu parte de sua juventude auxiliando seu pai em montagens de peças teatrais no núcleo de teatro denominado Centro de Estudos Teatrais CET e na Fundação Cultural do Alto Paranaíba - FUCAP. Na década de 1970, mudou-se para Brasília. Na capital federal, encenou diversas peças da literatura nacional e estrangeira, em paralelo ao serviço público. Atuou em diversos festivais em Minas Gerais, como jurado a fim de escolher melhor montagem, direção e atuação. Todavia, seu processo criativo como dramaturgo se manteve em segredo na Capital Federal por muitos anos. Seus primeiros textos foram *Assassinato da Sala Burguesa* (1972) e *A cidade do Absurdo* (1975) (censurada pelo Departamento de Operações e Censura da Polícia Federal, Dops) *E se a porta não abrir?* (2005) *O homem sem cabeça* (2007), *O Príncipe de Quok* (2009), *O Corpo* (2011), *A Fábrica* (2005), além de outros. Segundo o autor, após a Ditadura Militar, foram encenados os textos *O Príncipe de Quok* em 2014 e *Nós - Ato III* em 2023. Os demais textos de sua obra continuam inéditos aguardando produção e *mise-en-scène*. Romero também é ator e diretor teatral, militante e defensor do acesso ao teatro para todos.

SUMÁRIO

VOLUME I

www.pimentacultural.com

Teatro de Romero Nepomuceno

